



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Diego Sousa Schiavo Calmon

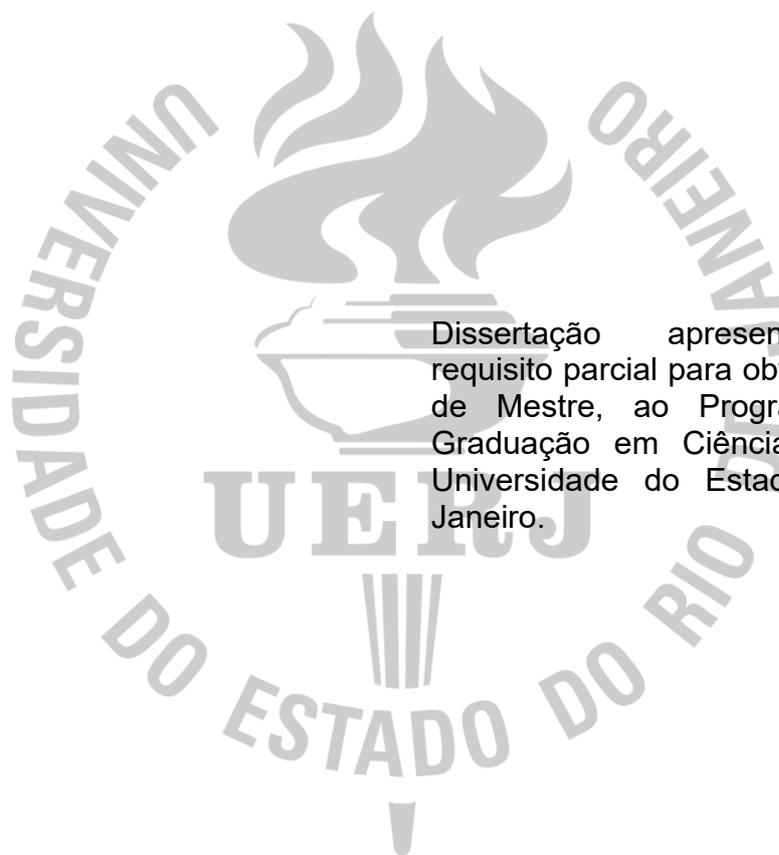
**“Personalidades foscas”: sexualidade e roteiro em jovens universitários no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2019

Diego Sousa Schiavo Calmon

**“Personalidades foscas”: sexualidade e roteiro em jovens universitários no  
Rio de Janeiro**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Claudia Pereira Coelho

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

C164 Calmon, Diego Sousa Schiavo.  
"Personalidades foscas": sexualidade e roteiro em jovens universitários  
no Rio de Janeiro / Diego Sousa Schiavo Calmon. – 2019.  
91 f.

Orientadora: Maria Claudia Pereira Coelho.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Ciências Sociais.

1. Orientação sexual - Rio de Janeiro (Estado). 2. Ciências sociais - Rio  
de Janeiro (Estado) - Teses. 3. Jovens - Comportamento sexual - Rio de  
Janeiro (Estado) - Teses. 4. Sexo - Teses. I. Coelho, Maria Claudia Pereira.  
III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais.  
IV. Título.

CDU 392.6(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou  
parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Diego Sousa Schiavo Calmon

**“Personalidades foscas”: sexualidade e roteiro em jovens universitários no  
Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Maria Claudia Pereira Coelho (Orientadora)  
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

---

Profa. Dra. Maria Elvira Diaz-Benítez  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Waleska de Araújo Aureliano  
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

---

Dr. Bruno Zilli  
Centro Latino-americano de Sexualidade e Direitos  
Humanos - UERJ

Rio de Janeiro

2019

## **AGRADECIMENTOS**

A Maria Claudia Coelho, pelo apoio e confiança em todo o desenvolvimento da pesquisa.

Aos membros da minha banca, Maria Elvira, Waleska Aureliano e Bruno Zilli, por terem aceitado participar da avaliação do meu trabalho.

Aos meus pais, Eliane Calmon e Márcio Calmon, pelo carinho e por toda a contribuição.

Aos interlocutores entrevistados, pela disponibilidade e companheirismo.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa de estudos e auxílio financeiro que possibilitou a dedicação integral ao programa de pós-graduação.

## RESUMO

CALMON, D. S. S. "*Personalidades foscas*": sexualidade e roteiro em jovens universitários no Rio de Janeiro. 2019. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta dissertação propõe refletir, a partir do campo da antropologia das emoções e da teoria da roteirização, de que maneira os aspectos macrossociais presentes nas literaturas sobre a bissexualidade podem ser examinados em cenas-chaves da vida cotidiana de cinco jovens. Em primeiro lugar, a pesquisa propõe explicitar alguns discursos presentes no campo teórico sobre a bissexualidade, com o intuito de identificar algumas questões correlativas à visibilidade e ao apagamento social. Em seguida, examina-se de que maneira as noções binárias como masculino/feminino estão presentes nos roteiros sexuais dos jovens. Por fim, examina-se as gramáticas emocionais presentes em cenas em que a bissexualidade se tornou foco de atenção, tanto para a sua exposição ou silenciamento.

Palavras-chave: bissexualidade; roteiros sexuais; sexualidade e antropologia das emoções.

## ABSTRACT

CALMON, D. S. S. "*Blurry personalities*": sexuality and script of undergraduates from Rio de Janeiro. 2019. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This dissertation proposes to reflect, under the aegis of anthropology of emotions and the theory of the scripting, in what way macrosocial aspects present in the literature on bisexuality can be examined in key scenes of the daily life of five young people. In first place, it proposes to make explicit some discourses present in the theoretical field on bisexuality, with the intention of identifying some issues related to visibility and social erasure. Next, we examine how binary notions such as masculine / feminine are present in the sexual scripts of young people. Finally, we examine the emotional grammars present in scenes where bisexuality has become a focus of attention, both for its exposure and for silencing.

Keywords: bisexuality; sexual script; sexuality and anthropology of emotions.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
1	<b>ESCRITAS DA BISSEXUALIDADE</b> .....	12
1.1	<b>Metodologia</b> .....	12
1.2	<b>Genealogia</b> .....	14
1.3	<b>Identidade e movimentos sociais</b> .....	16
1.4	<b>Duas etnografias brasileiras</b> .....	18
1.5	<b>Sobre segredos e revelações parciais</b> .....	25
1.6	<b>Roteirização e conduta sexual</b> .....	28
1.7	<b>Antropologia das Emoções</b> .....	31
2	<b>BINARISMO</b> .....	38
2.1	<b>“Eu gosto de pessoas”</b> .....	41
2.2	<b>As vicissitudes do “tesão bi”</b> .....	47
2.3	<b>Mapeando o “tesão bi”</b> .....	55
3	<b>DÚVIDAS, EXPOSIÇÃO E SIGILO</b> .....	60
3.1	<b>Família</b> .....	60
3.2	<b>Fronteiras amorosas</b> .....	73
3.3	<b>Ciúme</b> .....	81
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	85
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	89

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está situada na interface entre o campo da antropologia das emoções e a perspectiva construtivista da sexualidade. Por um lado, propõe-se examinar as gramáticas emocionais que acompanham os processos parciais de controle e exposição da informação de si, relativa à orientação e/ou identidade sexual de jovens universitários que se identificam como bissexuais. Refletir sobre tais experiências alusivas ao armário e aos sentimentos por elas relatadas (SEDGWICK, 2007), questões centrais da análise deste trabalho, significa compreender a maneira pela qual as emoções participam do processo de construção da identidade sexual, ao passo que permitem examinar as configurações socioculturais específicas relacionadas à elaboração e projeção do *self* e que estariam atreladas às perspectivas e às compreensões pessoais sobre o gênero e a sexualidade.

A partir da análise contextualista (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990), as emoções relatadas e acionadas nas narrativas serão compreendidas em termos contextuais, ou seja, relacionando-as, sempre que possível, aos contextos nos quais são suscitadas ou mobilizadas para a compreensão das respectivas cenas interacionais. Por outro lado, tais emoções, articuladas às múltiplas maneiras de compreender uma determinada situação social, podem formatar diferentes complexos emocionais, que seriam perpassados por múltiplas formas de relações de poder. Por esta perspectiva, pode-se conceber as emoções tanto pela sua capacidade discursiva de compor o objeto enunciado, como, também, por sua dimensão micropolítica ao estabelecer relações morais, balizar fronteiras entre grupos ou identidades sociais e, também, fortalecer ou ratificar as hierarquias sociais.

As cenas investigadas correspondem aos momentos em que os dualismos segredo/exposição, público/privado, dentro ou fora do “armário” tornam-se evidentes em contextos interacionais nos quais o que está em jogo seria um relato de si, concernente à identidade sexual do indivíduo. Trata-se, em primeiro lugar, de refletir sobre os contextos em que a bissexualidade se torna uma questão no interior de interações sociais específicas e, no segundo momento, de compreender as formas com que os indivíduos enquadram e interpretam tais situações e de que forma orientam a própria conduta para lidar com as respectivas exigências situacionais e interpessoais.

Os discursos sobre as emoções relacionadas a tais cenas podem fornecer, juntamente com elementos cognitivos oriundos das interpretações pessoais dos integrantes, um conjunto de dados que dizem respeito tanto à construção do contexto interacional, quanto à projeção, à elaboração do *self* e de sua respectiva dinâmica, tanto relacional quanto micropolítica, ao lado dos demais interlocutores da interação.

A teoria da roteirização será empregada para criar conexões entre os três eixos de análise que a constituem como ferramenta teórica: o contexto sociocultural (e histórico); os roteiros interpessoais e os intrapsíquicos. Os três níveis não seriam unidades de análise fechadas em si mesmas, mas manteriam constantemente uma influência mútua, o que, por sua vez, possibilitaria articular elementos micro e macrossociais da vida social. Algumas observações podem ser esboçadas para justificar sua incorporação no desenvolvimento da pesquisa.

Os roteiros intrapsíquicos corresponderiam à vida mental do ator social e seriam derivados, em parte, tanto do cenário cultural no qual está inserido, quanto das exigências interacionais e das possíveis improvisações adaptativas da conduta que elabora nas interações sociais das quais participa. A partir dos roteiros intrapsíquicos, pode-se atingir “narrativas cognitivas sumamente ordeiras até fragmentos de desejos, lembranças e planos” (GAGNON, 2006, p. 226).

Os roteiros intrapessoais, por sua vez, estariam relacionados às diversas camadas das exigências situacionais, o que obrigaria os indivíduos a enquadrarem-nas a partir de esquemas cognitivos e emocionais socialmente estruturados ou através de novos desdobramentos adaptativos para responder às demandas interacionais em que se encontram. Torna-se necessário, entretanto, evidenciar a dimensão da alteridade presente em tais roteiros, onde os critérios e disposições da ação individual estão em constante movimento pendular com as ações de seus interlocutores.

Aqui, as emoções desempenham um importante papel para os roteiros interpessoais e mentais. Se por um lado elas podem funcionar como “jogadas” nos intercâmbios comunicativos da interação social (GOFFMAN, 2012), por outro, elas permitem entrever “regras de sentimentos” (HOCHSCHILD, 2013), que orientam tanto o enquadramento interpretativo, quanto permitem um trabalho de adequação, invocação ou supressão das emoções suscitadas ou desejadas.

Por fim, os contextos socioculturais e históricos são compreendidos como os cenários nos quais os demais roteiros se assentam. Desenrolando-se em movimento

espiral, compõem-se pelo conjunto das interações e figurações sociais, ou seja, a maneira como atores e papéis sociais se mantêm em contínua conexão formando, assim, o que entendemos como a vida social (SIMMEL, 2006). Por outro lado, fornecem um sistema de campos simbólicos nos quais se observam as regras, normas e imperativos sociais que influenciam a maneira como os indivíduos se orientam nas suas relações e atividades cotidianas,

As mudanças ocorridas nos cenários culturais influenciam na forma como as interações e as condutas se manifestam, pois transformariam a forma como as regras de enquadramento e de sentimento são concebidas e compartilhadas. Em contrapartida, tais mudanças no cenário dependem, também, da forma como os indivíduos se mantêm em constante interação e improvisam diferentes maneiras de roteirização da conduta.

O primeiro capítulo será dedicado ao campo de estudos sobre a bissexualidade. Apresenta-se, primeiramente, uma breve genealogia sobre o conceito de bissexualidade produzido pelos diversos dispositivos de sexualidade (FOUCAULT, 2013), entendidos como uma profusão de discursos que teriam como objetivo dizer a verdade sobre o sexo no Ocidente. Em seguida, a bissexualidade será observada a partir de sua conceptualização como identidade sexual engendrada, paralelamente, com a ascensão de grupos e movimentos sociais destinados a promover o prolongamento e garantias de direitos sociais para a comunidade LGBT.

A partir da década de oitenta, nos Estados Unidos, inicia-se a intensificação do intercâmbio entre os pequenos grupos formados por ativistas bissexuais entre si e, também, consoante aos crescentes grupos e coletivos feministas e LGBT de maior extensão. Por outro lado, pode-se perceber uma intrincada manifestação de incertezas e incongruências em relação à visibilidade da bissexualidade como sendo uma identidade sexual legítima, tanto no interior de tais movimentos sociais, quanto pelos dispositivos de sexualidade.

O cenário cultural e histórico, no qual se dá a demanda por reconhecimento das identidades sexuais, parece estar marcado pelo permanente registro da bissexualidade enquanto erro, confusão, simulação, etapa não superada, perversão ou indecisão. O panorama resultante, segundo alguns autores, sugere que não há papéis sociais compartilháveis para a elaboração da identidade bissexual (GARBER, 1997). Enquanto identidade política, no interior da comunidade LGBT, ainda que se possa perceber controvérsias e confrontos em seu interior, a demanda por seu

reconhecimento permanece como pauta principal nas agendas de diversos ativistas bissexuais.

Ainda no primeiro capítulo, apresentam-se duas etnografias realizadas no Rio de Janeiro por meio das quais se investiga a maneira pela qual a invisibilidade bissexual é percebida a partir de dois modelos de sociabilidade distintos. O primeiro trabalho estaria relacionado a grupos de homens bissexuais que manteriam encontros sexuais sob sigilo; enquanto o segundo estaria relacionado a três mulheres bissexuais e integrantes de um coletivo LGBT voltado para a promoção da visibilidade da bissexualidade.

A partir da leitura dos dois trabalhos, pode-se perceber dois complexos emocionais diferenciados e relacionados aos respectivos modelos de sociabilidade em que se encontram integrados. Em relação ao grupo de homens, a invisibilidade é desejada pelo medo de serem percebidos como homossexuais. O medo de terem o ideal de masculinidade desestabilizado, traduzir-se-ia em desprezo às figuras que remetem à feminilidade. No segundo exemplo, o complexo emocional vigente sugere um caminho oposto. O medo e a indignação proveniente do apagamento social da bissexualidade se transformam em orgulho mobilizado pelo ativismo em favor da visibilidade das identidades sexuais.

Propõe-se uma metodologia para análise das narrativas sobre o “armário” de pessoas que se identificam como bissexuais a partir da perspectiva da antropologia das emoções e da teoria da roteirização. O roteiro elaborado propõe explorar cenas-chaves nas quais os (as) jovens produziram um relato sobre si ou manteriam silêncio diante das interpelações que emergiram no decorrer das interações. Os interlocutores seriam seus familiares, amigos, conhecidos que compartilhariam certos ambientes como a universidade, o trabalho, o próprio lar ou em sociabilidades festivas, por exemplo.

O segundo capítulo será dedicado ao exame das categorias acionadas para compor os roteiros sexuais. Pode-se refletir sobre os deslocamentos e afastamentos em torno das categorias “bissexual”, “gay” e “lésbica” e de que maneira se relacionam com as práticas eróticas específicas. O conjunto dos dados permitirá a reflexão sobre as formas de conceber as fronteiras classificatórias entre a bissexualidade, a heterossexualidade e a homossexualidade.

No terceiro capítulo, será abordada a forma como foram mobilizados a fornecer essa informação sobre si, a partir de quais circunstâncias, sob que condições a

produziram e para quem essa informação é direcionada. As emoções acionadas para a descrição das respectivas cenas fornecerão caminhos para examinar as gramáticas emocionais que acompanham o processo de construção e negociação da imagem de si, consoante à projeção do *self* e relacionadas às exigências situacionais, por um lado, e aos roteiros interpessoais por outro.

Da mesma forma, pode-se examinar as regras de sentimentos que orientaram a interpretação da experiência emocional que compõe os cenários das interações sociais. Pode-se questionar se as diretrizes acerca do que se deve sentir em tais momentos – ou quais sentimentos seriam tidos como mais adequados para serem expostos a certos interlocutores na interação – poderiam ser entendidas como constituintes do apagamento social. Os complexos emocionais oriundos de tais experiências podem ser descritos de acordo com as expectativas de gênero de quem (e para quem) as relatam?

Estando a bissexualidade no registro do invisível, como tal proposição se traduziria a um nível microssociológico ao focar nas interações sociais e nas respectivas experiências emocionais? A ausência de papéis sociais compartilháveis poderia ser traduzida, também, como propulsora de formas distintas de apresentação do *self*? Ou se manteria inscrita em narrativas amiudadas de carência e insuficiência de orientação de conduta? Assim sendo, de que forma as emoções são mobilizadas para operar a partir de um exercício micropolítico em cenas de conflito, de silenciamento ou de revelação da informação pessoal e construção de si?

O exercício reflexivo que se segue propõe, de acordo com a sua capacidade expositiva, dar ensejo ao debate sobre as formas de apagamento ou exclusão da bissexualidade concebida à margem das diretrizes heteronormativa e monossexual, ao passo que contempla o próprio processo de entendimento sobre as diferentes formas de se conceber a bissexualidade.

## 1 ESCRITAS DA BISSEXUALIDADE

Propõe-se, neste espaço, apresentar algumas formas como a bissexualidade foi pensada e concebida no Ocidente. Priorizou-se, primeiramente, uma breve genealogia do conceito na produção do saber referente à bissexualidade, objetivando alguns contrastes na forma da circulação das conceptualizações. Em seguida, pontuam-se as relações existente entre a identidade sexual e suas implicações para os movimentos sociais emergidos na segunda metade do século XX.

Em um terceiro momento, apresenta-se duas pesquisas brasileiras que tiveram, como principal preocupação, a análise de relatos e narrativas de pessoas que se identificaram como bissexuais e as respectivas formas de sociabilidade e reivindicações por legitimação da identidade bissexual no interior do ativismo LGBTQ.

Por fim, a exposição sobre o conceito de “armário”, centrado na clássica obra de Sedgwick (2007), fornecerá pistas sobre como abordar a relação existente entre segredo e revelação dentro do campo de pesquisa sobre identidades sexuais. O conceito de “roteiros sexuais”, de Gagnon (2006), e o campo da antropologia das emoções, juntamente, possibilitarão concluir o escopo teórico do respectivo trabalho.

### 1.1 Metodologia

A proposta metodológica é a realização de entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres universitários que se identificam como bissexuais. A faixa etária dos jovens corresponde ao intervalo entre 20 e 28 anos de idade; a área residencial é composta por bairros situados na Zona Norte, Centro do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Os jovens que aceitaram participar da entrevista foram contactados por meio da técnica “bola de neve”, onde os participantes já incluídos na pesquisa indicam outros a partir de sua rede de conhecimento. Foram realizadas cinco entrevistas: dois homens e três mulheres. O entrevistado 1 tem 28 anos e reside no bairro do Grajaú; a entrevistada 2 possui 22 anos e reside em Nilópolis; a entrevistada 3 possui 25 anos e reside em Piedade; a entrevistada 4 possui 26 anos e reside no bairro Engenho Novo; o entrevistado 5 possui 22 anos e reside no bairro da Saúde. A renda familiar consiste no intervalo entre 3 mil e 8 mil reais. Os respectivos cursos a título de

graduação foram subtraídos por pedido dos próprios entrevistados. As universidades em que estudam são: Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As narrativas serão analisadas a partir de uma tripla perspectiva: o entendimento construtivista dos estudos contemporâneos sobre a sexualidade; o campo da antropologia das emoções, em especial na perspectiva contextualista; e, por fim, a análise das condutas sexuais pelo conceito de roteirização social.

O roteiro proposto para realização das entrevistas é:

Roteiro de entrevista

Registros pessoais:

Idade:

Bairro:

Renda familiar:

Sobre identidade e/ou orientação sexual:

Como foi a descoberta da bissexualidade? (Esta pergunta deixa em aberto dois pontos: em que momento o entrevistado ouviu falar sobre o termo “bissexualidade” e, principalmente, em que momento se identificou como bissexual).

*Perguntas adicionais: qual era a sua idade?*

Como foi a primeira experiência com a pessoa do mesmo gênero?

Como se sentiu após a primeira experiência?

Comparada com as primeiras experiências com pessoas do gênero oposto, há alguma diferença? Você conhece outras pessoas que se identificam como bissexuais?

Você frequenta locais destinados à comunidade LGBT? Quais? Por que frequenta? Poderia comparar com outros locais não destinados à comunidade LGBT?

Você participa de movimentos sociais direcionados à comunidade LGBT? Quais? Por que frequenta?

Já manteve algum relacionamento com pessoas do mesmo gênero? (Caso o entrevistado manifeste “relacionamento aberto” ou “poliamor”, perguntar sobre a experiência específica). Idem para relacionamento com pessoas do outro gênero. Pedir para comparar.

Como você definiria a bissexualidade?

Sobre o armário de pessoas bissexuais:

Você comenta sobre a sua vida sexual com alguém? (Com quem?)

Com quem comentou sobre a bissexualidade em específico?

*Perguntas adicionais: Por que contou? Como se sentiu ao contar? Qual foi a reação da pessoa?*

Você comentou com alguém sobre a sua primeira experiência com pessoas do mesmo gênero?

Você comentou com sua família? (Se positivo, perguntar como foi a experiência, e a reação do(s) familiar(es) como se sentiu?)

Para quais pessoas você acha importante não comentar? (Por quê?)

Em que locais você costuma se relacionar com pessoas do mesmo gênero?

Já sofreu algum tipo de discriminação por ser bissexual? (Como foi? Como se sentiu?)

Já presenciou algum tipo de discriminação em relação à bissexualidade de alguém? (Como foi? Como se sentiu?)

Como você acha que o preconceito relatado pode refletir na sua vida pessoal?

Sobre conduta sexual e relação de gênero:

Você costuma se relacionar afetiva e sexualmente com pessoas que se definem como bissexuais?  
 Na sua opinião, há alguma diferença em se relacionar com mulheres e com homens?  
 Você costuma se relacionar mais com homens ou com mulheres?  
 Você possui alguma preferência relacionada ao gênero do parceiro com quem se relaciona?  
 Apontaria alguma diferença relacionada à conduta sexual do parceiro em relação ao gênero?  
 O que mais atrai você no parceiro do mesmo gênero? E do gênero oposto?  
 Em quais contextos ou ambientes você se relaciona com pessoas do mesmo gênero? E do gênero oposto?

## 1.2 Genealogia

Inicialmente, entre o século XVIII e XX, o termo bissexual foi utilizado para se referir às pessoas que possuíam a combinação de atributos biológicos considerados femininos e masculinos – o que hoje seria classificado como intersexuais. Segundo Storr (1999), o uso do termo era comum nos campos da medicina, do direito e da teologia e possuía como principal objetivo construir a pessoa bissexual como um terceiro sexo – o que culminaria em uma série de restrições jurídicas.

Entre o século XIX e o início do século XX, predominou a visão da bissexualidade como sendo constituída biológica e anatomicamente por características físicas relativas à percepção sobre a masculinidade e a feminilidade do período em questão. Foi preponderante nos debates de médicos e sexólogos a discussão sobre a natureza da bissexualidade humana. Em 1915, o sexólogo inglês Havelock Ellis abandonaria o termo “hermafroditismo psicosexual” para conceitualizar como bissexualidade não apenas o dimorfismo sexual, mas o desejo e atração por pessoas do mesmo gênero (STORR, 1999, p. 16).

A segunda forma de conceitualização, que predominou durante o século XX, caracterizou a bissexualidade como o encontro entre a masculinidade e a feminilidade por meio de um viés psicológico. Segundo a autora (STORR, 1999), o principal expoente dessa mudança em relação ao entendimento da bissexualidade foi Sigmund Freud, para quem o termo se referia a uma disposição inata ao indivíduo. Em sua obra, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* – cuja primeira edição é datada de 1905 –, Freud desenvolveu seu argumento de que todos os seres humanos nascem com uma predisposição bissexual e que, a partir desta, desenvolveriam a heterossexualidade e a homossexualidade (p. 21).

A conceptualização da bissexualidade possui uma história repleta de embates no interior dos campos de produção do saber. Por um lado, a bissexualidade foi teorizada no campo científico e acadêmico, ora sendo constituída por uma organização do psiquismo humano a ser superada – a “disposição bissexual” –, cunhada pela psicanálise freudiana (GARBER, 1997, p. 26), ora questionada pelos relatórios, como os de Kinsey, em relação às mudanças da conduta sexual ao longo da vida do indivíduo, ainda que esta mudança estivesse relacionada ao gênero dos parceiros afetivos (GAGNON, 2006, p.189).

A bissexualidade como orientação sexual só foi possível a partir de 1970 devido ao ativismo da “liberação gay” e à campanha para remoção da homossexualidade cunhada em termos patológicos no interior do *Diagnostic and Statical Manual of Mental Disorders* (DSM). A remoção se deu em 1973 (ver STORR, 1999). Agora, a bissexualidade não mais seria constituída pela combinação do binarismo masculino e feminino no interior da organização somática ou psíquica, mas pela combinação, da heterossexualidade e da homossexualidade, permanecendo relacionada junto ao campo da orientação do desejo sexual. Dessa forma, a bissexualidade passou a ser pensada como a união entre heterossexualidade e homossexualidade (STORR, 1999, pp. 3-4).

Diante dos dispositivos de sexualidade<sup>1</sup> predominantes no cenário da produção do saber sobre a bissexualidade no Ocidente, Angelides inicia sua introdução em “*A history of bisexuality*” afirmando que:

Variously characterized within dominant discourses of sexuality as, among other things, a form of infantilism or immaturity, a transitional phase, a self-delusion or state of confusion, a personal and political cop-out, a panacea, a superficial fashion trend, a marketing tool, even a lie and a catachresis, the category of bisexuality for over a century has been persistently refused the title of legitimate sexual identity (ANGELIDES, 2001, p. 1).

---

<sup>1</sup> Por dispositivo, entende-se o conjunto das relações estabelecidas entre elementos heterogêneos que englobariam “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2013, p.364). A rede que emerge das conexões entre os elementos é historicamente delimitada e possuiria uma função estratégica dominante. Segundo Foucault, o objetivo dos discursos que surge no Ocidente a partir do século XVII seria menos o de uma repressão ao sexo que uma tentativa de regulação por meio de discursos úteis e públicos. Em suas palavras: “o sexo não se julga apenas, administra-se” (FOUCAULT, 2013, p.31).

O conjunto das formas de conceber a bissexualidade, apresentado acima, concorre com os temas da visibilidade e do apagamento presentes nos estudos de autores preocupados com as condições sociais das pessoas que se identificam como bissexuais. Em relação aos movimentos sociais, o esforço para ampliação de sua visibilidade está presente em muitas pautas de engajamento político e social por parte de seus integrantes.

### 1.3 Identidade e movimentos sociais

No campo dos movimentos sociais, os debates em torno da bissexualidade são sensíveis à circunscrição temática relativa à identidade sexual. As reivindicações sobre a legitimidade, por defini-la como uma identidade possível e viva no interior de um campo empírico de práticas sexuais e de demandas por representatividade política, constituem uma extensa parcela dos esforços de militantes na década de 70 nos Estados Unidos (TUCKER, 1995, p. 3).

Retrospectivamente, a partir da década de 50, surge o movimento homossexual organizado na busca por direitos civis nos Estados Unidos. Segundo Gagnon (2006), nas duas décadas seguintes, o movimento passou de uma ênfase na educação, por meio do lobby legislativo, para um “padrão de ação direta e afirmação pessoal da homossexualidade [...]” (p.103). Neste período, destacam-se dois lemas no interior da respectiva militância: “ser gay é bom” e “sair do armário para a rua”. Ambos proclamavam um sentimento de respeito próprio a partir da afirmação da identidade sexual, o que permitiu a consolidação e ampliação de uma comunidade unificada.

Para lésbicas e gays militantes, a relação entre sigilo e exposição, ou melhor, entre estar dentro ou fora do armário, passou a ter importância crucial para a política sexual. Segundo Spargo (2017): “sair do armário evocava emergir do confinamento e do ocultamento para o espaço público, partir da clandestinidade para a afirmação pública” (p. 27). No entanto, a inserção da identidade bissexual no interior do campo político dos movimentos sociais não se deu por meios menos conflituosos. A principal inquietação em inserir a bissexualidade na agenda política dos crescentes grupos de movimentos sociais foi o receio de possíveis enfraquecimentos à comunidade gay e lésbica que a inclusão poderia ocasionar (AMSTRONG, 1995, p.202). Segundo Garber:

A bissexualidade abala certezas: hétero, gay, lésbicas. Ela tem afinidade com as três posições, e não é delimitada por nenhuma. Assim, é uma identidade que também não é uma identidade, um sinal de certeza da ambiguidade, da estabilidade da instabilidade, uma categoria que derrota a categorização. [...] não é de espantar que isso deixe desconfortáveis os políticos sexuais (GARBER, 1997, p. 77).

Questionar-se sobre a efetivação de uma identidade bissexual e as consequências para a atuação política correspondeu aos esforços oriundos da política de identidades que predominou nos circuitos acadêmicos e, principalmente, nos movimentos sociais que buscavam a ampliação da visibilidade das identidades sexuais e demandavam pela ampliação dos direitos de seus representantes (UDIS-KESSLER, 1995, p.20).

Entretanto, a categoria introduziria uma nova problemática à política de identidades ao esticar a compreensão das categorias entre homo e heterossexuais. Para Garber (1997), a linguagem binária não conseguiria criar espaço para a bissexualidade por desconsiderar a temporalidade e as possibilidades de mudanças frente ao conhecimento do desejo individual. A bissexualidade estaria mais próxima de uma narrativa do que de uma identidade fixa e estável, concluiria a autora (GARBER, 1997, p.97).

Diante das necessidades práticas da política, Garber (1997) constata a imprescindibilidade de se transformar a bissexualidade em uma identidade, ao mesmo tempo em que a categoria colocaria em questão a viabilidade de uma política de identidade. Como resultado deste impasse, Garber verifica:

uma luta interna considerável entre gays e lésbicas por um lado e entre bissexuais, por outro, luta cuja própria existência sublinha ironicamente o fato de que essas identidades e divisões seguras já estão se desmoronando. Reconhecer isso não é aceitar a derrota, e sim reconhecer o sucesso (GARBER, 1997, p. 97).

Em relação ao início do ativismo político, as primeiras tentativas de organização datam, segundo Tucker (1995), do início da década de 70. Até meados dos anos 80, os grupos locais não interagiam regionalmente uns com os outros. Em 1987, a Marcha de Washington pelos direitos de lésbicas e gays incorporaram, pela primeira vez, ativistas bissexuais oriundos de diversas localidades dos EUA. Os efeitos dessa mobilização possibilitaram o aumento da interação e o desenvolvimento de grupos locais em direção a um movimento organizado de nível nacional.

Em 1990, o grupo BiPOL – o primeiro grupo de ação política direcionada às pessoas bissexuais em São Francisco inaugurado em 1983 – sediou o primeiro evento nacional titulado National Bisexual Conference. O evento possibilitou a integração de novos grupos nos Estados Unidos gerando e intensificando o sentimento de comunidade no interior dos movimentos sociais. Um ano depois, motivados pelo sucesso do evento, organizou-se o primeiro International Bisexual Conference, em Amsterdam.

Em 1993, A Marcha de Washington incorpora de vez os caracteres “Bi” no título do evento que, após seis anos da primeira inserção de ativistas da luta bissexual, tornou-se: “*March on Washington for Lesbian, Gay, and Bi Equal Rights and Liberation*”. A inserção viabilizou o crescimento do ativismo bissexual por todo o mundo e foi apoiada, mesmo não sendo unanimidade, por gays e lésbicas de todo o país.

Nos intervalos desses grandes eventos e conferências nacionais e internacionais, *campis* universitários se mobilizaram para a ampliação da representatividade no interior da comunidade gay e lésbica. Novos movimentos direcionados para a visibilidade bissexual surgem e se expandem por todo o país. Tucker (1995) comenta que:

Bisexual people are in high demand for speaking engagements, writing projects, and political campaigns. We are the subject of national media attention. In some contexts, our presence is even considered a welcome diversity rather than the embarrassment it used to be (TUCKER, 1995, p. 3).

#### 1.4 Duas etnografias brasileiras

Por ordem cronológica das respectivas publicações, pode-se apresentar duas etnografias brasileiras, ambientadas no Rio de Janeiro, que procuraram investigar questões relativas à identidade bissexual, assim como algumas formas de sociabilidade e interações sexuais fortemente orientadas pela proteção do sigilo de seus membros. A primeira privilegiou práticas bissexuais entre homens que se identificaram, ou não, com a identidade bissexual; a segunda etnografia privilegiou a reivindicação para a representatividade da identidade bissexual entre mulheres engajadas em um grupo não-governamental direcionado para a promoção dos direitos da comunidade LGBT.

Em seu artigo titulado “*Bissexualidade masculina: uma identidade negociada?*”<sup>2</sup>, Regina Ferro do Lago destaca algumas questões que nortearam sua pesquisa baseada em entrevistas e questionários de participantes masculinos oriundos de um estudo epidemiológico chamado “Projeto Praça Onze”, no Rio de Janeiro. Segundo a autora, o crescente interesse pelo tema da bissexualidade masculina teria como correspondente o avanço da epidemia da Aids, pois estes seriam responsabilizados pela disseminação da doença entre a população heterossexual. Essa percepção, bastante difundida pelo senso comum, os posicionava como objetos de incessante suspeita<sup>3</sup>.

A autora ainda aponta, como outra fonte de desconfiança contínua, aquelas dirigidas por “indivíduos engajados na luta pela causa homossexual”, pois a identidade bissexual “não contribui na visão desses indivíduos, para a valorização social das identidades sexuais ditas alternativas” (LAGO, 1999, p. 157). O caráter marginal da identidade bissexual, decorreria, também, por ser “desprovida de elementos identificatórios publicamente partilháveis” (LAGO, 1999, p. 164).

O grupo estudado pela autora apresentou idade média de 28 anos e era formado por participantes oriundos de camadas médias-baixas e baixas que residiam na Baixada Fluminense. Eles foram inseridos na pesquisa pelo método “bola de neve”, onde homens que já participavam do Projeto Praça Onze indicavam conhecidos e amigos para contribuir. Os questionários foram aplicados para um universo de voluntários que se definiram como bissexuais ou “homossexuais e assimilados”.

Lago (1999) aponta para a diversidade de posicionamentos referente às práticas sexuais e à autodenominação dos participantes: além dos participantes que se autodenominavam como bissexuais e que mantinham relações com homens e mulheres, havia aqueles que mantinham relações sexuais apenas com mulheres ou somente com homens; outros voluntários se autodenominaram homossexuais, mas

---

<sup>2</sup> O artigo em questão é uma adaptação de dois capítulos da dissertação de mestrado da autora, pelo curso de saúde coletiva apresentada ao IMS/UERJ, em 1999. O presente artigo consta no livro *Sexualidade: um olhar das ciências sociais* (1999), organizado por Maria Luiza Heilborn.

<sup>3</sup> Um dos objetivos que orientaram a pesquisa foi a comparação dos questionários das duas categorias de voluntários no tocante à vulnerabilidade individual descrita em termos de conhecimento sobre HIV/Aids e mudanças no comportamento sexual. A primeira observação ressaltada pela autora é que, embora o nível de conhecimento sobre a doença seja alto, ele não se traduziria em termos de medidas efetivas de precaução em ambos os grupos. A autora adverte que os autodenominados bissexuais não apresentam indicadores de vulnerabilidade mais elevados que os autodenominados homossexuais e assimilados.

mantinham relações sexuais com homens e mulheres. O material recolhido apontou para elementos que corroboraram para a discussão sobre identidade sexual, esta concebida como um “plano de construção simbólica em que intervêm valores e concepções de mundo que extrapolam o âmbito da sexualidade” (LAGO, 1999, p. 165). A identidade sexual não seria, em sua visão, uma mera descrição de práticas. Por mais que a atração desempenhasse um fator central, outros elementos se articulariam e concorreriam para a autodenominação dos participantes, dentre eles as redes de sociabilidade e as condutas sexuais.

Os dados levantados por Lago (1999), em relação à sociabilidade de homens bissexuais, são marcados fortemente pela administração do segredo. Aqueles que se identificavam nesta categoria apresentavam um nível maior de ocultação de sua identidade sexual, especialmente em relação aos familiares. De acordo com as entrevistas, as redes de sociabilidade eram delineadas em três esferas: a familiar, os amigos e os homens “eroticamente inclinados”<sup>4</sup>.

Em relação ao convívio familiar, Lago (1999) aponta para o peso dado à rede familiar nos relatos e, conseqüentemente, como instância de construção da identidade. Os entrevistados possuíam vínculos estreitos com outros membros das famílias e moravam com seus pais e outros parentes. O familiar constituiria, dessa forma, um valor demarcatório central no universo do estudo. A segunda esfera, relativa aos amigos e vizinhos, consistia em conhecidos que não frequentavam os locais de encontro destinados ao flerte e às práticas sexuais com outros homens. Os amigos desempenhariam o papel de confidentes e conselheiros<sup>5</sup>.

Por fim, a terceira rede de sociabilidade se caracteriza por ser mais restrita e diz respeito exclusivamente aos outros homens com que se mantém relacionamentos sexuais. Os principais locais de encontro seriam bares, boates e saunas. De acordo com os relatos, as redes eram compostas por poucas pessoas, sendo formadas por duas a dez pessoas. Nenhum dos entrevistados tornava suas escolhas sexuais visíveis, onde, mesmo com os amigos, a discrição era sempre ressaltada, o que preservaria a exposição de tais locais de encontro. O sigilo e a discrição eram

---

<sup>4</sup> Refere-se ao conjunto de homens que mantinham relações sexuais entre si.

<sup>5</sup> Lago aponta para as enfáticas afirmações dos entrevistados ao alegarem que suas relações sociais não se restringiriam aos seus relacionamentos sexuais e que valorizavam os contatos com os amigos – estes podem ser entendidos como estando dentro ou fora do “meio”.

sustentados com o intuito de manter fora de risco a identidade heterossexual<sup>6</sup> que procuravam preservar para pessoas “fora do meio”. Lago conclui que “a rede que ampara esse estilo de vida é diminuta e a clandestinidade é sua marca principal” (LAGO, 1999, p. 167).

A temática dos preconceitos, da exposição e da visibilidade da identidade bissexual também foi pesquisada por Elizabeth Sara Lewis a partir de seu trabalho de campo no Grupo Arco-íris (GAI), no Rio de Janeiro, intitulada “*Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais*” <sup>7</sup>(LEWIS, 2012). A autora, a partir da união entre a abordagem sociolinguística e teoria Queer, propõem refletir sobre certas questões relativas ao preconceito e a não aceitação da identidade bissexual, assim como sobre o processo de sair do armário e a construção identitária-performativa-discursiva de três mulheres do Grupo que se identificam como bissexuais.

A escolha pela análise de narrativas sobre sair do armário possibilitaria, por um lado, explorar o processo de construção da identidade bissexual, assim como as percepções sobre o preconceito, a bifobia e a invisibilidade presentes no momento da elaboração e afirmação das identidades no cotidiano das mulheres entrevistadas. Compreendidas como “dispositivos interpretativos através das quais pessoas realizam *performances* identitárias para si mesmas e para outras” (LAWLER, 2002, *apud* LEWIS, 2012, p. 86), as narrativas estariam situadas em experiências de vida do narrador e seriam contextualizadas quando a narrativa sobre si é elaborada mediante aos níveis de interesse sobre como se deseja ser compreendido e percebido pelos demais. As narrativas criariam “ficções identitárias” e, dialogando com a perspectiva queer, poderiam ser entendidas como *performances*<sup>8</sup>. O conceito de “*performance narrativa*” se referiria, então:

---

<sup>6</sup> A homossexualidade, no contexto das entrevistas, era vista como estigma. As categorias “bicha” e “viado” eram valoradas negativamente e tidas como características de homens efeminados. Tais categorias eram afastadas e rejeitadas pelo receio de “contaminação” de suas respectivas identidades.

<sup>7</sup> O respectivo trabalho refere-se à dissertação defendida pela autora pelo programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, em 2012.

<sup>8</sup> O conceito de *performatividade* faz referência à teoria dos atos de fala do filósofo e linguista J. L. Austin, onde certos enunciados formais “performariam” ações ao exercer poder vinculante. O conceito, no entanto, foi adaptado pela filósofa Judith Butler para descrever como que o gênero, ao invés de ser pensado como um substrato da essência do indivíduo, seria produzido e negociado no interior mesmo de regimes reguladores, onde se requer formas ritualizadas e repetitivas de comportamentos. Segundo Butler, o gênero seria criado como temporalidade social por meio de repetições estilizadas, como atos corporais e gestos (BUTLER, 2015, p.242). As identidades, na perspectiva da teoria queer, não seriam

[...] a um lugar de luta para identidades pessoais e sociais, em vez de atos de um self como essência fixa, unificada, estável ou final que servia como a origem ou realizações das experiências [...]. Desde o ponto de vista de performance e performatividade, a análise das narrativas não é somente semântica, engajando-se na interpretação de significados, mas também deve ser pragmática: analisando a luta sobre significados e as condições e as consequências de contar uma história em uma maneira particular [...]. A identidade é uma luta performativa (LANGELLIER, 2001 *apud* LEWIS, 2012, p. 87).

Sobre o processo de saída do armário, a autora alerta que esta noção, amplamente presente no senso comum, não deve ser vista como um momento único, onde o indivíduo divulgaria uma verdade de si relativa à sua sexualidade. Ao contrário, seria um processo que se desenrola por toda a vida, principalmente por conta da tendência na sociedade heteronormativa<sup>9</sup>, cuja presunção inicial seria a de que o indivíduo é heterossexual até o momento em que decide sair do armário ao se assumir homossexual ou bissexual. No entanto, para quem se identifica com a identidade bissexual, este processo requer um duplo esforço: afastar-se tanto da heteronormatividade, quanto da homossexualidade presumida. Ou seja, as pessoas bissexuais experimentariam “uma espécie de armário duplo de ambos os lados do binário heterossexual/homossexual” (LEWIS, 2012, p.90).

Segundo a autora, é comum que os dados analisados estejam fragmentados em pequenas estórias sobre interações sociais onde a identidade sexual é ocultada, exposta e negociada. A compilação de pequenas narrativas estaria posicionada consoante a própria condição processual do ato de sair do armário e demonstraria, por sua vez, os encadeamentos interpessoais de negociação da inclusão social.

Baseando-se em uma extensa bibliografia sobre bissexualidade e nos dados recolhidos nas entrevistas do Grupo Arco-Íris, Lewis (2012) explora alguns padrões na forma de descrição da bifobia. Dentre os diversos argumentos apresentados e que

---

expressões da essência individual, mas seriam “dinâmicas e construídas discursivo-performativamente na linguagem” e “as categorias da sexualidade que usamos (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, etc) não são fatos naturais, mas são sócio-histórico-culturalmente construídas” (LEWIS, 2012, p. 16).

<sup>9</sup> Em sua clássica obra, *O tráfico de mulheres* (2017), Gayle Rubin, a partir de um tema clássico da antropologia estruturalista, analisa que a divisão do trabalho baseada no sexo sustentaria a divisão entre homens e mulheres, impedindo sua uniformidade. Seria então um “tabu” que dividiria o sexo entre duas categorias mutuamente excludentes, exacerbadas pelas diferenças anatômicas. Cria-se, então, o gênero. Por outro lado, seria “um tabu contra arranjos sexuais diferentes daqueles que envolvam um homem e uma mulher, prescrevendo, assim, o casamento heterossexual” (RUBIN, 2017, p.30). Logo adiante, Rubin conclui que: “a organização social seria baseada no gênero, na heterossexualidade compulsória e na imposição de restrições à sexualidade feminina” (RUBIN, 2017, p. 31).

sustentariam algum tipo de preconceito frente à identidade bissexual, pode-se destacar quatro temas: “a bissexualidade não existe”; “ou hétero ou homo”; “a bissexualidade é só uma fase”; “poliamor, promiscuidade, infidelidade”

As três primeiras concorrem para o apagamento da bissexualidade como uma identidade ou orientação sexual legítima. A desautorização de se assumir bissexual se dá, primeiramente, pela negação total de sua existência. A segunda maneira atua ao discernir e contemplar as orientações sexuais em termos binários e rígidos caracterizados pela heterossexualidade e homossexualidade.

A noção de que a bissexualidade seria uma fase temporária evidenciaria traços de insegurança e imaturidade frente às performances identitárias bissexuais. Analisando alguns relatos, Lewis (2012) demonstra que uma tática para se referir a uma qualidade passageira da bissexualidade seria a sobreposição do verbo “estar” ao “ser”, no momento de se referir às pessoas bissexuais. Ou seja, a pessoa “está” bissexual, ao invés de “ela é”. Lewis (2012) comenta que esta tática de deslegitimar seria menos usual se tratando de pessoas homossexuais e heterossexuais (LEWIS, 2012, p. 155).

A quarta forma de caracterizar a bissexualidade pressupõe a sua legitimidade. No entanto, a exposição da identidade seria acompanhada “pelo medo de que as pessoas que se identificam como bissexuais necessitem sempre de um homem e de uma mulher” (LEWIS, 2012, p. 158). Associa-se, então, um conjunto de noções tais como infidelidade, “poliamor” e promiscuidade. Por um lado, esta associação se baseia na “super-sexualização” discursiva das pessoas que se identificam como bissexuais, criando uma imagem de indivíduos não confiáveis e portadores de doenças. Por outro lado, evidencia-se uma percepção, comumente compartilhada, de que a legitimidade da identidade bissexual teria, como pré-requisito, a necessidade simétrica da satisfação sexual com homens e mulheres.

As duas etnografias apresentadas permitem elucidar um complexo campo de identificações, interações sociais e propagação de preconceitos em relação à identidade bissexual. Algumas considerações podem ser feitas, por mais que os pressupostos teóricos e metodológicos e os campos de pesquisa sejam distintos.

Questões relacionadas à invisibilidade da categoria bissexual se apresentam de duas maneiras distintas nos respectivos trabalhos. Na exposição de Lago, o sigilo é incorporado como condição para a interação entre homens que mantêm relações sexuais entre si. O segredo reivindicado, e compartilhado entre os informantes e os

amigos íntimos, estaria relacionado com a própria elaboração da identidade sexual dos participantes, na medida em que há um forte receio de serem percebidos como homossexuais. Para homens que se identificaram como bissexuais, a exposição de suas práticas sexuais para além da rede de reconhecimento mútuo poderia significar a solidificação de uma identidade homossexual indesejada.

Na análise de Lewis, no entanto, a estratégia apresentada pelas informantes e referente à contestação de suas identidades sexuais se caracteriza pelo caminho inverso ao universo masculino estudado por Lago (2012). Neste caso, a invisibilidade ou apagamento da identidade bissexual se transforma em pauta para o engajamento no movimento LGBT. As formas de apagamento descritas anteriormente, o que por si só exemplifica um conjunto de preconceitos relacionados à bissexualidade, devem ser contrastadas com a afirmação contínua da identidade sexual, o que fortaleceria a visibilidade das pessoas que se identificam como bissexuais tanto no Grupo Arco-íris, quanto fora dele.

Os medos e receios ressaltados em ambos os casos estão associados às questões sobre a identidade e as formas de sociabilidade específicas. A visibilidade no primeiro caso é vista como ameaça à manutenção da masculinidade dos participantes, cujo principal receio é o de serem vistos como homens gays; no segundo exemplo, ela se transformaria em uma importante ferramenta de combate à bifobia, considerando a natureza engajada dos movimentos sociais e de seus participantes. Torna-se evidente que a própria rede de sociabilidade é ela mesma condicionada e sustentada por questões relativas à exposição de seus membros e às fronteiras identitárias oriundas dessas formas de interação e de engajamento social.

No primeiro exemplo, o medo de ser compreendido como homossexual ou efeminado é contrabalanceado pela mobilização do desprezo às imagens que colocariam em risco a manutenção da masculinidade. No segundo exemplo, a contestação sobre a identidade bissexual é confrontada pelo orgulho mobilizado a partir de um modelo específico de engajamento e de ativismo social, cujo principal objetivo seria justamente erguer a bissexualidade como uma possibilidade legítima de identificação. Os dois complexos emocionais citados atuam diretamente pela contestação do par visível/ invisível, embora os interesses particulares e a mobilização de afetos se diferenciem quanto ao objetivo desejado.

Os exemplos citados não esgotam as possibilidades de elaboração de um campo exploratório das práticas bissexuais, mas possibilitam refletir sobre certos

indícios e pistas para uma investigação em torno da constituição e prolongamento do armário de pessoas que se identificam como bissexuais. Torna-se essencial consolidar a percepção relativa às distintas e complexas manifestações interativas que compõem as redes de sociabilidade para a reflexão sobre o papel da exposição da identidade bissexual. Em outras palavras, não há como se pensar em um modelo unitário de armário que abarcaria todas as possibilidades e dificuldades que constituem o binário privado e público.

Deve-se levar em consideração a natureza contextualizada em que emergem as interações sociais investigadas. As demandas por reconhecimento, os complexos emocionais, as condutas sexuais e os efeitos do preconceito e da invisibilidade são polos de investigação provenientes de contextos culturais específicos e são perpassados por relações de poder que atravessam as dinâmicas de gênero, de classe social e estão presentes nos contrastes étnicos e raciais. Ignorar tais considerações levaria ao equívoco de se conceber a bissexualidade e o armário das pessoas bissexuais como categorias universais, independentes das condições históricas, sociais e culturais em que eles se encontram situados.

### 1.5 Sobre segredos e revelações parciais

No campo das pesquisas sobre sexualidade, a obra de Sedgwick<sup>10</sup> apresenta uma importante conceptualização sobre os binários, intimidade e revelação, privado e público, dentro e fora - todas pertencentes à abordagem sobre a epistemologia do armário. Este termo, segundo a autora, poderia ser considerado um dos principais dispositivos de regulação sobre a vida de gays e lésbicas que predominou no Ocidente e que sustentaria os privilégios de visibilidade e hegemonia de valores dos heterossexuais.

O segredo revelado, entretanto, não é concebido como um momento único onde os elementos binários se esmorecem a favor de um ou de outro. Os muros e as fronteiras, as atualizações de esquemas de armários e táticas de sigilo, assim como o contínuo controle da informação sobre si, permanecem a vigorar na vida de gays e

---

<sup>10</sup> Utilizo a versão condensada em SEDGWICK, E. K. 2007. "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu*, Campinas. Jan.-jun. 2007. Nº 28, 19-54.

lésbicas. Tais atualizações se dão, em primeiro lugar, pelos efeitos da presunção heterossexista que produziria, por si só, implicações “invisibilizantes” para sexualidades que residem à margem da heterossexualidade. Esta consideração pode ser mais bem compreendida a partir da seguinte passagem:

Mesmo em um nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...] cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos cálculos novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que elas não sabem se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante (SEDGWICK, 2007, p. 22).

O armário seria a figura alegórica que traduziria a estrutura definidora da opressão gay no século XX. Embora produza expressões tão comuns e de grande circulação como “assumir-se” ou “estar dentro do armário”, a relação entre segredo e exposição se torna problemática para estruturas econômicas e sexuais do gênero da cultura centrada na heterossexualidade. A “saída do armário” seria uma ameaçante figura ao colocar em evidência os limites imperativos do mapeamento acerca do binômio público e privado, concernentes ao que se deve silenciar e ao que possui autorização para exposição regular.

Refletindo sobre os riscos e restrições que pessoas gays sofrem ao optar pela saída do armário, a autora destaca sete formas de se relacionar com o tema sobre o segredo aberto e as suas consequências para quem, dessa forma, pretende se posicionar. Esse conjunto de exposições podem sugerir indícios e ferramentas conceituais para um exame do armário de pessoas bissexuais em seus respectivos processos de autorrevelação. É importante mencionar que Sedgwick (2007), embora deixe em evidência certo dualismo que constitui a produção de conhecimento sobre seu tema, concentra-se na perspectiva de homens gays e mulheres lésbicas<sup>11</sup>. Entretanto, pode servir como um importante ponto de partida para a compreensão das condições e possibilidades de afirmação das identidades sexuais. São elas:

---

<sup>11</sup> Angelides (2001, p. 173) aponta para as implicações de que as oposições utilizadas para caracterizar a dinâmica do armário, e que se encontram relacionadas com outros pares presentes na história dos discursos sobre a sexualidade como masculino/feminino, natural/artificial, igual/diferente, ativo/passivo, tenderiam a marginalizar e reforçar o apagamento da bissexualidade. Para o autor, a marginalização é reforçada pela impossibilidade de representar a bissexualidade a partir das principais formulações binárias que compõem o quadro de referência de Sedgwick. Para sustentar esta estrutura binária, a bissexualidade deve ser ignorada ou elaborada consoante à própria lógica de termo duplo.

- a) Algumas questões de autoridade e evidência surgiriam no ato de “assumir-se” homossexual. A autora exemplifica com interpelações<sup>12</sup> sobre a legitimidade do segredo revelado, pondo em xeque a veracidade daquilo que se é dito sobre si mesmo, o que evidenciaria “o quão problemático é o conceito mesmo de identidade gay, e também quão intensa é a resistência a ela e o quanto a autoridade sobre sua definição se distanciou da própria pessoa gay – ele ou ela” (SEDGWICK, 2007, p. 38).
- b) “Assumir-se” seria um ato de intuição que se cristaliza com o tempo, já tendo perpassado por circuitos de “silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade”. Sedgwick (2007) conclui que a posição daquele que sabe algo sobre alguém que não sabe seria uma posição de poder.
- c) O segredo revelado pode ser visto como detentor de um risco patogênico que, ao ser exposto, traria prejuízos tanto para a pessoa que o possuía, quanto para quem convive ou conviveu com ela.
- d) As possibilidades do duplo prejuízo no caso da revelação seriam em parte pelo fato da própria identidade sexual do informado estar implicada na própria revelação. Esta colocação implica reconhecer que a identidade erótica é relacional e se encontra presente em estruturas de transferências e contratransferências.
- e) A relação do informante com o armário não termina no ato mesmo da exposição de sua orientação sexual, e, com efeito, mantém relação com o armário do outro – muitas vezes de forma turbulenta.
- f) Pessoas assumidamente gay, na maioria das vezes, residem com cônjuges que não compartilham a mesma orientação sexual e que, muitas vezes, orientam-se por uma perspectiva homofóbica. Segundo a autora, a identidade gay é construída tardiamente e com dificuldade a partir de fragmentos de “uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência” (SEDGWICK, 2007, p. 40).
- g) Tanto fora quanto no interior de movimentos por direitos de homossexuais, as definições sobre os vínculos entre desejo e identidade gay cruzaram com

---

<sup>12</sup> “Como você sabe que é realmente gay?” ou “Por que a pressa de chegar a conclusões?” (SEDGWICK, 2007, p. 37)

as linhas definidoras da identidade de gênero, o que, em certa medida, esmaeceu a potencialidade definidora das categorias “minorias” e “gênero”, mas não sua capacidade performática.

Os sete pontos citados por Sedgwick podem sugerir um conjunto de problemas relacionados às demandas e expectativas, dificuldades, condutas e complexos emocionais relacionados à tentativa de estabelecer a revelação da orientação e identidade sexual. Por um lado, ainda que exista certas maneiras e convenções em comunicar um segredo, faz-se necessário tornar consistente a natureza contextual, relacional e não hermética das relações estabelecidas entre o próprio armário e o dos outros.

## 1.6 Roteirização e conduta sexual

A perspectiva da teoria da roteirização, tal como esboçada por Gagnon (2006), parece manter um certo nível de diálogo com as colocações relacionadas às formas de lidar com a conduta sexual a partir da exploração de elementos simbólicos que compõem os quadros de referências e de orientação das condutas. A conexão entre roteiro e conduta, como será explicitada, pode prover ferramentas conceituais significativas para a análise de dados sobre aspectos interacionais, situacionais e emocionais. Alguns pressupostos teóricos podem ser observados:

A sexualidade, de acordo com a teoria da roteirização, não seria uma “função exemplar” ou fenômeno universal e a-histórico. Os arranjos sociais e culturais a ela relacionados não devem ser tratados como oriundos de imperativos biológicos ou de um mesmo patamar de desenvolvimento que supere fronteiras históricas e culturais. Ao contrário, a vida sexual se assemelharia a toda vida social, ou seja, estaria intrinsecamente relacionada às circunstâncias sociais, culturais e históricas. Gagnon (2006, p. 215) percebe que a sexualidade, como dotada de uma potente importância na cultura Ocidental, seria consequência da “significação sociogênica” que lhe é direcionada e atribuída a partir do momento histórico e social em que se encontra.

A partir dessa linha de raciocínio, os próprios repertórios de atividades corporais que estariam relacionadas às práticas sexuais também variariam de acordo com o significado atribuído por cada época e cultura analisada. A conduta do indivíduo poderá receber significações distintas de acordo com os atributos sociais (idade,

identidade de gênero, etnicidade ou classe social) e relações sociais (diferentes níveis de intimidade social, relações familiares) que ele possuiu ou em que se estiver inserido. As condutas sexuais devem ser estudadas como fenômenos locais, pois possuem sentidos e propósitos específicos em contextos culturais e históricos particulares.

As ciências que se dispõem a estudar e pesquisar a sexualidade também seriam, elas mesmas, produtos culturais e históricos. Os instrumentos de análise, os métodos de pesquisas, as observações e conclusões seriam menos um conjunto privilegiado de ferramentas pelo qual é possível se apropriar do mundo do que fenômenos localizados culturalmente, assim como os interesses e conjuntos de problematizações variam de acordo com a comunidade científica. Consequentemente, os trabalhos que privilegiam a sexualidade como objeto de análise contribuem para a sua definição, invenção e promulgação, o que englobaria também a própria teoria da roteirização e sua perspectiva sobre as interações sexuais.

A conduta afetiva e erótica da experiência sexual é resultado das circunstâncias culturais particulares de aprendizagem, ou seja, aprende-se não apenas os comportamentos e técnicas, mas também a interpretação dos acontecimentos fisiológicos pertinentes à excitação, ao prazer e ao clímax. As pessoas aprendem a ser sexuais de acordo com as formas de significação que compõem aquilo que se convém chamar de “sexual” em cada cultura específica.

Em grande parte das culturas, há uma relação entre conduta de gênero e conduta sexual. De acordo com as diretrizes de aprendizagem culturais e históricas sobre a sexualidade, pode-se verificar a existência de prescrições específicas para homens e para mulheres em relação à conduta sexual. Gagnon observa que:

Os padrões apropriados de conduta reprodutiva, sexual e de gênero são produto, todos eles, de culturais específicas, e todos podem ser vistos como exemplos de condutas socialmente roteirizadas. As sociedades ocidentais têm hoje um sistema de aprendizagem sexual e de gênero em que roteiros diferenciados conforme o gênero são aprendidos antes dos roteiros sexuais, mas em que estes se originam, em parte, em tais roteiros de gênero previamente aprendidos (GAGNON, 2006, p. 218).

A exposição dos pressupostos teóricos que balizam a conceptualização de roteirização sexual permite agora examinar a constituição do próprio conceito de roteiro e suas implicações para as investigações da sexualidade. Pode-se descrever os roteiros sexuais a partir de três níveis: o intrapsíquico, o interpessoal e o panorama

cultural. Gagnon (2006, p. 225), no entanto, propõe duas formas de se pensar a relação entre os três níveis.

Por uma perspectiva dinâmica e interativa, a relação focaria entre os níveis das diferentes culturas e ao longo da vida. Pela análise estática, os níveis se manifestariam de forma distinta entre si e os cenários culturais serviriam como guias de instrução no plano de vida coletivo. Neste caso, as instituições e arranjos sociais poderiam ser compreendidos como sistemas semióticos, ao fornecer os requisitos e práticas de papéis específicos. As instruções relativas aos papéis seriam compostas por narrativas e proporcionariam a compreensão do exercício dos papéis. Neste modelo os indivíduos seriam tratados como membros ativos da plateia a que se destinariam as instruções sociais.

Os roteiros interpessoais, no entanto, funcionariam no nível da interação social, e sua aceitação e utilização constituem a base de padrões contínuos de comportamento social estruturado. Aqui, o indivíduo seria o ator que atenderia a expectativas de outras pessoas, baseando a própria conduta de acordo com a conduta dos outros. Segundo Gagnon, este modelo seria mais cognitivista ao delinear a fronteira entre o a interação e a vida mental.

Os roteiros intrapsíquicos concerniriam ao conteúdo da vida mental, em parte de forma independente, mas também mantendo algum tipo de relação com as demandas de interação e com os cenários culturais. Em alguns casos, os roteiros intrapsíquicos seriam compostos por versões de cenários culturais que foram improvisados e, em outros casos, são permanentemente revisados para atender às exigências imediatas da interação social. Seriam dispostos tanto em termos narrativos quanto em fragmentos de desejos, lembranças e planos. Quanto mais próximo da interação concreta, tais roteiros se tornam mais ordenados, assemelhando-se a projetos ou esquemas, ainda que os componentes mentais que motivam as interações sociais possam não ter grande destaque. O ator social seria uma espécie de dramaturgo que teria como objeto de roteirização a sua própria conduta no decurso interacional.

Na prática, no entanto, os três níveis de roteirização estariam em constante conexão e influência mútua e, sobretudo, possuiriam dimensões históricas, culturais e individuais. Baseando-se na metáfora dramatúrgica, Gagnon comenta:

Na interface da cultura e da vida mental, o indivíduo é plateia, crítico e revisor, à medida que o material dos cenários culturais é importado para os roteiros

intrapésíquicos. Na interface entre a interação e a vida mental, o indivíduo é ator, crítico e dramaturgo. No mundo privado da vida mental, ele funciona também como fantasista, memorialista e utopista (ou antiutopista), trabalhando com os materiais da interação e da cultura a fim de criar alternativas inovadoras para os cenários culturais dados e os padrões contemporâneos de interação (p.226).

Torna-se importante frisar que, em primeiro lugar, o indivíduo passa por etapas de socialização como telespectador ou aprendiz dos próprios cenários culturais, mas na medida em que é solicitado a encenar tais roteiros, ele modifica o roteiro para atender às demandas situacionais em que se encontra, dialogando com as exigências interpessoais. Algumas modificações são mínimas, o que manteria um alto nível de congruência entre o que a cultura espera e o que a situação exige. Em contrapartida, em situações inéditas, o indivíduo seria solicitado a inventar a partir de materiais roteirizados previamente disponíveis.

Em momentos em que as ambiguidades e conflitos se tornam endêmicos nos cenários culturais, ao indivíduo são impostas novas exigências. A necessidade de roteirizar tanto o próprio comportamento quanto o comportamento dos outros seria, segundo o autor, o que geraria um “ensaio interno”, que só se tornaria significativo quando houvesse a possibilidade de distintos desfechos. Gagnon conclui que, a fantasia seria criada a partir da reorganização simbólica da realidade, tornando-se cúmplice da realização de desejos multifacetados e multiplamente verbalizados. A roteirização intrapésíquica seria justamente a atividade mental necessária ao se tentar modificar os materiais dados dos cenários culturais e, principalmente, quando se torna difícil exercer o papel de um ator social satisfatório (GAGNON, 2001, p. 228).

## 1.7 Antropologia das Emoções

Um exame sobre o campo da antropologia das emoções foi impulsionado por Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod ao organizarem um mapeamento das principais vertentes teóricas acerca da emoção como objeto de pesquisa das ciências sociais<sup>13</sup>. Em seu texto introdutório, as autoras identificam três estratégias usadas no desenvolvimento do campo da antropologia das emoções. São elas: o “essencialismo”; o “historicismo” e o “relativismo”. Em contrapartida, sugerem uma

---

<sup>13</sup> Para uma análise da construção do campo, ver REZENDE; COELHO, 2010.

quarta perspectiva alternativa às três anteriormente explicitadas e que denominaram “contextualismo”.

A abordagem essencialista é identificada, pelas autoras, como o viés predominante nos estudos psicológicos e psicanalíticos e estaria apoiada na premissa de que as emoções seriam processos psicobiológicos, atuando como substratos universais e naturais. Poder-se-ia concluir que as emoções seriam as mesmas e iguais para todos. Dentre as perspectivas mencionadas como representativas da abordagem essencialista, as autoras identificam a abordagem psicanalítica de Sigmund Freud, com sua concepção das energias pulsionais como algo a ser “modelado” ou “canalizado” pelas forças civilizatórias. Abu-Lughod e Lutz indicam duas dificuldades de se trabalhar com os pressupostos essencialistas: primeiramente a reificação das emoções, tidas como preexistentes ao social, com as quais os sistemas sociais deveriam “lidar”, ritualizando-as, reprimindo-as ou expressando-as; ademais, em tal perspectiva, o estudo das emoções se tornaria problemático, pois só seria possível por meio de relatos introspectivos, como o modelo da confissão<sup>14</sup>.

A abordagem relativista partiria da premissa da construção cultural das emoções como fenômenos socialmente circunscritos, problematizando o viés essencialista acerca das emoções. Uma estratégia central da abordagem relativista é a comparação entre contextos socioculturais distintos, capaz de questionar a suposição de que as emoções teriam substratos universais. As categorias emotivas são relativizadas e comparadas entre culturas, fragilizando a pertinência da própria categoria “emoção” concebida por uma perspectiva universalista (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 4).

A perspectiva relativista, cuja principal premissa consiste em tratar as emoções como constructos culturais, orientou as reflexões de Lutz acerca da concepção euramericana das emoções<sup>15</sup>. Abstraída a partir do esforço de compreensão das emoções Ifaluk, em um movimento autorreflexivo, Lutz esboça um

---

<sup>14</sup> Michel Foucault demonstra em seu primeiro volume acerca da história da sexualidade como a confissão, no Ocidente, tornou-se um dos rituais mais importantes para a produção da verdade sobre o sujeito, difundindo-se amplamente seus efeitos sobre diversos campos (científicos ou não) da sociedade ocidental como na medicina, na justiça, na pedagogia, em relações familiares e amorosas, na esfera do cotidiano e, não obstante, na relação paciente-psicanalista. Foucault demonstra como a produção da verdade, a partir do modelo discursivo da confissão, articula-se com a produção do conhecimento científico que, por sua vez, está impregnado de relações de poder, o que constituiria o dispositivo saber-poder.

<sup>15</sup> Ver LUTZ, 1998.

detalhado quadro expositivo e analítico sobre as emoções, onde a oposição-chave seria emoção/pensamento (1998, p. 55). Esta oposição surgiria em diversas versões: no universo acadêmico, sob a forma afeto/cognição; em sua variante romântica, oposição entre razão e paixão; e no senso comum, como sentimento e pensamento. Lutz demonstra como estes opostos compartilham um traço em comum: seriam as realidades mais originais do indivíduo, os espaços onde viabilizariam o surgimento do *self* verdadeiro, mais autênticos do que a fala ou outras formas de interação e socialização.

Essa visão das emoções, Lutz denominou de “etnopsicologia” ocidental moderna, a qual se refere ao sistema de conhecimentos que define e explica o que é a pessoa e seus atributos, suas reações, seu modo de se relacionar com outros indivíduos e grupos. Permitiria, também, o monitoramento pessoal e da alteridade, o que possibilitaria alguma antecipação dos comportamentos, atitudes e expectativas interpessoais. O conceito de emoção, segundo Lutz (1998, p. 13), deve ser concebido a partir de sua integração indispensável com outros elementos culturais, cognitivos, morais e, também, com a dimensão socialmente emergente de personalidade<sup>16</sup>.

Outro exemplo de etnografia de cunho relativista e fortemente implicada na emergência do paradigma interpretativista americano, foi realizado pela antropóloga Michelle Rosaldo sobre os sentimentos de vergonha e culpa entre os Ilongots, nas Filipinas. Segundo a autora, para quem as emoções seriam “pensamentos incorporados”<sup>17</sup> e estreitamente vinculados à concepção cultural de *self*, a vergonha seria menos um sentimento que surge no contraste entre impulsos antissociais e convenções prescritas que um sentimento que “surge de situações de desigualdade que ferem uma forte valorização da igualdade” (REZENDE; COELHO, 2010, p.16). Para a autora, a vergonha estaria sempre relacionada com a valoração do ator social com sua própria imagem diante das demandas interpessoais e situacionais.

Rosaldo (1984) se distancia de uma tradução individualista da relação entre pessoa e emoção fortemente marcada pela concepção de um *self* privado e interno cuja oposição normativa das prescrições sociais tomaria as emoções como as guardiões de normas sociais. Por conseguinte, sua proposta metodológica propõe conceitualizar as noções de pessoa e afeto em termos culturais, ou seja, como

---

<sup>16</sup> No original “*personhood*”.

<sup>17</sup> No original “*thoughts embodied*”. Ver Rosaldo, 1984.

construções sociais, o que implicaria em interpretações culturalmente informadas envolvendo corpo, *self* e identidade.

A terceira abordagem, a historicista, compartilharia com a abordagem relativista o exercício da relativização das emoções. Entretanto, enfatizaria as relações referentes à temporalidade, o que confirmaria o caráter histórico das emoções. Buscaria, por sua vez, recuperar genealogias de certas categorias emotivas, a fim de revelar como constituíram sua forma atual ou tiveram seu *locus* social deslocado e reatualizado ao longo do tempo<sup>18</sup>.

A partir deste plano de fundo acerca das principais vertentes teóricas que elegeram as emoções como principal objeto de investigação, Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod elaboram uma quarta abordagem: o contextualismo. Enfatizando a riqueza das situações sociais nas quais as emoções se apresentam, a perspectiva contextualista possui, como inspiração teórica, a noção de discurso do filósofo francês Michel Foucault que propõe:

[...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 2013, p. 60).

A abordagem contextualista teria como objetivo mostrar como os discursos emotivos podem ser vistos como práticas que estruturam o próprio objeto de que falam e dependeriam dos contextos sociais em que as emoções são expressas. Os discursos relativos às emoções seriam menos uma forma de abordar as expressões emotivas como veículos de estados subjetivos internos ao indivíduo do que de conceber a própria expressão como atos pragmáticos ou desempenhos comunicativos.

Por outro lado, tratar as emoções por sua condição situacional em contextos específicos tornaria evidentes as formas pelas quais os sentimentos podem ser dramatizados, reforçados e negociados por seus interlocutores. Por essa perspectiva, pode-se reconhecer a dimensão micropolítica das emoções e sua “capacidade para dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais a emerge a experiência emocional individual” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 78).

---

<sup>18</sup> Uma abordagem histórica das emoções foi realizada por Benzaquen de Araújo e Viveiros de Castro (1977) a partir de uma análise da concepção de amor na tragédia de Shakespeare “Romeu e Julieta”.

As emoções não estariam isentas de relações de poder, mas seriam perpassadas por elas. A partir da análise da capacidade política que as emoções exercem em contextos específicos, pode-se compreender como as dinâmicas interpessoais e grupais sustentam e nivelam hierarquias, estabelecem fronteiras excludentes e criam concepções de moralidade e justiça distintas.

No cenário nacional, as relações de poder e disposições de hierarquias presentes em discursos sobre emoções foi examinada pela antropóloga Maria Claudia Coelho (2006) a partir de duas cenas distintas: a troca de presentes entre empregadas domésticas e patroas e a experiência de vitimização envolvendo assalto domiciliar. Pode-se perceber, a partir dos respectivos relatos, a dimensão micropolítica das emoções a partir de gramáticas emocionais específicas relacionadas a sentimentos como ressentimento e gratidão, por um lado, e medo, desprezo e compaixão por outro.

No primeiro exemplo, a autora se baseia em dados obtidos por um conjunto de seis entrevistas realizadas com professoras de línguas estrangeiras, com idades que variavam entre cinquenta e setenta anos, e que residiam na zona sul do Rio de Janeiro, à exceção de uma moradora da barra da Tijuca. Nos relatos obtidos, as entrevistadas contavam sobre os presentes que recebiam e os que davam, as ocasiões de presentear outras pessoas e os critérios que influenciavam na escolha de seus respectivos presentes. O ponto chave da análise foram os presentes que as patroas trocavam com as empregadas domésticas, a partir de critérios muito diferentes daqueles relacionados ao se presentear familiares e amigos.

Coelho percebeu que a troca de presentes era mediada por sentimentos que pareciam possuir como função manter laços hierárquicos claros entre os atores sociais. Para as patroas, estava clara a importância que depositavam na demonstração de gratidão pelo objeto com que presentavam as empregadas, o que nem sempre era percebido. A gratidão, neste exemplo, seria a própria retribuição desejada pelas patroas, ao invés de um objeto material e simbólico. A “boa empregada” seria aquela que demonstrava este sentimento ao invés de fazer esforço para retribuir no plano material, pois tal movimento de reciprocidade poderia ser entendido como reivindicação de igualdade, o que feriria o vínculo hierárquico entre patroa e empregada.

Entretanto, o momento em que as empregadas não aderem à dramatização de tais vínculos hierárquicos, ao negar a posição de gratidão esperada e trocando-a por indiferença ou ressentimento, seria justamente aquele em que procuram retribuir

materialmente a dádiva. O sentimento de ingratidão resultante da troca indesejada emergiria como uma submissão a um tipo de vínculo específico onde os dois atores sociais ocupariam posições desniveladas, ou seja, a micropolítica realizada por este sentimento teria o papel de desestabilizar posições hierárquicas consolidadas entre patroas e empregadas domésticas.

Em seu artigo intitulado “Narrativas da Violência” (2010), Coelho examina a relação entre moral, alteridade e violência presente em relatos de vitimização de famílias de classe média carioca que foram vítimas de assaltos a residência. Um dos objetivos foi encontrar uma narrativa-padrão nestas experiências acerca das representações dos assaltantes e nos sentimentos por eles suscitados.

Percebeu-se que as descrições dos assaltantes deixavam entrever três traços convergentes nos relatos: a desordem e a agitação associadas à imundície; a criminalidade e a violência associadas à pobreza; e a ignorância atrelada a um nível cultural representado como inferior. Coelho conclui que essas passagens permitem entrever um esforço, por parte dos entrevistados, de demarcação de superioridade perpassando dois canais enunciativos referentes a dinâmicas emocionais: humilhação e medo resultando em desprezo e/ou pena. O complexo emocional foi explicado pela autora através da seguinte passagem:

[...] em sua capacidade micropolítica, desprezo e compaixão restabeleciam a hierarquia ameaçada pela invasão das casas, pela expropriação de bens, pelos xingamentos e ameaças, pelas eventuais agressões físicas. Esses sentimentos, contudo, fazem ainda mais: articulados a uma representação dos assaltantes como “desordeiros”, “pobres” e “ignorantes”, o desprezo e a compaixão sugerem estarmos diante de uma percepção da violência urbana como associada a diferenças entre classes sociais, entendidas em termos de poder aquisitivo e ou local de moradia (REZENDE; COELHO, 2010, p.281).

Nos dois exemplos citados, pôde-se perceber como as emoções desempenham funções micropolíticas ao produzirem efeitos que desestabilizam vínculos hierárquicos consolidados. Da mesma forma, a reposta emocional à “má” dramatização de relações sociais e a inversão de posições desniveladas, evidenciariam a capacidade micropolítica das emoções para reforçar as respectivas estruturas macrossociais que foram circunstancialmente ameaçadas.

As ambivalências e dinâmicas conflituosas de gestão e expressão dos sentimentos também podem ser analisadas no âmbito dos movimentos sociais orientados para a promoção de direitos de gays e lésbicas. Gould (2001), em sua análise sobre emoções e manifestações políticas e discursivas oriundas de coletivos

LGBT's, analisa como a cultura das emoções atuou no surgimento do ativismo militante da aids.

Segundo a autora, o aumento do descaso e ofensivas políticas contra a comunidade LGBT na época em que se ampliava o conhecimento público a respeito da aids propiciou uma nova “resolução” para a ambivalência de lésbicas e gays que estaria relacionado com o embate entre o *self* e a sociedade. Se antes a ambivalência era fortemente orientada pelo anseio da aceitação social presente no binarismo vergonha e orgulho, este novo momento político com que se deparavam possibilitou o fortalecimento de uma postura menos receosa da rejeição social.

Agora, gays e lésbicas não mais reprimiam sua indignação e raiva, “mas dirigiam esses sentimentos para o governo, para o establishment médico-científico, para a mídia e para a sociedade como um todo” (GOULD, 2001, p. 152). A emergência de uma cultura emocional voltada para administração da ambivalência que reforçava uma postura de acomodação no interior da sociedade, deu lugar a uma política do confronto encorajada pelo ativismo da aids, ao mobilizar um grande número de gays e lésbicas para a ação coletiva. Gould diz que:

A situação extrema animou tanto a articulação das “agora-normativas” emoções contraditórias quanto a uma nova resolução à ambivalência gay e lésbica; juntos, esses fatores afetaram intensamente as percepções que as pessoas têm delas mesmas, de suas situações e fizeram do engajamento, na ação militante, um imperativo (GOULD, 2001, p. 153, tradução livre).

Por fim, a autora defende que a abordagem que privilegia os circuitos de emoções e sentimentos que compõem as dinâmicas individuais e coletivas possibilita compreender três aspectos: o modo como a circulação de certas emoções mobiliza o surgimento de grupos de movimentos sociais em épocas de poucas oportunidades políticas; a importância dos afetos e sua expressão para uma análise dos esquemas interpretativos conscientes e inconscientes que orientam, por sua vez, a ação individual e coletiva; e a ampliação da maneira de se conceber os movimentos sociais, cuja existência e mobilização estariam perpassadas por ambivalências emocionais e cognitivas.

## 2 BINARISMO

Em sua obra, “Vice-Versa”, Marjorie Garber (1997) propõe uma reflexão sobre as concepções modernas da experiência bissexual a partir de uma obra clássica sobre a mitologia greco-romana, a saber: o discurso de Aristófanes em “O Banquete”, de Platão (escrito por volta de 380 a.C.). A partir do mito, algumas considerações acerca da construção da bissexualidade como objeto de investigação científica podem ser alavancadas e refletidas.

Em “O Banquete”, Platão discorre sobre um festim na casa de Agatão onde se encontram Sócrates; Aristodemo, seu discípulo; Fedro, o literato; Pausânias, amante de Agatão; Erixímaco, o médico e Aristófanes, o poeta cômico. Todos deveriam proferir um discurso sobre o Amor, a fim de elegerem o mais belo. Aristófanes, no entanto, propõe a questão em termos da natureza humana. No início, diria, “três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e feminino, mas também havia mais um terceiro”, este sendo o andrógino.

Todos partilhavam, no entanto, de quatro mãos, quatro pernas, duas cabeças e dois sexos. Estes seres possuíam uma força e um vigor terrível e, sendo acompanhados de uma grande presunção, acabaram por se voltar contra os deuses. Zeus, com o intuito de enfraquecê-los, mas sem destruí-los, separa-os em dois e conseqüentemente, cada ser passou a ser constituído pela metade do que costumava ser. Por conseguinte, desde que nossa natureza se mutilou em dois, cada um passou a ansiar pela sua outra metade e, assim, concretizando a união, morriam de fome por nada quererem fazer separadamente.

Zeus, tomado por compaixão, propõe deslocar o sexo de cada ser para a sua frente, o que possibilitaria o processo de geração entre um macho e uma fêmea. Caso fossem dois homens ou duas mulheres, que pelo menos houvesse a saciedade em seu convívio cotidiano. A partir de seu mito de origem, Aristófanes conclui que deveríamos glorificar Eros, pois a partir deste é que os seres restabeleceriam sua primitiva natureza.

Os homens, que amam as mulheres, e as mulheres, que amam os homens, possuiriam então uma natureza primeva em comum, a saber: a figura do andrógino, este “ser” que acomodava em si os caracteres masculinos e femininos. Durante muito tempo, a noção de “bissexualidade” na episteme ocidental moderna foi construída em consonância com a definição de uma androgenia primeva constitutiva do ser humano.

Durantes os séculos 19 e 20, o termo bissexual, oriundo do darwinismo e da embriologia, era empregado para se referir à dupla combinação dos atributos biológicos, o que corresponderia hoje à intersexualidade. Seu *lócus* seria o próprio corpo ou organismo humano composto pelo dimorfismo sexual.

Laqueur (2001), em sua leitura do mito, destaca o interesse sexual a partir de uma base genealógica, ao invés de reduzi-la a base biológica. Segundo o autor: “[...] o que nós chamaríamos de sexo desse ser humano parece ser de importância secundária” (LAQUEUR, 2001, p. 67). Os critérios de compreensão sobre normalidade e ordem social eram direcionados menos ao ato sexual em si do que em relação aos parâmetros culturais destinados à preservação do status, da honra e do prestígio. Por conseguinte, um vasto conjunto de nomenclaturas era utilizado para ordenar as relações entre os indivíduos e as respectivas práticas sexuais:

[...] *pathicus*, o que era penetrado; *cinaedus*, o que demonstrava uma luxúria anormal; *mollis*, o passivo, o efeminado. Por outro lado, havia a *tribade*, a mulher que fazia o papel do homem, que era condenada e, como o *mollis*, era considerada vítima de uma imaginação doentia e com sêmen excessivo e mal direcionado (LAQUEUR, 2001, p. 67).

No início do século XX, por sua vez, com a ascensão da psicologia e o advento da psicanálise, percebe-se a translocação de seu *lócus* físico para a dimensão psíquica da mente humana. Já em seus primeiros escritos, Freud faz menção à bissexualidade primária como uma disposição psíquica inconsciente a toda subjetividade humana, na medida em que ela se fundamenta na existência da diferença sexual. Butler (2003) observa que por detrás da conceptualização freudiana da bissexualidade, encontra-se justamente uma matriz de inteligibilidade heterossexual que organizaria os critérios de masculinidade e feminilidade ao objeto de desejo correspondente. Segundo a autora:

A conceitualização da bissexualidade em termo de predisposição, feminina e masculina, que tem objetivos heterossexuais como seus correlatos intencionais sugere que, para Freud, a bissexualidade é a coincidência entre dois desejos heterossexuais no interior de um só psiquismo (BUTLER, 2003, p. 112).

Em um terceiro momento, porém, já em meados do século XX, a noção de bissexualidade adquire novos preceitos: não mais se fundaria apenas no encadeamento entre masculino e feminino, mas na combinação entre a homossexualidade e a heterossexualidade. Embora a organização do aparato somático e psíquico tenham resistido como possíveis motores explicativos na

produção discursiva sobre o sexo, a partir da década de 60, com o desenvolvimento e ascensão da militância feminista e LGBT, a bissexualidade pode ser integrada como uma identidade sexual nas demandas por representatividade política (TUCKER, 1995, p. 3).

Essa genealogia pautada na produção discursiva sobre a bissexualidade, e proposta por teóricos de diversas competências disciplinares, demonstra os deslocamentos do *lôcus* discursivo que preponderaram para a sua definição. Em um primeiro mapeamento histórico, o primeiro deslocamento marca a passagem de uma natureza expressa no corpo para sua psicologização, no registro do psiquismo. O segundo privilegia as categorias de desejo e da identidade sexual sem eliminar de seu escopo as teorizações sobre gênero e sexualidade.

A construção discursiva da bissexualidade se mostrou arraigada por uma matriz binária constituída por um polo masculino e outro feminino, onde o *lôcus* da bissexualidade permaneceria imbricado. Por uma perspectiva macrossocial, tais elementos discursivos apresentados correspondem ao que Gagnon (2006) caracterizou de roteiros culturais. Os elementos que o compõem forneceriam esquemas teóricos e práticos nos quais os indivíduos, situados como atores sociais e que participam de grupos, instituições a partir de diversas redes de sociabilidade, conseguiriam mobilizar e construir sentido à própria experiência pessoal e coletiva.

O respectivo capítulo é destinado a analisar o lugar do binarismo nas reflexões dos jovens entrevistados sobre suas experiências e trajetórias pessoais; sobre suas formulações e compreensões sobre a bissexualidade e suas fronteiras com a heterossexualidade e homossexualidade; e a maneira como lidam com o desejo sexual e as relações afetivas. O conjunto dos dados possibilitará engendrar diretrizes dos roteiros intrapsíquicos em relação ao cenário cultural.

Os temas estão dispostos em três seções destinadas a: a) questionamento sobre a preferência quanto ao gênero das pessoas desejadas; as caracterizações binárias sobre os entendimentos da conduta masculina e feminina e a miríade de considerações sobre as demais categorias classificativas como “bi”, “gay” e “lésbica” em consonância com as suas variações valorativas; por fim, uma reflexão sobre o processo de roteirização diante dos relatos apresentados.

A organização entre desejo, conduta, fantasias, sentimentos e as respectivas demandas interpessoais concatenadas nas leituras das experiências descritas possibilitam a reflexão entre os três níveis de roteirização proposta por Gagnon

(2006). As possíveis articulações entre os três níveis constituirão os esforços para o exame do material recolhido que se seguem.

## 2.1 “Eu gosto de pessoas”

[...] é importante levar em consideração a flexibilidade e a descontinuidade do desenvolvimento humano e reconhecer a notável capacidade de adaptação dos seres humanos, quando enfrentam e criam circunstâncias novas durante todo o ciclo de vida.

*John Gagnon, “Os roteiros e a coordenação da conduta sexual”, 1974*

Uma das principais inquietações que acompanhou todo o processo das entrevistas se condensou em uma pergunta direta sobre as preferências quanto ao gênero da pessoa que despertaria algum tipo de interesse sexual e afetivo. Ao se perguntar sobre as inclinações dos entrevistados quanto ao gênero que mais mobilizaria o desejo, poder-se-ia escorregar na dificuldade de isolar a influência da pergunta sobre a resposta, por dar a entender que esta última deveria conter em si a consolidação de uma lógica binária do desejo bissexual. Não seria melhor reconhecer durante as cenas e as trajetórias narradas as referências individuais sobre masculinidade e feminilidade? A própria pergunta já não carregaria consigo a certeza de uma prevalência? Não seria melhor observar quantitativamente o volume de parceiros ou qualitativamente as considerações mais incisivas dos parceiros sexuais?

No desenrolar das entrevistas, entretanto, esta pergunta inicialmente questionável se mostrou relevante para a investigação. Em todos os relatos, a resposta foi unívoca quanto a reflexão em torno da preferência. Não havia nenhuma. A escolha dos parceiros sexuais não se baseava no gênero, mas em outros critérios que estariam presentes no desenrolar das histórias contadas. As respostas sugerem um consenso por equivalência entre desejar um homem e desejar uma mulher.

“Você não gosta do gênero, de uma característica do gênero. Você se encanta pela pessoa. Entendeu?” (entrevistado 1).

“Meio a meio. Eu gosto dos dois. O jeito que importa” (entrevistada 2).

“Eu sinto que não tenho isso de preferir homem ou mulher” (entrevistada 3).

“A sexualidade do “bi” está muito atrelada a personalidade do indivíduo que ele se sexualiza. Eu acho que minha bissexualidade está muito relacionada a isso. Eu fico com tesão na criatura. Mas eu acho que o tesão bi é por isso, a gente não consegue, a gente não se apaixona exatamente pela... tipo, tanto faz a genital, assim, é mais o jeitão da pessoa mesmo” (entrevistada 4).

“Eu acho que me interesse mais pela pessoa em si, do jeito dela e tal” (entrevistado 5).

Por conseguinte, dois termos chamaram a atenção nas respectivas respostas: “personalidade” ou “jeito” e “pessoa”. As duas categorias de especificação substituíram, por ora, qualquer possibilidade de desnivelamento entre se interessar por homens ou mulheres. As respostas sugeriram redirecionar o foco de análise do desejo para critérios que não se reduzissem ao gênero, mas que observasse as especificações que, de alguma forma, ultrapassavam a sua centralidade. Algumas observações sobre as duas categorias, juntamente com a análise dos relatos póstumos, são necessárias para o exame da roteirização das e condutas pessoais e interpessoais.

Algumas perguntas surgiram nesse momento: se o gênero não é a principal força explicativa, tal como Gagnon (2006) havia proposto, que espaço teria no desenvolvimento argumentativo das cenas relatadas? Seriam imprescindíveis para o exame do manejo entre masculinidade ou feminilidade?

Enquanto o termo “pessoa” parece sugerir a ratificação de uma não predominância do gênero na escolha dos parceiros sexuais, “personalidade” reorienta o olhar para o conjunto de características que estariam associadas a conduta individual e que seriam por isso valorizadas e demandadas. Em primeiro lugar, antes de pensar sobre o papel desempenhado pelo gênero no interior das exposições, surgiu a necessidade de pensar como as duas categorias operam em relação aos respectivos roteiros sexuais e que relação poderiam manter com o cenário cultural. Para auxiliar na investigação, pode-se pensar no exame antropológico de Marcel Mauss sobre a primeira noção.

Mauss, em “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “Eu”, propõe uma análise do termo no intuito de mostrar como a noção “acabou por ganhar corpo, matéria, forma, arestas, e isso até nossos tempos quando ela finalmente se tornou clara, nítida, em nossas civilizações” (MAUSS, 2003, p. 370). Ao invés de

descrevê-la por um viés essencialista, seu objetivo foi esboçar uma série de formas que a noção assumiu em diferentes épocas a partir de materiais etnológicos e antropológicos acumulados.

Dentro os exemplos apresentados pelo antropólogo, o termo adquiriu distintas apropriações que acompanham as diversas formas de vínculos sociais. Entre os índios Pueblos, de Zuñi, a categoria “pessoa” surge atrelada principalmente ao clã e aos respectivos papéis desempenhados pelos membros nos seus respectivos rituais e *status* por titulações. Os termos de parentesco determinam o *status* dos membros do clã, são indicativos de posição, e estariam relacionados ao nome do totem a partir de suas funções, atributos ou partes do corpo. Mauss conclui que:

Assim, por um lado, o clã é concebido como constituído por um certo tipo de número de pessoas, na verdade personagens; e, por outro, o papel de todos os personagens é realmente figurar, cada um por sua parte, a totalidade do clã (MAUSS, 2003, p. 375).

Em relação aos Kwakiutl, grupo de tribos do noroeste americano, instalou-se “um sistema social e religioso no qual, numa imensa troca de direitos, de prestações, de bens, de danças, de cerimônias, de privilégios, de posições, as pessoas e os grupos sociais são simultaneamente satisfeitos” (MAUSS, 2003, p. 376). A partir das classes e dos clãs, ordenam-se tanto os seus membros, quanto seus gestos ritualizados. Outra característica destacada seria as mudanças do nome dos membros do clã ao longo da vida, onde cada momento é personificado por outro nome ou título. O adulto, por exemplo:

possui um nome como guerreiros (naturalmente não as mulheres); como príncipe ou princesa, como chefe ou chefe, um nome para a festa que eles oferecem (homens e mulher) e para o cerimonial particular que lhes pertencem, para sua idade de retiro, seu nome da sociedade de focas [...] enfim, são nomeados: sua “sociedade secreta” na qual são protagonistas (urso – frequente entre as mulheres, que são representadas por seus membros ou seu filhos –, lobo, Hamatsé (canibais) etc.) (MAUSS, 2003, p. 378, 379).

Na Austrália, entre os Arunta, os Loritja e os Kakadu, o aspecto do homem em relação ao seu totem seria apresentado como fruto das reencarnações dos antepassados e que renascem perpetuando o clã. As repartições dos nomes prefiguram a posição do indivíduo, de seus direitos e do lugar nos respectivos rituais do clã. Para Mauss, dentre os povos mencionados, a função que os membros de um determinado clã devem exercer em seu interior, em seus “dramas sagrados” e os papéis que desempenham no ciclo familiar ao longo da vida, a noção de personagem

– como somatório de determinações e obrigações que funde, ao mesmo tempo que destaca e diferencia – sugere que “a função criou a fórmula, e isso desde sociedades muito primitivas até as nossas.” (MAUSS, 2003, p. 382).

A própria noção *persona*, dos latinos, estaria atrelada a traços do tipo de cerimônias de clãs, de máscaras e pinturas, onde os atores se fantasiavam de acordo com o nome que recebiam, tal como se encontra nos rituais romanos dos *Hirpi Sorani*. Ao longo do tempo, a noção de pessoa passou a adotar novas configurações por se caracterizar menos como um elemento de organização, do nome, ou a um direito associado a um personagem do que como “um fato fundamental do direito”. Sendo assim, a partir do da fundamentação do caráter pessoal do direito, *persona* passou a equivaler a verdadeira natureza do indivíduo. Todos os homens livres de Roma foram cidadãos romanos, todos tiveram a *persona* civil ou religiosa. Apenas os escravos eram excluídos ao direito fundado a *persona*.

A partir dos estoicos, Mauss atenta que a noção de pessoa dos romanos foi enriquecida a partir da moral voluntarista e pessoal dos estoicos. O próprio direito se enriquecia paralelamente. Para além de um sentido temporal de máscara ou personagem, a noção de caráter, a verdadeira face, torna-se essencial para a evolução do termo, onde foco seria a “natureza nua” do indivíduo, a “intimidade da pessoa”. Entre os séculos II a.C e IV d.C, acrescentou-se aos termos relativos a *persona* um sentido moral e jurídico, um sentido de ser consciente e independente, autônomo e livre. A consciência moral, concluirá Mauss, introduziria “a consciência na concepção jurídica de direito” (MAUSS, 2003, p. 391).

Os cristãos, por sua vez, transformaram a “pessoa moral” em uma entidade metafísica, onde a questão da unidade individual, da Igreja e a de Deus passaram a ter significativa importância. A partir da noção de *uno*, constitui-se a noção de pessoa e suas dimensões substanciais, corporais, da alma e da consciência, ou seja, a pessoa passaria a ser entendida como uma substância racional e indivisível. A partir dos movimentos sectários dos séculos XVII e XVIII sobre a formação e fundamentação do pensamento político e filosófico, temas como a liberdade individual, do direito, da alma humana, da comunicação individual com Deus passam a possuir centralidade fundamental para as transformações que direcionavam a noção de *persona* à de “Eu”. Foi em Kant que o caráter sagrado da pessoa humana passou a ser entendido como constituído pela consciência individual (MAUSS, 2003, p. 396).

Ao passo da transformação que a categoria “pessoa” assumiu historicamente e culturalmente, Mauss conclui que:

De uma simples mascarada à máscara; de um personagem a uma pessoa, a um nome, a um indivíduo; deste a um ser com valor metafísico e moral; de uma consciência moral a um ser sagrado; deste a uma forma fundamental do pensamento e da ação; foi assim que o percurso se realizou (MAUSS, 2003, p. 397).

A introdução realizada por Marcel Mauss sobre a noção de pessoa e de “eu” introduz uma percepção não essencialista da condição humana, onde fatores históricos e culturais, as relações entre os grupos e os clãs, as apropriações filosóficas, as jurídicas e as religiosas foram decisivas para as transmutações de tais categorias. Sendo ela uma categoria social, cultural e historicamente situada, a maneira pela qual ela é apropriada e mobilizada discursivamente nas narrativas deve ser, em primeiro lugar, contextualizada.

Por outro lado, a categoria “pessoa”, tal como descrita por Mauss neste trabalho acima analisado, parece flutuar sobre a genealogia histórica sem, ou de forma bem lateral, pousar sobre as construções sociais relativas ao sexo ou ao gênero. A análise de Clastres (2017), sobre a organização da vida cotidiana dos Guayaki, demonstra de que maneira a divisão social opera no ordenamento das tarefas e atividades da tribo. Os homens caçam e coletam, as mulheres transportam os bens familiares, produzem cestos, portes e cordas destinados à construção dos arcos, cozinham e cuidam das crianças. A diferença entre os homens e as mulheres Guayaki surge a partir da oposição entre grupos de produtores e grupos de consumidores ao organizar e dar sentido à um conjunto de práticas e atitudes que tecem as tramas das relações sociais. Conseqüentemente, a floresta é caracterizada como o espaço masculino, o acampamento, o feminino. Os signos resultantes desta divisão acompanham o ordenamento das atividades cotidianas, onde o arco e o cesto, respectivamente, passam a equivaler aos critérios da *práxis* entre os guayaki.

Os arcos e os cestos, ao serem produzidos, não lhes eram concedidos o direito ao toque aleatório entre os seus detentores. Um homem não suportaria carregar o cesto, e a mulher se tornaria temerosa em pensar em tocar no arco. Em ambos os casos, as transgressões que regem o toque são orientadas pelo risco de pairar uma maldição que inviabilizasse a caça e fragilizasse a economia local. O homem, amaldiçoado e inviabilizado de caçar, renunciaria a sua masculinidade e, desastrado, encarregar-se-ia de um cesto.

Afora as prescrições quanto a posse dos instrumentos, Clastres observa dois casos em que homens carregavam cestos, o viúvo Chachubutawachugi e o Krembegi. O primeiro, por conta de sua incompetência técnica, participava sozinho da coleta carregando, o que o impossibilitava de manter quaisquer laços conjugais com as mulheres da tribo. Não podendo se entregar à prática que lhe seria atribuída, “ele perdia, ao menos parcialmente, sua qualidade de homem e se achava, assim, lançado ao campo simbólico do cesto” (CLASTRES, 2017, p. 104).

O outro caso, embora compartilhasse da incapacidade de manuseio do arco, era tratado pelos membros da tribo de maneira muito diferente. Krembegi, embora não fosse caçar, assemelhava-se com as mulheres de seu círculo tanto pela aparência quanto pela conduta. Possuía os cabelos mais longos que os homens, sabia tecer e cozinhar, possuía habilidades artísticas nítidas e mantinha relações sexuais com outros homens<sup>19</sup>. Enquanto o primeiro era objeto de caçoada e desprezo, o segundo não despertava nenhuma atenção em especial, pois teria ocupado o lugar destinado às mulheres em sua tribo, em outras palavras, “ele era evidentemente proprietário de um cesto” (CLASTRES, 2017, p. 104). Clastres resume a trama envolvendo os dois na seguinte passagem:

É que, ocupando ambos uma mesma posição em relação aos outros homens, uma vez que os dois eram *pane*, seu estatuto positivo deixaria de ser equivalente, pois um deles, Chachubutawachugi, embora obrigado a renunciar parcialmente às determinações masculinas, permanecera um homem, enquanto o outro, Krembegi, assumira até as últimas consequências sua condição de homem não caçador, “tornando-se” uma mulher (CLASTRES, 2017, pag. 105).

A exposição dos textos antropológicos permitiu evidenciar o caráter social e cultural tanto da categoria “pessoa”, quanto dos termos e critérios para erigir a distinção sexual. Em ambos, nega-se uma perspectiva essencialista quanto ao objeto de investigação. A ideia de pessoa pressupõe um conjunto de relações sociais estabelecidas mediante a orientação da cultura e de seu tempo histórico, apoiando-se em aparatos e dispositivos institucionais, morais e filosóficos. Agora, a próxima etapa para o exame das entrevistas seria a de perceber se as marcas de gênero acompanhariam as descrições sobre as especificações de personalidade e de pessoa ao se contextualizar as cenas e relatos sobre os indivíduos que seriam o foco de

---

<sup>19</sup> A categoria que o classificaria, segundo Clastres, seria a de *kyrpy-meno*, ou seja, ânus-fazer amor (CLASTRES, 2017, p. 104).

interesse dos jovens. Retornando às respostas fornecidas pelos entrevistados sobre a preferência em relação aos parceiros sexuais e afetivos, torna-se essencial perceber as primeiras equivalências entre “pessoa” e “gestos”, “caráter” e “intimidade”, a maneira pela qual as características dos indivíduos e os seus vínculos com os grupos sociais acabam por exercer influência mútua no entendimento que possuem sobre si mesmo e sobre os demais.

Ao longo dos relatos, os entrevistados citam que características e qualificações lhes chamam mais a atenção nos parceiros e nas parceiras com quem se relacionam. Se por um lado a noção de pessoa flutua sobre uma possível indefinição sobre a mensuração de um interesse sexual e afetivo baseado no gênero, a de “personalidade” ou “jeito” assentam sobre um conjunto de predileções e especificações que parecem mobilizar a atenção dos jovens, onde certas distinções sobre as condutas masculinas e femininas passam a emergir com relativa força descritiva.

## **2.2 As vicissitudes do “tesão bi”**

Na primeira entrevista realizada já se nota a maneira pela qual as especificações de gênero se apresentam na resposta à pergunta sobre os últimos envolvimento afetivos:

Entrevistado 1: Eu tenho me relacionado mais com homens. Por preguiça. Porque eu acho que me relacionar com homem é mais fácil. O homem ele te demanda menos energia pra flerte. É uma coisa muito mais, muito mais ali, perceptível no olhar, é olhar. A mulher eu acho que você tem que investir muito, sabe? Eu já não tenho muita paciência pra isso. Não é que eu não me relacione ou que eu não me sinta atraído por mulheres. Mas, por exemplo, o homem. Você está numa festa, eu acho que o homem se permite encarar, se permite estar ali. E eu saí de um relacionamento agora, né. Há pouco tempo com um homem, ou seja, eu estou totalmente numa fase homem.

Diego: Como você se comporta em relação a cada caso?

Entrevistado 1: Talvez com a mulher você assume aquele papel do homem hétero. Aquele homem que protege. A mulher ela tem isso. O papel social imposto para a mulher. O homem te dá a possibilidade de brincar mais com os papéis. Porque se relacionar com homem você pode ser ativo, você pode ser passivo, você pode ter uma relação que você assume um papel um pouco mais... não digo papel de mulher, não é este papel de mulher que estou falando. Porque há muito preconceito nesse sentido. Tem dois caras juntos, então, quem é a mulher da relação? Não. Ninguém é a mulher da relação. Mas é o lance de você poder brincar com os papéis. De você ter dois iguais que você pode se encaixar de certas maneiras. Com mulher, eu acho que a mulher tem um pouco mais de problema em relação a isso. Ela tem um papel

social. A mulher heterossexual ela tem um papel social que ela assume e você se encaixa naquele papel.

Diego: Você poderia dar exemplos de papéis que você assume ao se relacionar com homens?

Entrevistado 1: Ah, sim. É no sentido... nada demais. É no sentido de por exemplo, eu percebo que com a mulher você tem uma certa preocupação em ser o macho alfa. Aquela coisa, o provedor muitas vezes. Ainda que seja no século 21, a mulher ela se põe num papel. Uma mulher que não se entende no sentido moderno, assim de mulher, ela se sente um pouco assumindo que ela é uma mulher e que ela não vai brincar com aquilo. Até na cama mesmo. Na cama é o melhor exemplo. Uma mulher ela vai ser passiva. Uma mulher heterossexual. Dificilmente você vai entender uma mulher que vire e fale: “Ah, vamos fazer um anal?”. Pra ela é difícil. Agora, pro homem, não. O homem gay, ele brinca mais e o homem bissexual, então, ele entende isso. Não quer dizer que todo homem bissexual é versátil. Não. Tem homens bissexuais que são mais ativos, que são mais passivos, tudo o mais. Mas não há zonas erógenas que não são intocáveis. Entendeu? Pro homem hétero há. Então são as amarras que eu comentei. Você se entrega de uma maneira maior. Entendeu?

Diego: O que seria papel social?

Entrevistado 1: Cara, papel social, em relação ao homem e à mulher, eu posso pensar em relação ao papel que o homem assume e a mulher assume nessa sociedade que a gente tem patriarcal. Essa coisa do homem ter o papel de provedor, ativo, aquela pessoa tem uma postura masculina que são muito mais vinculadas ao masculino do que ao feminino. Entendeu? E a mulher ao contrário. Então algumas atitudes serão encaradas como mais feminina e o homem mais masculino. O homem por exemplo não poder ser sentimental, então a mulher ela acaba tendo os atributos do sentimento e o homem uma coisa mais exata, mais concreta, lógica. Entendeu?

A relação entre o masculino e o feminino, entre passividade e atividade, sugere uma estreita articulação baseada na noção de “papel social”, a partir do qual a diferença de conduta e as condições de acessibilidade sexual do homem e da mulher são explicitadas. Relacionados com os termos sobre a orientação sexual, as duas categorias parecem tomar formas precisas sobre as expectativas pessoais do entrevistado. A justificativa sobre o interesse maior em homens se desdobra sobre o entendimento das variações de condutas sexuais ou afetivas onde a acessibilidade e condições de envolvimento tendem a ser maior entre dois homens. A ideia de “brincar com papéis”, por exemplo, acaba por sustentar a flexibilização entre a equivalência das categorias binárias, onde a passividade e atividade se tornariam alternativas para o sexo. Por outro lado, o termo “papel social” é empregado para explicitar a “mulher heterossexual”, cuja equivalência conceitual seria compreendida pela passividade<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Segundo Regina Ferro do Lago (1999): “[...] o universo sexual em nossa cultura se encontra ordenada menos pelas categorias “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual” do que pela lógica hierárquica de gênero, expressa na dicotomia atividade/passividade. [...] O modelo dominante seria o que dá relevância aos papéis de ativo e passivo, no qual a atividade está relacionada à masculinidade e a passividade, à feminilidade, com evidente supremacia social da primeira sobre a segunda” (p. 158).

O entendimento sobre a conduta entre “homem gay”, “o bissexual”, “mulher heterossexual” e “homem hétero” é sustentado, então, pelo termo “papel social”, mas não da mesma forma. Na relação entre dois homens, os papéis assumem a posição de objeto de manejo e de reorientação da conduta, onde se pode flexibilizar e alternar as práticas sexuais e as possibilidades de uso das zonas erógenas. O sexo anal, por exemplo, seria uma das práticas sexuais possíveis entre homens gays e bissexuais e que, segundo o relato, promoveria a alternância entre a passividade e a atividade.

Para a “mulher heterossexual”, a relação entre papéis sociais e conduta é exposta por critérios diferentes, não mais pela possibilidade de “brincar”, mas pela imposição ou assunção. A dinâmica sexual entre um casal heterossexual é delineada pela ênfase dada à falta de flexibilização da conduta sexual, onde a mulher heterossexual estaria no polo da passividade e o “homem hétero” contido pelas “amarras” que não permitiram o manejo de certas zonas erógenas. No entanto, a orientação sexual dos homens, sendo eles gays ou bissexuais, seria caracterizado pelas possibilidades de uso e subversão de tais prescrições de gênero.

Em outro momento, quando perguntado sobre a preferência sobre a condição ativa e a passiva no homem, o entrevistado parece refinar a explicação ao elaborar novas combinações possíveis entre as categorias binárias.

Entrevistado 1: Bom, sobre a relação das práticas sexuais e atração, eu me sinto atraído por homem-homem, assim, mais masculinos, e mulheres mais femininas. É uma parada muito engraçada porque eu não consigo me sentir atraído por pessoas mais andrógenas. Eu preciso... eu não sigo em relação a mais afeminado não. Mas eu digo, assim, o estereótipo físico mesmo, sabe? Daquele homem mais bruto ou de uma mulher mais delicada. Acaba me atraindo mais. É algo que me chama a atenção porque eu percebo que, quando chega, por exemplo, um menino muito delicado ou muito feminino, isso já não balança muito comigo. O mesmo acontece quando as mulheres são mais masculinizadas. Isso também não me mexe muito. Na cama, cara, com a mulher, eu nunca tive uma oportunidade de experimentar algo além do papel imposto pelo homem ou para um homem, porque a mulher meio que não se permite. Eu nunca fiquei com uma mulher “bi”, sabe? Mas a mulher heterossexual não se permite muito, muita fluidez nos papéis da cama. Então eu sempre fui ativo. O homem ele sempre, com todos os homens que eu estive, sempre foram abertos a experimentar e eu também. Eu tenho uma teoria que eu gosto de sentir prazer, não importa como. Então eu me adapto muito ao que o homem é ou ao que o homem se propõe. E eu vou, sabe? Eu vou fazendo.

Diego: Como você definiria um corpo bruto e uma mulher delicada?

Entrevistado 1: Cara, um corpo mais bruto que eu digo é um corpo masculino estereotipado mesmo. Aquele corpo que você percebe que tem mais traços masculinos, mais brutos e menos delicados. E o corpo feminino é um corpo mais feminino. Onde tem os aparatos femininos. Não sei explicar. Não sei dar exemplo. Eu só sei que é atraente. Não sei. Não sei te dizer. Desculpa minha voz fanha, eu estou meio gripado. Mas não sei de verdade. É isso, sabe? É um corpo masculino de homem que é mais bruto e o corpo feminino de mulher

que é mais delicado. É isso que eu quis dizer com bruto e delicado. Eu consegui explicar?

Na última resposta, a qualidade de “bruto” e “delicado”, referindo-se ao “estereótipo físico”, passam a ser as qualificações que preponderam na escolha dos parceiros sexuais. A categoria “homem-homem”, neste caso, se apresenta associada ao “bruto”, em antinomia ao “um menino muito delicado” ou “muito feminino”. O corpo masculino, entendido pela sua condição “bruta”, e o corpo da mulher sendo “delicado” formam, então, as características mais valorizadas. O “andrógeno”, por sua vez, emerge como categoria que propõe o contraponto. Aqui, o termo sugere uma mescla entre o masculino e o feminino em sua condição física, onde o “delicado” e o “bruto” não mais se referem ao “homem-homem”, mas à recombinação dos adjetivos direcionados à condição física do homem e da mulher que não despertariam interesse.

Em seguida, ele apresenta a distinção entre o “homem hétero” e o “homem bi” no que tange à conduta sexual:

Entrevistado 1: Por exemplo, um homem hétero. Um homem bi ainda que ele seja ativo, você pode brincar com a zona anal dele. Você pode fazer sexo oral, ainda que ele não seja penetrado, que ele não sinta prazer na penetração, você pode brincar com aquela região. É uma zona proibida. Agora um homem hétero dificilmente vai permitir isso. O machismo não deixa. Eu acho que o homem bi conhece o corpo dele, o homem gay conhece o corpo dele. O homem hétero talvez não conheça o seu próprio corpo. Por isso que às vezes, olha eu puxando sardinha, o homem bi, ele acaba dando muito prazer na cama. Porque ele sabe se posicionar, ele sabe dar prazer, ele sabe o próprio corpo e sabe sentir prazer, que é o mais importante. Porque ele sabe guiar. Não gosto disso, eu gosto daquilo. As pessoas ainda têm aquele lance: “Ah, falar de ânus é por que é gay”. Não. Até a mulher mesmo tem medo de mexer lá.

As qualificações em torno do “homem bi”, em contraponto ao “homem hétero”, parecem reforçar as primeiras justificativas relacionadas à flexibilização dos “papéis da cama”. O “homem bi” e o “homem gay”, por conhecerem o próprio corpo, por saberem se posicionar e sentir prazer, ratificariam a preferência do entrevistado frente à possibilidade de alternância e versatilidade entre a atividade e a passividade enquanto denominações de práticas sexuais relacionadas ao sexo anal. Em contrapartida, o “homem hétero”, tal como a “mulher heterossexual”, surgem como categorias que não possuem a liberdade de manuseio dos “papéis sociais”, onde a primeira é coibida pelo “machismo” ao inibir as possibilidades de manejo do próprio corpo, enquanto que a segunda se encontraria limitada pela imposição dos papéis sociais pela sociedade.

Aos poucos, delineia-se um possível ordenamento composto por combinações entre o gênero, a orientação sexual e as práticas sexuais que podem ser encontradas nos relatos dos jovens. Nas três entrevistas posteriores, as qualidades atribuídas às mulheres que, de alguma forma, despertaram o interesse sexual ou afetivo das entrevistas, contrapõem-se às descrições anteriores da “mulher heterossexual”. Seguem algumas passagens relevantes onde as entrevistadas pontuam características que consideram atraentes e essenciais para que lhes despertem interesse:

Diego: Nas suas últimas experiências com garotas, o que foi que te chamou a atenção?

Entrevistada 2: Então, a primeira garota que eu fiquei... eu não sei, eu a via de longe e achava uma pessoa legal. Ela gosta de futebol, tipo, eu não gosto muito de futebol. É visto como coisa de homem, né? Eu não assisto, mas ela gostava muito e eu acho isso maneiro, uma mulher falando muito bem de futebol e opinando sobre isso, brigando sobre isso, eu achava isso maneiro, uma postura positiva. Isso me atraía, sabe? Uma pessoa que se coloca, sabe? Eu acho que isso é uma coisa que me atrai. Sei lá, uma pessoa que se impõe no mundo. Eu a vi conversando com meus amigos, eu nunca tinha conversado com ela, ela é uma pessoa que parecia ser muito legal, sorridente, engraçada, alegre. E ela nem é bonita se você for ver estética ou beleza externa. Eu não posso dizer que ela é uma pessoa bonita assim, mas isso me atrai, o sorriso, essas coisas.

Agora, a característica valorizada estaria relacionada pelo deslocamento do interesse por futebol, que seria visto como “uma coisa de homem”, para se tornar um atributo positivo para descrever o interesse da mulher. Ela fala muito bem, ela opina, ela briga, ela se impõe no mundo. O deslocamento efetuado pela entrevistada, nesse caso, sustenta o desejo pela pessoa, colocando-a como alguém que se destaca dentre as demais por possuir habilidades valorizadas que contrapõem a lógica: futebol é coisa de homem.

Na terceira entrevista, há outras nuances circunstanciais que orientam a percepção do envolvimento afetivo baseado na distinção entre a mulher e o homem. As perguntas abaixo seguiram a primeira anteriormente citada na sessão anterior sobre a preferência quanto ao gênero. Tendo como resposta a negação de uma preferência *a priori*, buscou-se examinar as nuances do desejo a partir de outros enunciados:

Diego: você sentiu alguma diferença entre as suas primeiras experiências com homens e com mulher?

Entrevistada 3: Sim. Então, vou falar até hoje, tá? De como eu me sinto. Mulher é muito mais carinhosa. Eu sinto que é muito mais carinhosa e entende melhor o que se passa com você. Acho que são duas coisas muito claras pras pessoas. Rola coisas abusivas mesmo se tratando de duas mulheres. Rola atitudes abusivas. Já com homem, tem muito aquela coisa da figura do homem como protetor, como machão. Tem duas questões nisso. Eu

me sinto mais segura, de segurança mesmo, de estar com homem. Eu acho que entra duas questões: uma coisa social que está dentro de mim, uma visão. Não que é machão, mas que vai me proteger e me dar uma segurança.

Diego: Segurança em que sentido?

Entrevistada 3: Segurança não em relação a afeto, isso é mais com mulher. Me sinto mais segura assim com mulher. Até porque entende melhor a outra mulher, homem é muito burro, muito lerdo. Segurança de eu estar seguro num lugar. Até por que entra a questão do próprio relacionamento, né? Do homem com uma mulher e uma mulher com uma mulher. Existem pessoas que matam casais lésbicos, casais gays. Rola esse medo e essa segurança maior eu sinto com homem. Acho que isso, mas também acho que tem essa coisa entranhada e cultural de que o homem vai proteger sempre.

Diego: É uma segurança relacionada ao físico?

Entrevistada 3: Ao físico. Acho que é isso.

Diego: Você diz mulher no geral ou lésbicas?

Entrevistada 3: Lésbica e bi pelo menos. Acho que no geral também, as mulheres são mais compreensíveis e carinhosas com você.

Diego: Que características nas mulheres te chamam mais a atenção?

Entrevistada 3: Eu me sinto mais atraída por meninas mais masculinas. Não fico pensando em mais velhas.

Diego: O que seria uma mulher mais masculina?

Entrevistada 3: (risos) que se vista com roupa mais que homem usa. Que homem usaria mais. Não necessariamente cabelo curto. É isso. Uma coisa que eu sinto é que a mulher é muito mais preocupada em dar mais prazer do que em receber. Com mulher é uma coisa mais mútua.

A diferença entre enamorar-se de uma mulher e por um homem é mediado pelo sentido que o termo segurança assume nos dois casos. Entre duas mulheres, a confiança opera para a caracterização da mulher como sendo “mais carinhosa” e, conseqüentemente, passível de uma segurança afetiva. Os atributos destinados ao feminino extrapolam, nesse exemplo, as definições de lésbicas e bissexuais, por incluir também a homossexualidade. Os homens, por outro lado, apesar de possibilitar a sensação de segurança física, não possuem os mesmos atributos valorizados para lhes assegurar a dinâmica afetiva entre duas mulheres. A presença do campo cultural como uma “coisa” entranhada que garante a sensação de segurança ao homem se alinha com a noção de “papel social” adotada pelo Entrevistado 1. Em ambos, termos abrangentes como “sociedade” e “cultura” são utilizados para sustentar uma ideia de condicionamento das condutas, das sensações, dos papéis sociais e da “coisa entranhada”.<sup>21</sup>

A segurança afetiva entre as mulheres também se encontra relacionada à reciprocidade na troca de prazer, o que parece se relacionar com a descrição anterior onde a mulher “entende melhor o que se passa” com outra mulher. Quanto às

---

<sup>21</sup> A percepção de um espaço cultural que exerce, produz e sustenta as condutas relativas ao gênero se assemelham muito a definição de fato social como sendo algo exterior, coletivo e coercitivo frente o indivíduo em sociedade. Ver Durkheim, 1998.

características que mais lhe chamam a atenção, a jovem cita “meninas mais masculinas”. Quando questionada sobre a sua definição, apenas o vestuário é acionado para demarcar uma diferenciação, seguido da referência quanto à reciprocidade.

Na quarta entrevista, o termo “personalidade” emerge de forma mais incisiva. A jovem explica por que costuma se apaixonar mais por mulheres do que por homens, sem necessariamente contradizer a primeira resposta sobre as preferências previamente estabelecidas:

Entrevistada 4: Eu acho que mulheres têm uma tendência, não sei, mulheres que desafiam a lógica do feminino, me interessam muito assim. Realmente é mais difícil um homem que desafia a masculinidade. Acho que a mulher desafia mais a feminilidade, acho que por isso que...normalmente eu estou apaixonada por alguma mulher. É, acho que foi isso. Foram poucas experiências com homens que desafiavam a masculinidade.

Diego: Como é esse desafio?

Entrevistada 4: Ah, homem faz tudo igual no geral, né? Sabe? (risos) Faz tudo igual no geral. É uma cartilha (risos). O masculino a ser seguido, você não vê homem relaxando com esses aspectos que... detalhes pequenos, eu acho que é só o cara se permitir usar floral, o cara cagar e usar roupa rosa de boa. Não precisa nem mudar o comportamento, sabe? Aquele estilo homem hétero padrãozinho. Sabe, só de você se permitir símbolos que nossa, o mundo masculino já... nossa (risos). Que coisa, né? Outro dia eu dei uma blusa floral linda pro meu namorado e meu irmão ficou: “como assim você vai dar isso a ele?”, tipo: “você é louca?”

Diego: Seu namorado gostou?

Entrevistada 4: Gostou. Mas é porque ele já está nessa fase. Ele já entendeu que esse é o pulo do gato para eu manter o interesse na pessoa assim. Acho que ele já está entendendo. Tem isso, eu acho que esse nosso momento agora eu estou começando a ficar mais comportada por causa disso. Ele já começou a entender quem eu sou de fato. A única pessoa que conseguiu pegar esse negócio do... esse negócio que é a personalidade mais fosca que não é nem masculina nem feminina, que é só uma postura, assim, que é o que atrai mais. Essa confiança de lembrar que a gente é ridículo um pouco. As pessoas ficam julgando muito porque elas não se veem o quanto elas são ridículas. Acho que é isso.

Diego: O que é uma personalidade fosca?

Entrevistada 4: Tirei da minha cabeça. Nem sei se faz muito sentido, fosco...

A expressão empregada, “personalidade fosca”, parece sugerir um nível de agência individual que se materializaria por uma “postura” específica e que transcenderia a rigidez binária entre o masculino e o feminino. A categoria “pessoa”, indiferente quanto ao gênero, associa-se então a um modelo de personalidade onde, por um lado, entende-se como “fosca”, mas, também, como uma postura que não se permite binária. O termo “fosco”, por sua vez, ao relacionar-se com os demais, parece sugerir um movimento de inexistência *a priori*, onde traços e regras rígidas sobre os papéis de gênero são suplantados e, conseqüentemente, embaraçados ou

desfigurados. Talvez, o melhor sinônimo a destacar seria aquele que contempla sua condição fosca, a opacidade.

Na quinta entrevista, o entrevistado comenta os motivos pelos quais se relaciona mais com homens do que mulheres, logo em seguida à pergunta sobre a preferência:

Entrevistado 5: Eu me relaciono muito mais com homens do que com mulheres hoje em dia. Apesar de ter namorado mais mulheres, eu namorei duas mulheres e um homem, hoje em dia eu me relaciono muito mais com homem do que com mulher. Então às vezes eu fico pensando se não deveria me identificar como gay, mas eu acho que não. Eu também sinto atração por mulheres apesar de ficar menos com elas. Eu me relaciono menos com mulheres não por uma questão minha, mas por uma questão delas, porque justamente por eu fugir desse padrão de masculinidade, do meu comportamento e, também, do jeito que eu me visto, as pessoas já me enquadram como gay. E eu não faço questão de mudar o meu jeito pra me enquadrar num padrão que seja atraente pra mulheres. São raras as meninas que se interessam por mim pelo jeito que eu sou. Mesmo quando eu me interessar por uma mulher, o flerte é muito diferente. Tem essa questão do machismo, eu tenho medo de ser uma pessoa invasiva ou estar assediando sem querer. No mundo gay a coisa é muito mais solta. Em festa, carnaval, em samba ou coisa assim. Ou quer ou não quer. A pessoa vai lá, olha e vai lá e fica.

Diego: Que características suas que fogem do padrão?

Entrevistado 5: Eu uso cabelo comprido, às vezes colo um shortinho mais curto, uma roupa menos heteronormativa, algo mais feminino. Eu costumo andar com pessoas LGBT's, como eu ando muito com gays, bissexuais, tenho um amigo que se monta acho que as pessoas acabam me vendo como gay também.

O “padrão de masculinidade”, nesse caso, é utilizado como parâmetro para as relações afetivas. Em seu depoimento, características apontadas como femininas, que subvertem o padrão masculino, tornam-se a justificativa para a percepção de não se sentir desejado e o motivo pelo qual se relaciona mais com homens. A rede de sociabilidade possui, também, papel predominante para a descrição da imagem que o jovem acredita que transmite aos demais. Em seguida, ele responde sobre as características masculinas que mais lhe chamam a atenção:

Entrevistado 5: É muito louco, assim, porque é claro que a atração física ela existe. Todo mundo adora falar que prefere muito mais o interior do que a aparência física, pelo visual. De fato, por mais que eu me sinta atraído pela pessoa fisicamente, se não tiver uma conexão ali não física, que seja do papo, da troca, do acúmulo que a pessoa tem, da personalidade da pessoa, essa atração física ela desmorona. Uma pessoa que é barbiezinha, por exemplo, eu sempre tive uma rejeição clara. Eu lembro de uma vez que um carinha muito desse estilo padrãozinho, de barbinha, loiro, saradinho ficou flertando comigo porque queria me pegar.

A dimensão da intimidade aparece atrelada à personalidade e à forma de se relacionar durante as primeiras interações. A pessoa “barbiezinha”, como descrita pelo

próprio jovem, parece elucidar alguns aspectos do padrão masculino comentado anteriormente. Tal categoria parece se afastar da descrição do entrevistado, onde traços de feminilidade parecem condensar as percepções de si e sua expressividade para as mulheres.

A maneira pela qual a masculinidade e a feminilidade ocupam um papel central na descrição de sua entrevista, tanto enquanto rede afetiva ou expressividade do comportamento, possibilita uma comparação entre seus relatos e as preferências quanto ao gênero do primeiro entrevistado. Ambos se relacionam mais com homens do que com mulheres, tendo em comum, também, a justificativa da acessibilidade. Na primeira entrevista, o jovem explica o motivo pelo qual prefere se relacionar com homens: porque seria mais “fácil”. Esta observação pôde ser encontrada, também, na última entrevista; no entanto, o receio em ser uma pessoa “invasiva” acaba por tornar o campo do flerte um espaço de dúvidas e incertezas quanto ao manejo da interação.

Na primeira entrevista, as percepções sobre os papéis sociais surgem como justificativa para a dificuldade em se relacionar com garotas, pois os parâmetros utilizados para a interação seriam minados pelos próprios papéis de gênero. Segundo ele, as regras de conduta e a condição desfavorável para que as mulheres se permitam “experimentar” se tornam a antítese principal do comportamento de homens LGBT. Na quinta entrevista, o fator predominante para a tendência em relação ao masculino estaria na autopercepção do entrevistado como alguém feminino e, por isso, indesejável para as mulheres.

Tais deslocamentos evidenciam que a relação binária entre masculino e feminino, associada às trajetórias de vidas e roteiros sexuais dos jovens, articulam-se de maneira distinta, onde a bissexualidade aparece como categoria de desejo capaz de engendrar diferentes combinações e manejos de categorias binárias e que estariam assentadas em um cenário cultural mais amplo.

### **2.3 Mapeando o “tesão bi”**

O cenário cultural, segundo Gagnon (2006), pode ser entendido como fornecedor de um conjunto de guias e instruções existentes no plano da vida coletiva. De certo, as instituições e arranjos institucionalizados podem ser lidos como “sistemas semióticos” e que forneceriam os requisitos, as práticas, instruções sobre a entrada e

saída dos papéis sociais. Nesse sentido, o indivíduo seria concebido como membro mais ou menos ativo de uma plateia, podendo ser receptivo ou não às instruções recebidas.

A mediação entre os guias sobre os papéis e o que é aceito, ou não, é realizada em consonância com os roteiros intrapsíquicos, onde a tessitura da vida social é apreendida parcialmente e contextualmente pelo indivíduo. Tais roteiros agrupariam “narrativas cognitivas sumamente ordeiras até fragmentos de desejos, lembranças e planos” (GAGNON, 2006, p. 226). O conteúdo da vida mental seria também resultante dos roteiros interpessoais, onde novas exigências situacionais são expostas de acordo com as interações sociais em que os indivíduos estão inseridos. Nesse caso, além das próprias expectativas, os interlocutores devem estar atentos à expectativa dos demais presentes. A dinâmica resultante entre os participantes exigiria de cada a necessidade de organização da conduta pessoal, nesse caso, o indivíduo seria “um dramaturgo que roteiriza sua própria conduta, a fim de lidar com a natureza problemática da interação” (GAGNON, 2006, p. 226). A possibilidade de adaptação dos roteiros às novas exigências interpessoais sugere que a relação entre cenário cultural e às interações sociais não são simétricas. A mediação realizada pela vida mental dos integrantes é orientada a partir de reorganizações dos elementos contidos no cenário cultural, como as instruções sobre os papéis de gênero e as demandas situacionais das interações.

Os relatos apresentados podem fornecer alguns exemplos sobre os posicionamentos dos indivíduos como plateia ou dramaturgos. A leitura que o Entrevistado 1 faz sobre a conduta de homens e mulheres heterossexuais são percebidas como padronizadas e distintas da conduta de pessoas bissexuais. A primeira explicitação associaria a masculinidade com atividade, enquanto a feminilidade estaria associada à passividade. De forma distinta, a bissexualidade seria concebida em termos de deslocamentos de tais associações, onde o homem se permitiria “brincar” com a subversão dos termos passivo/ativo. Pode-se perceber o entrelaçamento entre roteiros de gênero e roteiros sexuais na medida em que sua conduta sexual é interpretada como uma flexibilização dos papéis de gênero, o que incidiria nas práticas sexuais menos rígidas.

Na segunda entrevista, por exemplo, um dos principais fatores para o surgimento do interesse da entrevistada em sua parceira sexual foi o fato desta se interessar e possuir um conhecimento amplo sobre futebol. A postura de sua

companheira diante de um esporte que é visto como “coisa de homem”, foi a característica que mais lhe chamou a atenção.

Na terceira entrevista, a jovem associa as características sobre a masculinidade e a feminidade a partir da sensação de segurança que advém de sua relação com homens e com mulheres. Segundo ela, as mulheres por serem mais carinhosas, proporcionam o conforto afetivo que os homens, por não serem, não conseguiriam proporcionar. Em contrapartida, a jovem destaca a segurança física que uma relação heterossexual pode garantir. O homem é caracterizado por sua figura de “machão” e “protetor”, mas também por ser “lerdo” e “burro” ao tratar do campo afetivo.

Na quarta entrevista, o termo “personalidade mais fosca” é utilizado pela entrevistada para explicitar o tipo de personalidade que não é “nem masculina, nem feminina”. Segundo a jovem, as mulheres estariam mais dispostas a desafiar a “lógica do feminino” e, por isso, chamariam mais a sua atenção. Os homens, por sua vez, seguiriam a “cartilha” e não desafiariam a lógica da masculinidade. O exemplo fornecido pela entrevistada ao presentear o namorado com uma blusa floral, seguida da interpelação negativa do irmão, justificaria o interesse dela por seu companheiro que já havia entendido o “pulo do gato” para manter o interesse da namorada.

Por fim, o quinto entrevistado realiza uma leitura de si baseada em sua forma de conceber o “padrão de masculinidade”. Por possuir cabelos compridos, usar shorts curtos e possuir amigos gays e bissexuais, a imagem que ele acredita transmitir às mulheres seria o oposto do padrão da masculinidade, sendo esta a principal justificativa por se relacionar mais com homens. Segundo ele, por possuir tais características, a impressão que a imagem de si sugeriria as pessoas o definiriam como homossexual. Ao se conceber fora do “padrão da masculinidade”, sua vida afetiva e amorosa parece suscitar questionamentos sobre a sua própria orientação sexual.

Em todas as cinco respostas há o entrelaçamento entre os roteiros de gênero e prerrogativas sobre o que despertaria o interesse pessoal em outras pessoas. De certa forma, o “tesão bi”, como citado pela Entrevistada 4, não destitui a relevância dos papéis de gênero para as narrativas que compõem o desejo sexual. Dizer que o gênero não importa para a orientação do desejo, não significaria desconsiderar a sua relevância na descrição sobre as próprias formas de conceber o interesse sexual. A categoria “pessoa” seria um indicativo de não preferência *a priori* ao se relacionar com homens ou mulheres, por outro lado, a forma como é descrita os termos como

“personalidade” e “jeito da pessoa”, de acordo com os relatos, sugere que as impressões de gênero são alavancadas e em seguida deslocadas por uma espécie de “desafio” ou brincadeira entre os papéis sociais.

Os marcadores de gênero acionados para o ordenamento das respostas demonstram as apropriações pessoais de categorias culturais baseadas no sistema de gênero e orientação do desejo sexual. Tal como Gagnon propõe (GAGNON, 2006), os indivíduos em primeiro lugar se socializam como espectadores e aprendizes do cenário cultural, o que caracterizaria as definições das condutas associadas aos homens e às mulheres nos relatos. Em seguida, à medida em que os indivíduos são solicitados a encenar os roteiros, os quais devem modificá-los e adaptá-los de acordo com as situações concretas em que se encontram, o que incluiria as exigências de outros participantes e as relações que ele mantém com elas. O indivíduo deixaria de ser apenas um membro relativamente ativo da plateia para se tornar “improvisadores com certos componentes dramaturgos” (GAGNON, 2006, p. 227).

O exame dos relatos pode evidenciar de que maneira o gênero é suspenso a partir da categoria “pessoa” pelos entrevistados, e, em seguida, acionado pela categoria “personalidade”. Aqui pode-se incluir: o homem bissexual que brinca com papéis de gênero; a mulher que se interessa por futebol e se impõem quando o tema é o esporte; a mulher entendida como mais simpática e, por conta disso, proporciona o conforto afetivo; o entrevistado que acredita ser concebido como gay e, por conta disso, não sendo objeto de desejo das mulheres, passou a se relacionar mais com homens. No último caso, no entanto, deve-se enfatizar o “interesse” por mulheres como justificativa para não se “identificar como gay”.

O desejo ou interesse, tal como aparece nos relatos, enfatizam tanto a trajetória individual dos jovens quanto a leitura, que é continuamente realizada sobre os roteiros de gênero e sobre a conduta sexual dispostos nos cenários culturais e em suas diversas variações e improvisos. As preferências afetivas ou sexuais e os roteiros de gênero emergem associadas nos relatos de todos os entrevistados, tal como sugere Gagnon:

Na maioria das sociedades, a conduta sexual e a conduta dos gêneros estão, até certo ponto, ligadas. Em outras palavras, o que os homens e as mulheres fazem sexualmente costuma diferir e existem prescrições e experiências específicas, ligadas à conduta sexual conforme o gênero (GAGNON, 2006, p. 218).

Os roteiros, enquanto um esquema cognitivo organizado e constantemente modificado e adaptável, seriam definidos como:

aquilo que liga os sentimentos de desejo e prazer ou de repulsa e desintegração às atividades corporais associadas ao contato físico e aos sinais físicos de excitação. [...] ao mesmo tempo, o roteiro fornece orientação quanto ao que é ou não é uma situação sexual e contém os elementos que ligam a vida erótica à vida social em geral (por exemplo, o conhecimento dos roteiros etários, do que é um adulto ou uma criança, é um guia sobre o que são os parceiros sexuais apropriados) (GAGNON, 2006, p. 220).

Os “parceiros sexuais apropriados”, tal como descritos nas entrevistas, estariam imbricados no termo “personalidade” que, por sua vez, pode ser ora concebida indiferente no que diz respeito à diferença quanto ao gênero, ora justificada pelos critérios utilizados por cada entrevistado e contextualizados a partir de suas respectivas considerações dos parceiros e parcerias que lhes despertam ou despertaram interesse. Por outro lado, tanto o termo “pessoa” quanto “personalidade” parece responder a uma questão intrínseca à literatura sobre a bissexualidade, a saber: o problema do apagamento social.

O próximo capítulo será destinado a abordar o tema da invisibilidade social da bissexualidade a partir de relatos dos jovens em situações em que a interpelação sobre a sexualidade emergiu na interface entre o sigilo e a exposição. Será examinado cenas entre familiares e amigos, entre parceiros amorosos e primeiros encontros, encontros onde uma resposta sobre a bissexualidade se tornou uma exigência ou desejo pessoal e, por fim, de que forma tais implicações foram interpretadas pelos próprios entrevistados.

### 3 DÚVIDAS, EXPOSIÇÃO E SIGILO

Algumas cenas presentes em diversos momentos nos relatos dizem respeito aos questionamentos que os jovens e outras pessoas fizeram sobre a veracidade da bissexualidade como categoria legítima. Em muitos momentos, as dúvidas direcionadas para o próprio desejo e a percepção de outras pessoas acompanharam as etapas descritas por Sedgwick (2007).

É interessante perceber, no entanto, que a autora não abordou problemas relacionados à bissexualidade, restringindo-se às categorias “gay” e “lésbicas”. Angelides (2001, p. 173) aponta para as implicações de que as oposições utilizadas para caracterizar a dinâmica do armário – e que se encontram relacionadas com outros pares presentes na história dos discursos sobre a sexualidade como masculino/feminino, natural/artificial, igual/diferente, ativo/passivo – tenderiam a marginalizar e a reforçar o apagamento da bissexualidade. Para o autor, a marginalização é reforçada pela impossibilidade de representar a bissexualidade a partir das principais formulações binárias que compõem o quadro de referência de Sedgwick. Para sustentar esta estrutura binária, a bissexualidade deve ser ignorada ou elaborada consoante à própria lógica de termo duplo.

Dentre os sete tópicos descritos pela autora de “A epistemologia do armário”, alguns podem ser citados pela proximidade dos questionamentos; entretanto, as especificidades das respostas apontam para novas dinâmicas sobre a exposição e sigilo de pessoas bissexuais. A estrutura do capítulo está dividida em três subseções: a primeira está relacionada às cenas sobre a administração do armário entre familiares; a segunda, entre os entrevistados e pessoas que possuíam algum nível de interesse afetivo ou erótico. A terceira seção será dedicada à maneira como o ciúme foi concebido entre o casal composto pela quarta entrevistada e seu namorado.

#### 3.1 Família

O primeiro tópico destacado pela autora se resume às perguntas como: “Como você sabe que é realmente gay? Por que a pressa de chegar em conclusões? Afinal, o que você diz se baseia apenas em poucos sentimentos e não em ações reais”

(SEDGWICK, 2007, p. 37). O que estaria em jogo no processo de revelação gay seriam questões sobre autoridade e a evidência.

Na primeira entrevista, a principal cena na qual as perguntas do mesmo tipo são conduzidas quanto à bissexualidade se encadeia numa conversa entre pai e filhos. O diálogo foi motivado pelo início de um relacionamento onde o sigilo passou a não fazer mais sentido. Segundo o relato, o pai teria sido o último a saber por receio de sua reação, diferente dos restantes dos familiares que reagiram bem.

Entrevistado 1: Eu sempre me soube bi, mas eu nunca tinha namorado homens. Eu sempre namorei mulheres. E aí uma vez eu conheci um cara que me fez chegar ao ponto de namorar. Eu falei: “Epa, agora, não é justo com ele que eu não deixe isso claro para a minha família”. E aí eu cheguei e contei muito abertamente. Muito direto também. “Eu tenho uma coisa pra contar pra vocês que eu nunca contei por que eu não via necessidade, mas agora eu acho que tem necessidade”. Porque a gente estava namorando. “É...eu estou namorando com um cara”. E aí, a minha avó entendeu de boas. Minha mãe também lidou com a situação de uma maneira muito tranquila. Nunca tive conflito com as duas, pelo contrário. O meu pai que já lutou, foi mais chato. É um caso à parte. Meu irmão, pelo contrário, sempre fez a relação do meu pai comigo. Porque meu irmão foi muito tranquilo e foi muito importante nesse processo de aceitação do meu pai.

O irmão e a madrasta aparecem no relato como os familiares que teriam exercido a ponte entre o entrevistado e seu pai:

Entrevistado 1: E aí, um dia, ele estava assistindo televisão com a minha madrasta e aí eu entrei no quarto dele e falei: “Gente, vamos conversar?” (risos) Aí ele falou: “Vamos, o que que houve?” Eu falei: “Então”, eu fui direto, falei assim: “olha, eu estou namorando. Tem um tempão que eu não namoro, né?”. “Ah, que bom. Está namorando, né?”. “Então, eu tenho que deixar isso claro”. E aí eu contei como eu conheci meu namorado: “Um dia eu fui numa festa e tal. Vocês lembram que estou... vocês comentaram...vocês lembram que vocês comentaram que eu estou saindo mais e tal? Você até me zook”. Minha madrasta tinha me zoadado uma semana antes, ela falou: “Nossa, está se arrumando e que não sei o que”. E eu falei: “Tem um motivo. Eu estou namorando e é um cara e tal”. Aí meu pai meio que olhou pra minha cara. Foi muito engraçado, eu virei e falei: “E eu sou bi”. Aí meu pai: “Bi o que?”. Aí eu falei: “Bilingue que não é, né?” Aí ele: “Bi?” “É, pai, bissexual”. “Bissexual o quê? Você gosta de homem e de mulher?” “É, tá bom”. Aí ele se levantou e foi ao banheiro. Ele ficou uma hora dentro do banheiro e aquilo foi muito ruim, por que o que ele está fazendo ali? Ele estava com o chuveiro ligado, tomando banho, aquilo pra ele foi muito ruim. Depois de uma hora ele me sai, fuma três cigarros seguidos, sem falar nada. E minha madrasta só virou pra mim e falou assim: “Calma, ele vai digerir isso”.

A dúvida do pai quanto ao termo “bi”, mesmo que inserido em um contexto sobre relacionamento amoroso, parece sugerir tanto um tempo necessário para compreensão da resposta, quanto um desconhecimento da categoria, o que, segundo o entrevistado, tornou a pergunta do pai sobre o termo “engraçada”. Em seguida:

Entrevistado 1: Aí ele me chamou, falou assim: “olha... isso pra mim foi um baque. Foi estranho. Porque isso me irrita muito. Porque eu coloquei expectativas em você”. Aquele processo da expectativa. “No entanto eu acho que você é meu filho, que eu te amo de qualquer jeito, em qualquer condição, só que eu não quero compartilhar com você sobre a sua vida. Então não tem problema, nossa relação não vai mudar, você vai continuar sendo o meu filho, mas eu não quero conhecer o seu namorado, não quero que ele venha aqui na nossa casa, eu não quero compartilhar nada com você em relação a isso. Eu não concordo com essa vida. Com essa sua escolha”. Ele deixa claro que pra ele é uma escolha. E isso foi um processo bem chato, porque eu também sou birrento. Eu virei pra ele e falei: “Beleza. Você não quer participar da minha vida, você não vai participar da minha vida”. Então, a família toda participava, menos ele. “Vamos almoçar domingo em tal lugar? Vamos todos, mas, ó, meu namorado vai”. Meu pai não ia. Não quer ir não vai. A família toda ia menos ele. E aí o meu irmão começou a fazer essa ponte: “Pai, você está perdendo uma fase da vida da gente. Você deixa de participar, você deixa de estar presente. Você deixa de conviver. Vamos! Ele é legal. Ele é maneiro”.

Há uma ênfase na resposta do pai quanto à bissexualidade ser uma escolha que o jovem fez questão de mencionar. Em outro momento da entrevista, ele cita que a bissexualidade, na sua opinião, seria uma condição universal. O tema sobre as “amarras” que o jovem menciona no capítulo anterior para especificar o comportamento de pessoas heterossexuais retorna como justificava para a pergunta: “se todos nascem bissexuais, por que as pessoas não exercem a sexualidade da mesma maneira?” É interessante perceber que, neste caso, a bissexualidade é entendida como inerente à condição humana e, conseqüentemente, não seria uma escolha, tal como sua leitura sobre a resposta do seu pai.

Entrevistado 1: Eu acho que todo mundo é bissexual. De verdade. Eu aprendendo, assim, a lidar com pessoas eu aprendi que todo mundo tem impulsos bissexuais. E algumas pessoas controlam e outras não. Eu acho que todo mundo nasce bissexual, todo o mundo está nascendo propenso a ter prazer e sexo é prazer. O sexo é ir lá e ter uma relação para o prazer. Aí eu entendo que algumas pessoas crescem e são amarradas de uma maneira que elas assumem papéis sociais. “Ah, você nasceu homem, você é do gênero masculino, você vai ser uma pessoa que se relacionará com mulheres”. Tá, mas e aí? É uma amarra, porque, pra mim, naquele inconsciente, aquele cara já teve impulsos sexuais pra outro homem e ele não colocou talvez em prática porque ele tinha medo de ser tachado como gay. Porque ser gay é ruim pra nossa sociedade.

Retornando o diálogo com o pai, o convite do almoço para apresentar o namorado foi negado. Entretanto, alguns dias depois, o tema sobre a bissexualidade ganha novos contornos:

Entrevistado 1: Aí um dia meu pai chegou e falou: “Olha, traz ele aqui em casa que eu quero conhecer”. Chamei ele pra almoçar aqui e tal. Chamei e foi supertranquilo. Houve uma conversa aberta na mesa e tudo o mais. E aí meu pai começou a gostar do meu namorado. Era a coisa mais engraçada do mundo, porque aquela pessoa que tinha ojeriza passou a ter agora dois

filhos. Ele falava isso claramente. No entanto, a gente terminou o namoro. Quando a gente terminou o namoro, o meu pai colocou na cabeça dele que eu tinha voltado a ser hétero. E parece que ele regrediu anos. E aí, um dia, o meu pai chegou pra mim e, assim, parece que ele tinha acumulado uma angústia e uma raiva muito grandes, ele virou pra mim e falou: “Olha, você acha que as pessoas não comentam? De como você é, o que você faz? Isso é muito sério. Porque você fica sujando a imagem da nossa família”. E isso me irritou muito, sabe? Porque fiquei, assim, sujando a imagem. Você tem três empregos, você tem duas graduações, você estuda que nem um condenado, você é uma pessoa que está sempre ali presente para toda a família, e aí, porque você está fazendo sexo com outro cara, você está sujando o nome da sua família.

Há certamente algumas questões para reflexão no último relato. Por um lado, a mudança de comportamento do pai ao conhecer o namorado do filho demonstra o resultado do esforço coletivo da família em tentar estabelecer laços amistosos com o novo rapaz. Em contrapartida, a segunda mudança de comportamento do pai assinala a percepção de equívoco, dúvida ou estado de confusão, em que o retorno à heterossexualidade se torna uma possibilidade. A sensação de regressão, comentada pelo jovem, se alinha à noção de “presunção heterossexista” (SEDGWICK, 2007, p. 22), quando se relacionar com pessoas do mesmo gênero pode se transformar em um desvio passível de solução. O fim do relacionamento amoroso, na perspectiva de seu pai, equivaleria ao fim da “escolha” de parceiros do mesmo gênero.

A segunda colocação no diálogo se conduz pela expressão “sujando a imagem da nossa família”. A relação entre exposição e sigilo no interior de redes familiares pode vir acompanhada pela “consciência de um potencial de sério prejuízo provavelmente nas duas direções” (SEDGWICK, 2007, p. 39). O primeiro desses prejuízos, certamente, parece ser a contradição sobre a presunção do filho ser heterossexual. Quando se estabelece a instabilidade da manutenção do sigilo e do controle da informação, a sensação de crise que se estabeleceu entre os laços amistosos com o pai sugere a condução de uma possibilidade de prejuízos à imagem da família a qual, na sua visão, teria sido produzida pela exposição do filho.

O desenvolvimento da trama sugere a passagem de uma identidade desacreditável para uma desacreditada, tal como propõe Goffman (2012, p. 51). Segundo o sociólogo, quando surge uma discrepância entre a identidade social real e a virtual<sup>22</sup> de um indivíduo, é comum que as demais pessoas já possuam

---

<sup>22</sup> A identidade social real seria o conjunto das categorias, atributos e qualidades que o indivíduo prova possuir, enquanto a identidade virtual se caracteriza pelas demandas efetivas que seus interlocutores imputam ao indivíduo. Ver GOFFMAN, 2012.

conhecimento do fato e que a discrepância se torne evidente no momento da interação, o que caracterizaria a categoria “desacreditado”. Entretanto, quando a diferença não se apresenta de forma imediata, ou quando os demais integrantes da interação não possuem conhecimento sobre ela, surge a possibilidade de manipulação da informação sobre seu respeito, tal como sugere a categoria “desacreditável”.

As narrativas em torno do armário de pessoas bissexuais e gays parecem se estender para a passagem de um estigma antes encoberto e protegido, para a sua exposição e instabilidade do controle da informação. A irritação ao ouvir a indagação do pai em relação à imagem da família se desdobra para a divergência dos atributos acionados para conceber os motivos para o prejuízo. Na descrição dos fatos, o sentimento suscitado teria resultado dos atributos quanto à identidade pessoal real como ter três empregos, ter duas graduações, ser estudioso ou estar sempre presente para a família, terem sido suspensos por conta de sua vida erótica.

O estigma, como aponta Goffman (2012, p. 13), estaria menos relacionado a um atributo depreciativo intrínseco ao indivíduo do que em relação a uma linguagem relacional, onde certos atributos podem ser valorizados para certas pessoas e depreciados para outras. No âmbito familiar, apenas o pai destacou a vida erótica do filho como condição única de “manchar” a imagem de sua família; para os demais, a sexualidade não foi pensada como critério para estigmatizar o jovem.

Em outro momento, as indagações sobre o acesso à informação por terceiros ressurgem:

Entrevistado 1: Eu estava trabalhando no computador. Aí meu pai chegou brigando muito com meu irmão, porque meu irmão tinha feito alguma coisa que ele não tinha gostado. Coisa idiota, tipo lavar louça ou não lavar uma louça. Porque é totalmente desproporcional. Aí ele virou pra mim e falou: “E você também”. Eu olhei e falei: “Eu?”. “Você acha que as pessoas não comentam sobre você? Já estou de saco cheio”. E daí: “E as pessoas comentam o que?”. Ele: “Você está pensando o que? Isso não é justo. Eu não admito esse tipo de postura aqui”. Só que o que acontece, é um conflito meu e dele e eu fiquei nervoso. Fiquei encarando ele: “E aí?” Só que nesse dia eu me orgulhei muito de mim. Porque pela primeira vez, esse dia foi muito simbólico, pela primeira vez eu me segurei. Eu falei: “Cara, eu estou batendo palma pra maluco dançar”. Eu fui lá, pleníssimo, salvei o meu trabalho no computador, botei uma roupa e fui trabalhar. Fui dar aula, fui pro curso que eu dou aula, sendo que eu iria dar aula só seis horas da noite. Isso era três horas da tarde. Ou seja, eu cheguei muito cedo no trabalho. Fiquei lá no trabalho sem fazer nada, porque eu precisava sair daquele ambiente.

A repetição da interpelação exercida pelo pai, suscitou agora um novo sentimento no entrevistado. Se antes a irritação era impulsionada pela postura

“birrenta” em tentar responder à altura, no último relato se distanciar das ofensas e da interpelação passou a ser motivo de orgulho. O autocontrole emocional mencionado parece atribuído ao termo “pleníssimo” para caracterizar a passagem de atos: “salvei meu trabalho no computador, botei uma roupa e fui trabalhar”; por outro lado, confere destaque à cena por ter sido concebida como “muito simbólico”. Por “pleníssimo”, o entrevistado responde:

Entrevistado 1: Cara, quer dizer no sentido de você alcançar a plenitude mesmo, de você estar bem, em altitude, altivo, sabe? Aquela coisa de você alcançar um nível superior. Você estar pleno. É isso. Aí quando você vê uma pessoa que é “super” bem resolvida e tranquila, que consegue resolver as coisas com ela mesma, aí ela é uma pessoa plena. Tem essa energia em volta dela.

O termo sugere uma mudança de postura e uma mudança de sentimentos no interior de uma interação conflitante. Estar “pleníssimo”, no contexto em que o termo foi acionado com relativa força explicativa, demonstra a percepção de suplantar reações a partir de uma postura entendida como “superior”. A mudança de *footing* do jovem na cena de interpelação do pai foi acompanhada pela mudança de sentimento e autocontrole. Por *footing*, pode-se entender como sendo:

o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 107).

Se antes a irritação foi mencionada para justificar a reação combativa diante das exigências do pai, o sentir-se pleno, altivo e bem resolvido demonstra a transformação do enquadre situacional realizado pelo entrevistado, o que acompanhou a mudança de postura e das emoções. A posição que o pai ocupa na interlocução, pela perspectiva do filho, é um fator relevante para a mudança de enquadre. Se antes a postura combativa de ambos era caracterizada pelo termo “birrento”, a expressão utilizada para o novo enquadre “batendo palma pra maluco dançar”, juntamente com a explicação do termo “pleníssimo” como algo “alcançar um nível superior” sugere uma hierarquização quanto à postura e sentimentos de ambos.

“Bater palma”, nesse caso, seria a insistência em manter uma “linha” baseada na “irritação” e na birra, tal como seu pai manteve e, por isso, ocupou o espaço do “maluco” que insiste em dançar. Por “linha” entende-se: “um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela [a pessoa] expressa sua opinião sobre a situação, e

através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria<sup>23</sup> (GOFFMAN, 2012, p. 13). Adotar uma linha baseada na “plenitude”, possibilitou dar sentido à avaliação da cena e da própria conduta verbal e não verbal dos participantes; no entanto, o *footing* combativo adquiriu valoração negativa.

A mudança de sentimentos pode ser entendida a partir do termo “trabalho emocional” ou “gerenciamento emocional”, da socióloga Arlie Russel Hochschild (1975 apud Coelho, 2013, p. 169). O termo se refere:

ao ato de tentar mudar, em grau ou qualidade, uma emoção ou sentimento. (...) É importante assinalar que “trabalho emocional” se refere ao esforço – ao ato de tentar – e não ao resultado, que pode ou não ser bem-sucedido (1975 apud Coelho, 2013, p. 184).

A autora tenta se distanciar de duas formas de se conceber a relação entre o indivíduo e seus sentimentos, a saber, a “organísmica” e a “interativa”. A primeira abordagem associaria o campo das emoções ao campo dos instintos e dos impulsos biologicamente concebidos. Nesse modelo de análise, as emoções seriam “fragmentos de experiências” em que o indivíduo “transborda” ou é “tomado” por suas manifestações. Os fatores sociais só teriam força explicativa sobre a maneira como as emoções são estimuladas ou expressas. Na segunda abordagem, a emoção é descrita como um “meio psicobiológico de adaptação” (1975 apud Coelho, 2013, p. 180); entretanto, enfatiza-se a expressão dos sentimentos no processo de gerenciamento das impressões. Seu principal interlocutor seria a abordagem interacionista de Goffman.

Em contrapartida, a proposta teórica da autora enfatiza a capacidade do indivíduo de tentar suprimir, modificar e gerenciar aquilo que sente e não apenas ao que se pretende expor em uma dada situação social. O indivíduo poderia então gerenciar os próprios sentimentos a partir de um esforço cognitivo. Ele teria consciência de uma ruptura entre aquilo que se sente e aquilo que se quer ou se deve sentir a partir de sua leitura da situação, ou seja, baseia-se no enquadre utilizado para a compreensão da interação e de seu pertencimento nela.

O orgulho, como sentimento acionado para conceber a cena relatada, ratificaria tanto a mudança do *footing* quanto ao “trabalho emocional” realizado pelo jovem

---

<sup>23</sup> A relação entre “linha” e *footing* pode ser estabelecida no momento em que se concebe a primeira como constituindo a segunda, pois o segundo conceito englobaria, também, o enquadre da situação, a resposta à pergunta: “o que está acontecendo aqui?”

quando não se conduziu por uma linha conflituosa e equivalente a de seu pai. De certa maneira, o orgulho opera como um reconhecimento da “plenitude” dos atos e dos sentimentos de uma pessoa que “consegue resolver as coisas com ela mesma”, transformando e revestindo a cena relatada com um alto valor simbólico para si.

Na segunda entrevista, a relação entre mãe e filha adquire novos contornos em relação à dinâmica entre sigilo e exposição. Neste caso, há duas relações engendradas pela perspectiva do armário, a primeira partindo da mãe e a segunda da filha.

Diego: E com a sua mãe? Como que foi?

Entrevistada 2: Com a minha mãe? É porque minha mãe é lésbica. Foi muito doido, porque foi uns dias depois de eu ter terminado e eu estava contando pra ela. Ela começou a chorar e ficou muito mal, porque ela era apaixonada pelo meu ex. Ela achava que a gente ia casar e essas coisas. Eu falei que a gente era amigo ainda e que a gente está bem. Mas ela: “Mas, isso está errado. Como você pode ser amiga dele?” Ela ficou querendo que eu não falasse mais com ele porque iria fazer mal a ele e que seria escroto da minha parte. Eu fiquei mal com ela por achar que eu estava sendo escrota por querer ser amiga dele. Depois ela perguntou: “O que você acharia se alguém da família, alguém que você conhece, fosse homossexual? O que você acha da homossexualidade?” Eu falei que achava tranquilo, mas falei que as pessoas da família eram preconceituosas. Falei que tinha amigos e que era “super” aceito. Eu sempre falei essas coisas em casa, eu sempre expressava o que eu sentia sobre isso. Só que eu nunca falei que eu era também. Eu meio que já desconfiava. Ela vivia brigando com a amiga e não era briga de amigos, sabe? Isso é um “DR<sup>24</sup>”. Eu já sabia, mas não sabia como falar isso pra ela. Eu queria que ela me contasse, mas perguntei se ela estava namorando uma mulher. Eu acho que foi até errado da minha parte. Aí ela ficou olhando assim pra mim: ‘você está maluca? Por que você acha que eu faria algo assim?’ Aí eu pedi desculpas e ela ficou rindo, ficou muito sem graça. Aí ela falou que era e que gostava e falou: “Então, não tem a V., a minha amiga? Então, é ela”. Ela começou a contar mais ou menos a situação, mas não foi nesse dia que eu contei pra ela.

Diego: Como você se sentiu quando sua mãe contou isso pra você?

Entrevistada 2: Eu fiquei feliz porque ela confiou em mim. Ao mesmo tempo fiquei muito triste porque ela está vivendo um dilema. A namorada dela acha que ela tem que se assumir pra família. A família da namorada dela sempre soube e ela é bem aceita na família. Minha mãe meio que se descobriu velha já, depois de três filhos. Essa moça nunca teve filho. Ela fica cobrando isso da minha mãe e ela fica muito mal. Ela fica me pedindo conselho. Olha isso, a mãe pedindo conselho pra filha. Eu vivo falando pra ela terminar apesar dela ser uma pessoa bem legal. Eu falo: “Mãe, ela não pode te cobrar isso. Como que você vai se assumir assim pra família?” Eu fico muito triste com isso, por ela ter que passar por isso e ter que ficar se escondendo.

O relato acima demonstra o entrelaçamento entre a relação familiar e as identidades sexuais entre as duas pessoas. O primeiro ponto a destacar seria o momento em que a mãe decide contar para a filha, após estar comentar sobre o término do seu namoro. Embora o assunto não fosse o mesmo, ambos estão

---

<sup>24</sup> Expressão que significa “discutindo relacionamento”.

associados a relacionamentos amorosos e parece ter sido um gancho para a segunda conversa que se seguiu. Tal como apresenta Sedgwick:

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade (2007, p. 38).

Nesse sentido, a familiaridade da filha com a sociabilidade entre amigos gays e sendo algo “super aceito”, favoreceu estabelecer, na interlocução entre mãe e filha, a possibilidade de uma rede de confiança para tratar do assunto. A confiança depositada na filha é valorada positivamente e desdobrada na nova dinâmica que se estabeleceu entre elas, onde a entrevistada se viu na posição de “conselheira”. A relação entre “desacreditável” e “desacreditado” parece não se sustentar na relação interpessoal, embora ressurgja nas exigências da namorada da mãe sobre a exposição do relacionamento amoroso. A família, sendo “preconceituosa”, acaba por acionar as preocupações em torno do sigilo, engendrando um novo “dilema” para a tríade que se estabeleceu. Tal como a Sedgwick adverte: “Assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro” (2007, p. 40).

Outro ponto destacado pela autora seria a implicação da identidade erótica do ouvinte no próprio ato de revelação. A autora adverte que a identidade sexual é sempre relacional e nunca circunscrita em si mesma e deve ser entendida dentro de “uma estrutura de transferência e contratransferência”. Neste caso, a dinâmica afetiva que se estabeleceu foi facultativa das implicações mútuas entre a mãe lésbica e a filha bissexual.

A difícil consciência sobre a extensão do conhecimento que as pessoas possuem sobre o armário é evidente no relato. A filha desconfiava da mãe, em seus termos, ao perceber discussões entre ela e sua namorada. Durante a conversa, optou por perguntar à mãe se ela estava namorando uma mulher e em seguida, foi questionada sobre a pergunta: “Você está maluca? Por que você acha que eu faria algo assim?”. A mãe, que havia ficado “sem graça” e risonha, por fim, confirmou a interrogação da filha.

A extensão do conhecimento sobre o armário é explicitada por Sedgwick:

Mesmo num nível individual, até entre pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal,

econômica ou institucionalmente importante para elas. [...] Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (Sedgwick, 2007, p. 22).

Em outro momento da entrevista, a jovem apresenta outra cena em que a dualidade sigilo e exposição em relação a sua sexualidade emergiu como foco de atenção entre os interlocutores:

Entrevistada 2: Tem um primo meu que é mais novo. Ele tem quinze anos, ele sabe. Eu contei pra ele porque ele vive me contando as coisas, mas pedi pra não contar pra ninguém. Eu nem sei se ele falou. Eu tenho até um pouco de medo disso, dele ter falado, mas eu acho que não. E tem minha prima que é irmã desse garoto. Ela acha que é anormal a pessoa ser homossexual ou bissexual. Ela é muito hétero. No carnaval eu saí com meus amigos da faculdade no Centro e a chamei. Aí o X., como sempre me expondo, falou assim: “Aqui nesse grupo só tem sapatão e viado”. Nem fala bi né? Só sapatão e viado. “Só o Y., aqui, que tem a cota de hétero”. A gente estava fazendo meio que uma fila, sei lá, pra um andar um atrás do outro, aí eu falei: “Fodeu”. Eu nunca me senti tão tensa na minha vida assim. Eu pensei: “Porra eu não tive problema pra falar com a minha mãe e tenho com a minha prima que tem a minha idade”.

A reciprocidade presente na troca de experiências sugere uma condição importante para a possibilidade de comunicação sobre o armário. Assim como a mãe e seus amigos, o primo se insere dentre as pessoas com quem se torna plausível dialogar sobre as experiências sexuais e afetivas. Por outro lado, como aponta Sedgwick (2007), a dúvida sobre até onde vai o conhecimento de outras pessoas sobre a “identidade gay” é uma fonte constante de medo e receio. A possibilidade da extensão da exposição por outras pessoas não possibilita a integralidade do controle sobre o sigilo, bastando um integrante do grupo, que não possui o conhecimento, fazer uma exclamação jocosa para transformar a situação festiva em uma situação “tensa”.

A prima, “muito hétero”, por achar “anormal a pessoa ser gay ou bissexual” surge como personagem de destaque dentre os demais colegas. A tensão entre “desacreditável” e “desacreditado” ressurgiu na medida em que sua prima não compartilhava de uma “carreira moral” semelhante e, também, não estava incluída dentre os “informados”. As duas categorias são facultativas das redes de sociabilidade que se cristaliza em torno de um estigma semelhante ou aproximado. A primeira designa as pessoas que compartilham:

experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu – uma “carreira moral”

semelhante que é não só causa como efeito do compromisso de uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais<sup>25</sup> (GOFFMAN, 2012, p. 41).

O amigo Y., o qual possui “a cota de hétero”, seria o “informado”, ou seja, a pessoa que não compartilha de uma carreira moral semelhante, mas estabelece laços afetivos com as pessoas que compartilham e sem estabelecer uma relação de tensão em relação ao estigma<sup>26</sup>. A prima, no entanto, é a única presente que estabeleceria a tensão sobre o conteúdo dos enunciados presentes na conversa entre amigos. O medo gerado pela percepção da falta de controle sobre o controle da informação ressurge, tal como presente na dúvida sobre o possível rompimento do sigilo pelo primo mais novo. Após o comentário do amigo X., o relato continua:

Entrevistada 2: Ela olhou na hora assim pra mim e me perguntou se eu era hétero. Eu tentei mentir, mas não consegui, eu tive que falar. Ela ficou assim olhando e eu só pensava: “Fodeu, fodeu”. Eu até fiquei bolada com o X., ele me fodeu. Porque ela é super aquele estereótipo de hétero, infelizmente. Aí depois, quando a gente parou, a gente estava num bloco lá, aí eu fui e expliquei pra ela. Eu não fui totalmente sincera, porque enfim, é uma questão muito complicada. Fiquei com medo dela falar pra família toda. Achei que seria a minha vez de ser massacrada pela família. Lá na minha família é assim, todo o mundo unido e todo o mundo sabe o que acontece. Aí eu fiquei meio preocupada com isso. Eu falei que já tinha ficado com uma amiga, mas meio que na brincadeira, que eu nunca me apaixonei por mulher e tal. Até então eu realmente não tinha me apaixonado, foi logo depois, mas eu falei que era uma brincadeira entre amigas e que não era pra levar a sério.

Após ser questionada pela prima, a jovem elaborou uma resposta onde conta parcialmente sua dinâmica afetiva com pessoas do mesmo gênero. A paixão em seu relato possui um papel de destaque para a ratificação de uma imagem heterossexual. Por outro lado, o termo “brincadeira” parece isentar a jovem de interesses verdadeiros, onde o que estaria em jogo seria menos o interesse sexual ou afetivo do que um divertimento amistoso. A estratégia elaborada em torno do sentimento possibilitaria à

---

<sup>25</sup> Deve-se, no entanto, evitar a força de presunção do termo “carreira moral” ao delinear a trajetória de uma pessoa e de um grupo como equivalentes. Da mesma maneira que “a história natural de uma categoria de pessoas com um estigma deve ser claramente diferenciada da história natural do próprio estigma” (GOFFMAN, 2012, p. 41). Os termos “carreira moral” e “informados” foi utilizado para delimitar as proximidades e distanciamentos do envolvimento dos integrantes de um grupo na cena relatada. Enquanto um grupo de amigos formado por “gay”, “sapatão”, bissexual e heterossexual, torna-se inequívoca destacar a incompatibilidade de uma “carreira moral” única. Entretanto, a trajetória individual de cada participante se estende além do escopo analítico do trabalho. Segundo a entrevistada, há uma forte tendência a se relacionar amistosamente com pessoas LGBT’S, e a evitar, principalmente, os homens heterossexuais.

<sup>26</sup> É importante frisar a relatividade do termo “estigma” utilizado por Goffman. Dentre os amigos, o termo perde a carga de julgamento normalmente associado ao termo, o que não acontece em relação à prima “muito hétero”.

jovem gerenciar as impressões de sua prima a seu respeito o que implica na manutenção do próprio armário.

Goffman, em “Os quadros da experiência Social” (2012), examina a categoria “brincadeira” a partir das diversas possibilidades de tonalizações que o engajamento entre indivíduos numa determinada atividade pode obter. Por “tom”, entende-se o

conjunto de convenções que uma dada atividade, já significativa em termos de algum esquema primário, é transformado em algo pautado sobre esta atividade, mas visto pelos participantes como algo muito diferente. O processo de transcrição pode ser chamado de tonalização (GOFFMAN, 2012, p. 71, 72).

O processo de “tonalização” de uma atividade envolve materiais significativos de acordo com o esquema de interpretação, onde a atividade entre seus membros possa ser reconhecida como uma alteração sistemática de um esquema primário. Os esquemas primários seriam, então, as atividades em que não houve qualquer processo de “tonalização”, onde uma briga entre dois amigos é concebida como tal, ao invés de uma brincadeira baseada em uma arte marcial. As transformações do “tom” não significam necessariamente um *déficit* na performance dos engajados em uma atividade, mas orienta os esquemas de interpretação sobre o que esta atividade representa.

Segundo o autor, uma das modalidades básicas de “tom” utilizada seria “faz-de-conta”, onde uma atividade é tratada com imitação declarada e ostensiva entre os participantes e na qual a razão prática para seu engajamento seria oriunda da satisfação imediata que a ação proporciona, tal como em um “passatempo” ou “entretenimento”. Por outro lado, espera-se a absorção dos participantes no “discurso dramático da atividade”, pois, caso contrário, a própria atividade não se sustentaria. Por fim, quando um indivíduo se engaja em uma atividade do tipo “faz-de-conta”, o principal precedente sobre seus atos seria o de “não ser tomado ao pé da letra” (GOFFMAN, 2012, p. 76).

A jovem, ao relatar uma faixa de atividade em que o engajamento entre duas pessoas resulta em uma interação erótica e a designa como “brincadeira”, propõe à sua interlocutora que o curso da atividade não deveria ser interpretado literalmente, mas como um divertimento entre duas amigas. O que estaria em jogo, então, seria menos o envolvimento afetivo que o empenho em uma brincadeira que se tornou possível pela “tonalização”. Ao relatar nunca ter se apaixonado por uma mulher e o que se tratava era uma “tonalização” de envolvimento afetivo ou eróticos, a jovem

possibilita um esquema interpretativo onde sua conduta não a desacreditasse frente a interpelação da prima.

A “paixão”, por sua vez, possui papel de destaque. Em sua obra “*Unnatural Emotions*” (1998), Lutz examina o conjunto de discursos que toma as emoções como objeto de análise no Ocidente. Dentre as formas ocidentais em se conceber as emoções, a autora destaca a sua relação com a subjetividade (LUTZ, 1998, p. 70). A primeira relação entre os termos está ancorada na perspectiva de interesse individual: “Dizer que os indivíduos estão agindo emocionalmente é dizer que eles estão agindo com base em um interesse pessoal que é inconsistente com o interesse mais amplo que eles deveriam considerar” <sup>27</sup>( LUTZ, 1998, p. 72, tradução livre).

Dessa forma, as emoções estariam em desarmonia com o pensamento, no sentido de que o primeiro possibilitaria o alinhamento com o interesse geral, e não apenas o particular. A pessoa que age emotivamente pode então frustrar a realização de objetivos mais globais e sociais, pois seu julgamento estaria enviesado pelas emoções. Essa maneira de conceber as emoções como subjetivas teria valoração negativa nos sistemas culturais que enfatizam a natureza individualizada da pessoa, tendo a racionalidade como polo oposto às emoções.

A segunda perspectiva está ancorada na forma de se conceber os sentimentos como uma perspectiva do indivíduo em situação, onde a subjetividade das emoções exerce papel fundamental na individualidade e estariam baseadas na personalidade do indivíduo. Em primeiro lugar, as emoções constituiriam a opinião pessoal, ao contrário do pensamento que, sendo objetivo, transcenderia o indivíduo ao campo do social. Em um segundo momento, as emoções constituiriam a privacidade e inviolabilidade do indivíduo, onde o acesso aos sentimentos estaria impossibilitado por alguém que não seja seu portador. Lutz aponta que:

A crença na privacidade das emoções é de alguma forma qualificada por outras ideias que esboçam como é possível saber o que a outra pessoa está sentindo sem que o outro diga ou mesmo deseje que saibamos. Expressões, corpo, gestos e tons de voz são então colocados em primeiro plano como indícios relativamente involuntários, ou “vazamentos” dos estados internos da pessoa<sup>28</sup> (LUTZ, 1998, p. 72, tradução livre).

---

<sup>27</sup> No original: To say of individuals that they are acting emotionally is to say that they are acting on the basis of a personal interest which is inconsistent with the wider interest they ought to consider (LUTZ, 1998, p. 72).

<sup>28</sup> No original: Belief in emotions’s privacy is somewhat qualified by other ideas which outline how it is possible to know what someone else is feeling without the other’s telling us or even wishing us to know.

As duas maneiras apresentadas por Lutz, onde o fenômeno emocional se entrelaça com a noção de subjetividade, pressupõem, inicialmente, a condição de interioridade em que as emoções se encontram no plano individual. No relato da Entrevistada 2, a ênfase dada à brincadeira em uma atividade que implicou relações afetivas entre duas garotas, juntamente com a ausência da paixão para qualificar a intencionalidade e o engajamento na atividade, demonstrou desconsiderar o campo afetivo que comprometeria o seu armário perante a prima. Sendo as emoções concebidas em termos individuais e atreladas à personalidade, negar sua existência na cena relatada operou para evitar endossar o efeito individualizante que caracterizaria a maneira ocidental de conceber as emoções em relação à subjetividade.

### 3.2 Fronteiras amorosas

Uma especificidade do armário de pessoas bissexuais estaria relacionada à sua dupla dinâmica entre o sigilo e a exposição. Se por um lado, as “identidades gays”, nos termos de Sedgwick (2007), estariam concatenadas ao dispositivo regulatório que limitariam suas possibilidades de direito à visibilidade, no armário de pessoas bissexuais estaria inculcado no receio da rejeição advinda, também, de gays e lésbicas. Tal como aponta Lewis (2012, p. 149) o apagamento da bissexualidade acontece pela sua negação total; pela fixidez de classificação entre heterossexual e homossexual, ou pela ideia de que a bissexualidade seria apenas uma fase. Em todas as três possibilidades, o que estaria em jogo seria o espaço ocupado pela bissexualidade no interior de uma economia identitária, onde as fronteiras fixas de pares binários estariam em constante ameaça pela identidade bissexual.

Nos relatos dos entrevistados, pode-se observar cenas em que tornar pública a bissexualidade se torna um problema para os jovens. Em todas elas, há o receio de serem rejeitados por possíveis parceiros afetivos ao se declararem bissexuais. Em alguns casos, a surpresa gerada pela rejeição possibilita destacar algumas emoções que participam dos momentos-chaves do armário de pessoas bissexuais. Em alguns

---

Faces, body, gestures and tone of voice are then foregrounded as relatively involuntary indices, or “leakages” of the person’s internal states (LUTZ, 1998, p. 72)

momentos, tende-se a camuflar a bissexualidade enfatizando a unilateralidade da atração sexual:

Entrevistada 3: Eu voltei a falar com a F. Na época em que a gente ficava, por pressão dela, ela me pediu pra contar se eu ainda sentia atração por homens, porque mudaria bastante coisa. Eu achei isso bem escroto, mas eu entendo e respeito se ela quer ficar com uma pessoa lésbica e não era o caso. Eu acabei falando que só sentia atração por meninas e até porque eu não estava sentindo mais atração por homem. Só que eu não tinha certeza disso, sabe? Eu achava que depois eu poderia ficar com homem ou namorar também. E aí a gente voltou a se falar essa semana. A gente estava conversando e aí eu virei e falei que ia fazer essa entrevista hoje e que eu iria falar muito sobre a minha orientação sexual. Isso é complexo, porque talvez por eu ainda ter alguma expectativa com ela, mas enfim, aí eu falei isso. Aí ela: “Mas da última vez que a gente se falou você disse que era mulher e tal”. Eu fui e falei assim: “Nem eu me entendo muito bem”.

Diego: Como você se sentiu quando ela te perguntou isso?

Entrevistada 3: Na primeira vez como eu queria ficar com ela eu me senti no dever de falar que só queria mulher mesmo. Pra mim, se eu dissesse que não, ela poderia dizer “tchau”. Eu me senti mal no fundo, porque não é legal mentir e fazer isso, mas não achei correta a posição dela. Aconteceu e eu não consigo dizer pra ela isso.

Diego: Ainda hoje não consegue?

Entrevistada 3: Não consigo dizer. Eu acho que ainda tenho alguma expectativa que a gente fique. Eu acho que isso pode ser uma coisa que traga implicações.

Diego: Ela não suspeita de nada?

Entrevistada 3: Suspeita, suspeita. Pra ela, tipo, não, não é complexo. Não, eu acho assim, eu acho que ela pode até achar que pode ser uma questão complexa pra mim, mas no fundo eu acho que ela sabe que eu fico com homem.

Pode-se destacar pelo último relato o entrave entre a exposição ou ocultamento da bissexualidade baseado no receio em desmantelar o interesse afetivo que estava sendo construído. A dúvida sobre a “atração sexual”, atrelada à noção de “orientação sexual”, formam o conjunto de critérios pelo qual a possibilidade de envolvimento afetivo se baseou. O caminho inicial pela ocultação, ainda assim, não resultou no declínio da suspeita que se apresenta em torno da “questão complexa”: o escopo emocional continuou implicado no controle da informação como mecanismo de gerenciamento do armário.

Na quarta entrevista, a jovem se propõe declarar que é bissexual em um encontro com a mulher de seu interesse:

Diego: Como que foi esse dia que vocês se conheceram?

Entrevistada 4: Ela tinha uma tatuagem do Nietzsche aqui no braço (risos). Aí quando eu vi eu puxei assunto. Aí com Nietzsche eu fiquei puxando assunto de filosofia. A gente ficou conversando sobre filosofia durante muitas e muitas horas. E aí as duas meio que se encantaram, mas como estávamos em ambiente padrão, então, também, menor chance de acontecer qualquer coisa e tal. Aí a gente saiu mais uma vez em Botafogo e aí, foi o dia em que acabou chegando no assunto sobre relações anteriores. E aí foi: “Ei, você é

bi?” Enfim, aí já mudou completamente. Já mudou completamente. Ela já não... já se desinteressou. Ela começou a me tratar como amiga.

Diego: Como é esse “tratar” diferente?

Entrevistada 4: A coisa do flerte, né. O olhar diferente. Já não olha muito no olho. Já não faz tanta pergunta sobre você. Fala só sobre ela mesmo. Não tinha tanto interesse mais sobre o que eu achava. Ela tinha muito interesse por mim e, de repente: “Ah, não tenho mais não”.

Diego: E nesse dia vocês fizeram o que depois?

Entrevistada 4: Nesse dia a gente terminou de beber e já estava um pouco mais “exaltadinha” da noite e acabou que ficou...(risos) foi uma noite, assim, eu não dormi nessa noite. Fiquei só em casa de bobeira pensando: “Estraguei tudo, eu não tinha que ter contado. Ai meu deus” (risos). Tipo: “Tinha que ter escondido isso”. E aí aceita, né? São coisas da vida. Mas sim, foi um pouco... acho que foi a primeira vez que eu fiquei assim: “Poxa vida, só por isso?” Sabe? Foi a primeira vez que me envolvi assim, por que já tinha acontecido assim de boy virar e falar assim: “Ah, bi é? Não sei o que, não sei que lá e tal”; “Essas feminazis”. Mas aí a gente caga né. Eu acho que essa rejeição eu... foi porque foi a primeira rejeição, assim, por conta da bissexualidade. Isso que pesou. Pessoa com cabeça aberta, nietzschiana, como assim?

O desinteresse da companheira, segundo a jovem, se apresenta na transformação entre possível pretendente ao engajamento afetivo ou erótico para a categoria “amiga”. A interrogação interpelativa se desenrolou logo após os comentários sobre relacionamentos anteriores com homens, tornando evidente a mudança na conduta de sua interlocutora. A relação de interesse mútuo desenvolvida no primeiro encontro, após a conversa sobre as afinidades em comum, acaba por ser suplantada pelo entendimento da bissexualidade da jovem. O olhar, a escassez de perguntas, a centralidade da conversa sobre si, foram apontadas como as características de uma conduta desinteressada. Tal como observou a jovem, a expressão do desinteresse afetivo implicou na maneira de se envolver na própria situação em que estavam engajadas.

Todas as formas de conduta citadas que se desenrolaram após a exposição sugerem o declínio de envolvimento de uma das partes a nível de “engajamento da face” (GOFFMAN, 2010, p. 101). Segundo o sociólogo, em sua obra “Comportamentos em lugares públicos”, pode-se definir o termo como:

todas as instâncias de dois ou mais participantes numa situação juntando-se abertamente para manter um único foco de atenção visual e cognitiva – o que é sentido como uma única atividade mútua – implicando direitos de comunicação preferenciais [...] Atividades mútuas e engajamentos de face em que elas estão incorporadas compreendem instancias de papo furado, comensalismo, sexo, jogos, discussões formais e serviços pessoais (tratamentos médicos, transações comerciais, serviço de mesa, e outros mais) (GOFFMAN, 2010, p. 101).

Em sua análise sobre o engajamento mútuo em uma dada atividade em andamento, Goffman destaca a importância desempenhada pelo olhar na

manutenção da situação. Em primeiro lugar, as olhadelas são entendidas como mecanismos de abertura para o engajamento entre duas ou mais pessoas e, tendo a abertura confirmada, o retorno do olhar se transforma em sinal para de sua ratificação ou comprometimento na interação. Os olhares diretos possuem, então, uma forma de abertura ritualmente declarada para a troca de enunciados verbais engendrados na interação focada. Em contrapartida, as olhadelas devem ser contidas caso o indivíduo queira evitar um encontro, pois o contato visual possibilitaria abrir canais para o engajamento de face. Goffman conclui que:

Quanto mais claramente indivíduos são obrigados a se conter de encarar diretamente outros, mais capazes eles serão de designar uma importância especial para um olhar fixo, neste caso, um pedido de um encontro. Assim, a regra de desatenção civil possibilita a função de autorização dada a olhares nos olhos de outros, e se “encaixa” com ela (GOFFMAN, 2010, p. 108).

Após a confirmação da abertura e dado o início do engajamento de face, os participantes tendem a manter cuidadosamente o que Goffman assinalou como “congregação ecológico olho a olho”, o que possibilitaria maximizar as condições de monitoramento mútuo dos coparticipantes. Uma definição compartilhada da situação é concebida no momento em que, ritualmente, as pessoas voltam a atenção para o assunto da interação e os seus olhos passam a perambular de acordo com a rotatividade dos oradores. O que estaria em jogo seria um acordo sobre as relevâncias e irrelevâncias perceptuais, além de um “consenso de trabalho”, o que envolveria níveis de consideração mútua. As linhas de ações tomadas propiciam o fechamento simbólico de uma atividade mútua ao se desenvolver uma “justificação de nós” (GOFFMAN, 2010, p. 111).

O papel exercido pelo olhar entre dois ou mais indivíduos também foi teorizado por Le Breton, em “Paixões Ordinárias” (2009), onde seu estatuto primordial decorre de sua capacidade “tátil”. Segundo o autor, o manejo dos olhares não pode ser concebido como um acontecimento anódino, estando passível de interferências reais entre a co-presença física de indivíduos. Sua “tatilidade” é concebida pelo seu efeito metamorfoseador, por ser uma experiência afetiva implicada em efeitos físicos tal como menciona Le Breton: “A respiração acelera, o coração bate mais rapidamente, a pressão arterial eleva-se e a tensão psicológica aumenta” (LE BRETON, 2009, p.215).

Assim como o enunciado e os gestos corporais estão juntamente implicados no decorrer da interação face a face, a troca de olhares expressa e imprime informações

sobre a maneira pela qual os interlocutores estão inseridos na interação. Da mesma forma que o olhar “toca” o indivíduo e o ratifica enquanto participante de uma interação, seu desvio acaba por conotar o desprendimento ou alienação, o que acarretaria a sensação de descompromisso. Segundo Le Breton:

Aquele que continuamente desvia o olhar, que simbolicamente se recusa a tomar a expressão do outro em consideração – negando igualmente a apreciação de sua própria expressão como penhor moral da palavra proferida aos demais – cria um mal-estar e se sujeita ao recebimento do mesmo tratamento. Ele impõe certa distância, uma desigualdade em detrimento do outro, ao qual restará indagar-se sobre o suposto significado de tal atitude (LE BRETON, 2009, p.223).

O que a jovem aponta dos detalhes comportamentais de sua companheira de interação alinharia o desinteresse percebido a partir de sua manifestação simbólica do manejo do olhar e na ausência de reciprocidade da cooperação mútua da situação. Ao transformar a si mesmo como principal foco de atenção na troca conversacional, os olhares de sua companheira nada mais fizeram que expressar a potencial rejeição que o seu engajamento passou a exercer. As expectativas alavancadas pelas características que mais impressionaram a jovem exerceram um parâmetro de contraste com o seu desempenho afetivo e gestual. A experiência afetiva da rejeição, como apresentado, não implicaria unicamente em manifestações violentas de desprezo, mas podem ser exercidas contextualmente a partir de um conjunto delicado de posturas na quebra dos sinais de um engajamento que se propôs ser mútuo.

A micropolítica das emoções (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990) engendradas na cena descrita possibilita correlacionar aspectos micro e macrosociais da tessitura afetiva e comportamental da vida cotidiana. Por micropolítica das emoções, entende-se o potencial das emoções para:” dramatizar/alterar/ reforçar a dimensão macrosocial em que as emoções são suscitadas”. Por isso elas estariam implicadas em “dinâmicas de inclusão/exclusão que regem as relações entre os grupos sociais – o nojo, o desprezo, a indiferença – ou as fontes da inconsistência dos laços sociais – a fidelidade, a gratidão, a compaixão” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 75, 76).

Em outro relato onde o sentimento de rejeição surge, a bissexualidade é tomada novamente de forma pejorativa, como algo a ser evitado:

Entrevistada 2: Entrevistada 2: E uma coisa que eu acho ruim é de muita mulher lésbica que não gosta de ficar com mulher bissexual. E nessa situação eu acho que foi por isso que a pessoa sumiu. Não sei. Porque eu conheci a pessoa no Tinder. A garota por quem eu me apaixonei, a última. A gente conversava bastante e tal. Eu tinha falado com ela que eu terminei e que eu

namorava um homem. Só que ela não lembrava. A gente se encontrou pessoalmente. Aí o assunto surgiu e ela ficou me olhando assim, tipo: “você namorou homem?” Eu me senti meio mal. Eu falei: “namorei”. Eu não ia mentir. Ela começou a falar que acha estranha a bissexualidade e falou que acha mais estranho ainda em homem, tipo, homens bissexuais. Por que eu falei que me sinto mais confortável ficando com homem bissexual, por que é uma coisa que raramente acontece comigo assim. Eu só arrumo hétero. Ela falou que eu deveria achar ao contrário, por que normalmente o homem bi só quer ficar com a mulher como se fosse uma forma de ser aceito, sabe? Ser aceito na família e na rua. Ela falou que, na verdade, homens bissexuais são gays e que ficam com mulher pra ser aceito. Aí eu fiquei meio mal com isso. E ela falou que com mulher, nossa isso muitas mulheres falam, lésbicas falam que é “depósito de porra”. Eu fiquei... que merda. Eu acho isso bem escroto. Muitas mulheres falam isso, inclusive muitas mulheres que eu fiquei falam isso. Eu falei: “Então, nossa, por que você ficou comigo?” Fiquei pensando assim. foi isso.

Diego: Como você se sentiu quando ela falou isso e ficou surpresa quando você falou que era bissexual?

Entrevistada 2: Porra, eu fiquei muito mal. Porque primeiro a pessoa não lembra o que eu falei e eu lembro de quase tudo do que eu falo, do que a pessoa falou pra mim. Eu me importo muito com as palavras e quando ela falou que não lembrava eu pensei: “Porra, ela não prestou atenção em nada do que eu falei”. Eu me senti mal por isso. E foi um relato, eu escrevi um textão e ela não lembrou disso. Eu fiquei meio mal. Se naquele dia a gente estava conversando e ela falou que entendia e agora ela ficou surpresa, eu achei esquisito. Porque quando estava conversando com ela, antes de falar que tinha namorado um homem, eu fiquei com muito medo de falar que eu era bi. Eu fiquei com muito medo de chegar nesse assunto.

Pode-se perceber no relato da entrevistada 2, duas maneiras pelas quais a bissexualidade pode ser concebida sob a perspectiva da categoria de acusação de Gilberto Velho (1997, p. 59). Segundo o autor, ao se conceber a vida social como um processo contraditório e complexo onde a realidade é negociada entre diferentes atores sociais sob a possibilidade de irrupção de conflitos, as categorias de acusações seriam processo estratégicos, mais ou menos conscientes de “manipular poder” e “organizar emoções” a partir da delimitação de fronteiras. As formas de acusações possuem atreladas a si a percepção de que a relação com as pessoas que são de alguma maneira alvos de acusações possui alto poder de contaminação.

Há duas maneiras pelas quais a bissexualidade pode ser posta sobre o crivo da acusação: como farsa e pela caracterização “depósito de porra”. São dois exemplos onde ela é tomada a partir de uma valoração negativa e baseada pelo sistema de gênero. Em relação a “homens bissexuais”, a deslegitimação da bissexualidade é descrita pela descrença em se relacionar com mulheres a partir de uma perspectiva de desejo ou interesse sexual. O receio de não possuir aceitação social, segundo o relato, implicaria na simulação de interesse por mulheres. Por esse motivo, o conselho recebido teria sido o de evitação, ao se entender inviável o

relacionamento afetivo com homens bissexuais, o que concorre para o apagamento social da bissexualidade.

A jovem cita dois momentos em que se sentiu mal: no primeiro, o esquecimento de sua companhia ao não se recordar de que ela era bissexual e, em seguida, o termo pejorativo proposto. Em ambos os casos, as fronteiras erguidas sobre as identidades sexuais emergem ancoradas em sistemas de gêneros, onde o desprezo parece ser o sentimento que sustentaria os distanciamentos. O próprio medo em comentar sobre a bissexualidade já evidencia a antecipação do uso de tais categorias como formas de deslegitimar as possibilidades de envolvimento com pessoas bissexuais.

As categorias de acusações apresentadas sugerem a ampliação do panorama de classificações e hierarquização sexual proposto por Rubin (2017). Segundo a autora, os sistemas de classificações estão relacionados a uma linha imaginária que distinguiria o sexo bom e o sexo mau onde o primeiro seria definido como “santo”, “seguro”, “saudável” e “maduro”, e o segundo como “obra do demônio”, “perigoso”, “psicopatológico”, “infantil” ou “politicamente incorreto”. As discussões em torno dessas classificações versam, então, sobre onde traçar as linhas divisórias e identificar quais seriam as atividades que possuem poder de aceitabilidade social e quais estariam vinculadas ao caos sexual. Segundo Rubin:

A maioria dos sistemas de juízo sexual – religioso, psicológico, feminista ou socialista – pretende determinar a que lado da linha pertence cada ato sexual. Somente são reconhecidos como moralmente complexos os atos sexuais que ficam do lado bom da linha. [...] em contrapartida, todos os atos sexuais no lado “mau” da linha são considerados totalmente repulsivos e desprovidos de qualquer nuance emocional. Quanto mais afastado da linha estiver um ato sexual, mais ele se mostra uma experiência consistentemente má (RUBIN, 2017, p. 87).

Os termos propostos pela autora estariam dispostos entre duas linhas imaginárias. Em um polo, chamado de “o sexo bom”, encontrar-se-iam as categorias “heterossexual”, “dentro do casamento”, “monogâmico”, “procriador” e “em casa”. No polo oposto: “travestis”, “transexuais”, “fetichistas”, “sodomasochistas”, “por dinheiro” e “intergeracionais”. O intermediário entre os dois polos se localiza nas atividades em que não seriam consideradas “boas”, mas não estão inseridas no polo oposto. Seriam elas: “casais heterossexuais não casados”, “heterossexuais promíscuos”, “masturbação”, “casais estáveis de gays e lésbicas”, “sapatões caminheiras” e “gays promíscuos em saunas ou parques”. E a bissexualidade? Por não ter sido contemplada no exame de Rubin, o espaço destinado à bissexualidade em seu

diagrama sobre a atividade sexual humana se torna incerto. Há pelo menos dois lugares onde seria plausível, de acordo com a lógica de Rubin, alocar as pessoas bissexuais: o nível intermediário e o polo negativo. Em contrapartida, as categorias dualistas que também estariam entre as valorações positivas e negativas, como heterossexualidade/ homossexualidade, não daria conta da especificidade da bissexualidade. Suas dinâmicas internas necessitariam de um exame analítico entre a bissexualidade/heterossexualidade e bissexualidade/homossexualidade, onde novas formas de significações de condutas e julgamentos estariam dispostas.

As classificações entre sexo bom e mau fazem parte da política interna ao domínio da sexualidade. Tal como o comportamento humano, “as formas institucionais concretas da sexualidade em determinado tempo e lugar são produto da atividade humana” (RUBIN, 2017, p. 64). Sendo permeados por conflitos políticos, relações de poder, jogos de interesse tanto deliberados quanto incidentais, o sexo seria, então, sempre político.

As formas históricas pelas quais a linha divisória se orienta estariam situadas no domínio do cenário cultural, tal como proposto por Gagnon (2006), e produziriam efeitos nos próprios roteiros sexuais intrapsíquicos e interpessoais. As emoções que rodeiam os envolvimento afetivos e eróticos, como apresentado anteriormente, participam tanto das próprias formulações pessoais sobre a sexualidade quanto das interações sociais. O medo e o sentimento de rejeição, por exemplo, atrelados às categorias de acusação mencionadas, influenciam as escolhas de parceiros sexuais, na forma pela qual as pessoas estão dispostas a expor a bissexualidade ou a assumir outra identidade sexual para não desapontar seus parceiros afetivos, a não desafiar os limites da aceitação social e preservar a possibilidade de se sentir confortável com a própria sexualidade. De acordo com transformações mais amplas no campo cultural acerca do sexo, a partir de novas configurações hierárquicas dentre as categorias sexuais são produzidos efeitos particulares na forma como as pessoas lidam com seus roteiros sexuais.

No campo afetivo, a transposição entre o cenário cultural e as dimensões micro da vida social são descritas por Hochschild (2013) a partir da relação entre regras de enquadramento e regras de sentimentos. Segundo a autora, as regras para gerenciar as emoções estão implícitas em qualquer postura ideológica. A ideologia, por esta perspectiva, seria um enquadre cognitivo que implicaria na forma como as pessoas lidam com as emoções.

As regras de enquadramento seriam as maneiras de dar sentido e significado às situações, e as regras de sentimentos seriam as “diretrizes e para avaliação de ajustes e desajustes entre sentimento e situação” (HOCHSCHILD, 2013, p. 195). Por essa perspectiva, quando o indivíduo assume uma nova posição ideológica, ele transforma e assume novas regras para definir as situações e os sentimentos envolvidos a ela, e passa a utilizar novas sanções emocionais. Hochschild conclui que:

À medida que algumas ideologias ganham aceitação e outras decaem, conjuntos rivais de regras de sentimentos ascendem e declinam. Os conjuntos de regras de sentimentos disputam lugar nas mentes das pessoas como um padrão de orientação com o qual comparar a experiência vivida real [...] (Hochschild, 2013, p. 196).

A forma pela qual os entrevistados relataram as cenas que implicaram na manutenção da exposição e ocultamento da bissexualidade, os sentimentos despertados e “trabalhados”, as reações às categorias de acusação, o campo de possibilidades no qual as relações são encadeadas ou impossibilitadas de seguirem o fluxo desejado pelos jovens, possibilitaram examinar de que maneira os cenários culturais e os aspectos particulares da vida cotidiana podem ser pensados em conjunto. Deve-se evitar, no entanto, concluir que o resultado entre os dois polos seja uma equivalência exata. A maneira pela qual a bissexualidade é concebida depende, em parte, das características individuais de socialização dos jovens e, também, da própria maneira como os roteiros intrapsíquicos são (re)elaborados e organizados a partir das relações interpessoais e dos cenários culturais específicos.

### 3.3 Ciúme

Dentre os sentimentos mencionados, o ciúme aparece na quarta entrevista na descrição do início do relacionamento da jovem com seu namorado atual.

Entrevistada 4: Ah, começou assim, tipo, meu namoro atual. Estou há seis anos com ele no todo, né. Porque a gente, fiquei um ano separada com ele. No início do namoro era tipo: “Ah, tudo bem por ser bi, nenhum problema e tal”. Até tinha carta branca pra pegar meninas e tal. Ok. Só que quando começou a acontecer isso, ele começou a ter um ciúme muito grande. Que eu acho que foi quando caiu a ficha pra ele que eu era bi mesmo, de fato. Que ele entendeu que não era brincadeira. Ele: “Poxa, eu estou tendo ciúme. Estou me sentindo ameaçado por isso”. Mas eu acho que tem isso, as pessoas não levam a sério, eu acho.  
Diego: como você se sentiu quando ele falou do ciúme dele com garotas?

Entrevistada 4: Eu acho que acabei gostando no fundo, porque acho que me senti mais... por que sei lá, parece que diminui como se a relação com a mulher não fosse uma ameaça, como se eu não pudesse me apaixonar por uma menina a qualquer momento e largasse ele. Ao mesmo tempo eu gostei quando ele meio que entendeu “Putz, não, pera aí. Uma mulher é uma pessoa tão interessante pra ela como seria um homem”. Tipo, não tem essa. Acho que sempre tem, tipo, essa escala hierárquica, assim, ela é mais feminina então ela é uma “bi” com mais tendências “héteros” e então, é meio: “Ah, é brincadeira”. E quando a menina é mais masculina e fala que é bi, pessoal acha que “Ah, ficou bêbada demais e deu um beijo num cara”. Sabe? “Essa aí gosta de mulher e tal”. Acho que sempre tem esse negócio, sempre tentam te colocar e acho que a gente mesmo às vezes, dependendo da fase, tende a se colocar mais num campo do que num outro e, não sei, mas por questão de pressão social. de fato, é sempre porque as pessoas perguntam. Gera uma curiosidade, né? Estranho, tipo: “Qual é a sua?”.

As caracterizações em torno da política interna presente no domínio da sexualidade (RUBIN, 2017) ressurgem a partir da dualidade masculino/ feminino e as formas de se conceber a bissexualidade, tal como examinado no capítulo anterior. O desejo correspondente às categorias mencionadas como mulher “mais feminina” e “menina mais masculina” estão relacionadas com as presunções sobre a legitimidade do desejo de pessoas bissexuais. Uma das formas de apagamento social da bissexualidade seria, a seu ver, a correlação entre “tendências” baseadas entre categorias binárias fixas, onde uma mulher “mais masculina” não poderia se interessar por homens, a não ser que esteja “bêbada”. Por outro lado, a mulher “mais feminina” brinca ao desejar outra mulher. A própria percepção de uma hierarquia que a “pressão social” sobre se “colocar mais num campo do que o outro” está acompanhada pelo ciúme tardio de seu namorado ao desconsiderar a possibilidade da jovem se envolver com outras mulheres. Na leitura da entrevistada, quando seu namorado percebeu que não se tratava de uma “brincadeira”, o ciúme surge como sentimento relevante para a entrevistada.

O ciúme é analisado por Simmel (1986) à luz de sua conceitualização sobre o conflito. Para o autor, o conflito seria uma forma social que propiciaria associação entre os indivíduos ao realizar o contato entre as partes. Ao contrário da indiferença, o conflito mobilizado pelos ânimos intensificados geraria ações recíprocas e resolveria o problema da unidade pelo apaziguamento ou dissociação. A primeira maneira seria o polo positivo onde as partes se reconciliariam; já a segunda seria marcada pelas sobreposições de forças. Em todo o caso, o conflito surge integrado às possibilidades de harmonia social. A unidade, por sua vez, é desenvolvida nos seguintes termos:

consideramos como unidade a coincidência e a coordenação de elementos sociais, em contraposição as suas cisões, isolamentos, desarmonia. Mas também é unidade e síntese geral das pessoas, energias e formas que

constituem, a totalidade final em que estão compreendidas, tanto as relações de unidade em sentido estrito, quanto as de dualidade (SIMMEL, 1986, p. 268 apud DOLZANI, 2013, p. 189).

Segundo o autor, o ciúme trataria do sentimento de inferioridade e de disputa que seria atribuído a uma terceira pessoa, o que ocasionaria o direcionamento de sentimentos negativos à pessoa que possui exatamente aquilo que outro deseja. Por essa perspectiva, o ciúme possuiria sua natureza pautada pelo caráter pessoal da dinâmica afetiva. Analisando o envolvimento amoroso segundo Simmel e sua relação com o ciúme, Dolzani comenta que:

No caso amoroso, o ciúme se funda na crença do direito de possuir alguém que por si é desejado intensamente, o direito sobre o objeto amado. Esta correlação produz um conflito em sua própria origem, pois estabelece direito sobre a vontade do outro-indivíduo, criando necessidade de certeza sobre aquilo que é incontrolável. O ciumento, por excelência é aquele que crê ter o direito de possuir. É o direito que se justifica na força do desejo. Quando acatado pela outra parte e também recíproco, a forma do ciúme estabelece unidade. É a posse sobre si aceita, deixando de gerar contradição. Entretanto, a própria forma do ciúme retém o seu contrário. Se é preciso criar o direito sobre algo é porque naturalmente ele não me pertence. A força do ciúme, quando ativa, deixa clara a fragilidade entre agente possuidor e objeto possuído (SIMMEL, 1986, p. 268 apud DOLZANI, 2013, p. 189).

O sentimento de unidade que é percebido no relacionamento amoroso acaba por ser negado real ou idealmente. O risco de aniquilamento da unidade ocorre quando a positividade e a negatividade entre o ter e o não ter se torna enfática. Por essa perspectiva, o conflito ocorreria no interior mesmo do indivíduo, perpassando as possibilidades de harmonia e dissociação. Seu caráter pungente toma forma quando a unidade perde seu equilíbrio e estabilidade, transformando o conflito em uma forma social internalizada.

Em relação ao relatado pela quarta entrevistada, o ciúme adquire efeitos positivos para o próprio relacionamento ao legitimá-la como bissexual:

Entrevistada 4: Teve uma amiga minha... olha mais uma pessoa que também é bi (risos). Eu comecei a ficar com ela e ela era atriz, também, e tal e a gente começou a ir pra peças juntas e ele começou a ficar com ciúme. Quando começou a ficar um quê mais relacionamentozinho ele: "Pera aí. Agora eu estou meio ameaçado com essa história". Mas ali também foi o que eu já te falei. Ali, naquele momento eu acho que minha sexualidade foi mais respeitada. Ao mesmo tempo não foi uma coisa ruim, assim. Eu fiquei meio: "Eu estava gostando mesmo da A. e realmente a gente colocou o relacionamento em risco".

O sentimento de ciúme, neste caso, possibilitou a permanência da unidade a partir do momento em que o apagamento social da bissexualidade, umas das inquietações da jovem, passou a ser refletido por vias indiretas pelo namorado.

Associada à ideia do relato anterior, onde o desejo por pessoas do mesmo gênero pôde ser encarado como uma forma de “brincadeirainha”, o ciúme do namorado funcionou como uma forma de confirmação de sua sexualidade. A positividade do conflito internalizado possibilitou a harmonia do relacionamento até o momento da entrevista realizada no dia 21 de novembro de 2018.

## CONCLUSÃO

A expressão “personalidade fosca”, que dá título à essa dissertação, foi utilizada durante a quarta entrevista. No contexto em que foi enunciada a entrevistada comentava sobre o que mais lhe atraía em outras pessoas, usando o termo “personalidade” para se referir aos atributos individuais e comportamentais que não podem ser facilmente classificados como masculino ou feminino, ou, a uma postura em que tanto a masculinidade como a feminilidade perdem sua fixidez baseadas na “presunção heterossexista” (RUBIN, 2017), tal como explicado no capítulo 3.

Ao tentar explicar o termo empregado no relato, a jovem não soube naquele momento precisar a sua definição, embora tenha sugerido a sua relação com a maneira de conceber a dualidade de gênero associada ao termo “postura”. Por “fosco”, ao buscar algumas definições no dicionário, pode-se perceber sua proximidade com a definição de “opaco”. Em ambos os termos, a condição de não ser transparente seria a principal descrição do objeto qualificado como tal; a diferença residiria em que, no primeiro caso, “fosco” se assemelha com “embaçado” ou “turvo”, enquanto “opaco” seria a condição material que impossibilita a passagem de luz. A semelhança entre os termos estaria então vinculada à sua condição constitutiva que impediria a sua fácil apropriação pelos olhos de quem observa. Em seu sentido conotativo, como utilizado pela entrevistada, “fosco” qualificaria uma forma de personalidade onde a fácil constatação da classificação entre a postura masculina e a postura feminina se dissolveria. Por fim, ela especifica essa perspectiva como algo que orienta o desejo e interesse de pessoas bissexuais, o “tesão bi”.

A personalidade implicada na subjetividade do indivíduo foi examinada por Sennett (2014) em sua obra “O Declínio do Homem Público”. Segundo o autor, as sociedades ocidentais, a partir do século XIX, são caracterizadas como intimistas, ou seja, sociedades nas quais a dimensão da intimidade passa a refletir as mudanças entre o domínio público e o privado. Pode-se citar três fatores que corroboraram para a transformação.

Em primeiro lugar estaria o surgimento do capitalismo industrial e a formação de grandes centros urbanos, o que transformou o domínio familiar em refúgio seguro e privado, no qual se conservava um padrão moral cuja função também consistia em avaliar a esfera pública. A produção em massa, a diversidade de pessoas e a

homogeneidade nas formas de condutas esperadas transformaram a sociabilidade na vida pública mais incerta e misteriosa, contrastando com a vida privada do lar.

Por seguinte, a partir de uma nova forma de secularização implicando na subjetividade, transformou-se a maneira pela qual os indivíduos experienciavam a vida pública. A partir deste momento, as sensações passaram a possuir um estatuto próprio como forma de dar sentido à esfera da vida privada. As emoções adquiriram uma importância máxima ao possibilitar a compreensão entre experiências e sensações resultantes. A vida pública deixou de ter importância em si mesma para se encontrar implicada nas formas pelos quais os indivíduos davam sentido a suas próprias experiências individuais, pistas para acessar o campo da interioridade individual a partir do esmorecimento entre o pessoal e o impessoal.

O terceiro fator seriam as mudanças na possibilidade de transgressões dos padrões morais que haviam sido constituídos no âmbito familiar. O foco sendo as sensações que as experiências proporcionavam, a vida pública se tornou o espaço destinado às possibilidades de criar contraste entre o padrão moral estabelecido no domínio familiar. Por essa perspectiva, as experiências obtidas na vida social, a partir da interação entre estranhos, passam de um foco no coletivo e público para o individual e privado.

A união destes três fatores constitui o processo histórico que deu forma ao que Sennett chama de sociedade intimista, período a partir do qual a experiência da vida pública passou a ser subjugada ao significado subjetivo atribuído por cada indivíduo. Por conseguinte, a busca pela expressão autêntica do eu, pautada pela formação de um novo modelo de subjetividade em relação à vida social, passou a equivaler à busca pelo conteúdo expresso proveniente da intimidade de cada pessoa. A expressão autêntica e peculiar da interioridade passou a ser valorada positivamente, enquanto a personalidade passou a ser entendida como algo que não é controlável, com existência e força próprias, algo a ser descoberto e revelado como expressão autêntica do indivíduo. A formação subjetiva que passou a predominar foi caracterizada por Sennett pela emergência do narcisismo, pautada na imersão do indivíduo em si mesmo, na busca individual do eu e em sua manifestação idiossincrática.

Nos relatos examinados, pode-se perceber a maneira pela qual o termo “personalidade” é concebido a partir de sua definição intimista, ao deslocar o foco do interesse sexual no gênero para a personalidade individual. Ao negarem preferência

em relação ao gênero e a transferirem para a “personalidade”, emerge o movimento de despadronização do termo, pois, de outra forma se tornaria impossível conceber o interesse nesses termos caso as interioridades individuais fossem equivalentes. Ao conjunto desses atributos individuais, expressos no “jeito” e na “postura”, pode-se compreender a tentativa de legitimar a bissexualidade, ou, pelo menos, defender-se das categorias de acusação mais comumente difundidas, que desacredita o desejo por pessoas do mesmo gênero e de gênero oposto.

Ao negar a preferência, nega-se também a possibilidade da dúvida, da farsa e da mentira. A personalidade parece operar de maneira fundamental para consolidar uma ideia de imparcialidade de gênero quanto ao desejo individual. No entanto, as constantes variações e tendências encontradas nos próprios relatos são compreendidas como efeitos de contextos de acordo com a trajetória de cada entrevistado. Por essa perspectiva, relacionar-se mais com mulheres ou mais com homens não imputaria ao desejo a predominância de uma das partes.

A qualificação da personalidade como sendo “fosca”, entretanto, adquire contornos adicionais ao se manter associada às condutas relativas ao gênero. Se por um lado, baseando-se no contexto em que foi sugerido, ela denotaria o esmorecer das fronteiras fixas entre a definição de homem e da postura masculina, e de mulher e da postura feminina, onde a autenticidade expressiva baseada na conduta se justifica justamente pela condição fosca das categorias binárias rígidas. A possibilidade de transgressão destas regras relativas ao masculino e ao feminino está integrada aos próprios roteiros sexuais dos jovens entrevistados na interface entre os roteiros intrapsíquicos e os interpessoais através dessa maneira como valorizam a condição “fosca” das normas de gênero em seus parceiros.

Por outro lado, a interface entre os roteiros intrapsíquicos e o cenário cultural possibilitou a reflexão sobre a forma de conceber a bissexualidade e a projeção do desejo a partir das características que contemplam a “personalidade fosca”. A maneira como concebem a bissexualidade, em diálogo com a heterossexualidade e a homossexualidade, as definições sobre o masculino e o feminino, as categorias usadas para classificar as condutas sexuais ou afetivas baseadas no gênero, constituem as considerações e mapeamentos pessoais de acordo com os materiais advindos dos cenários culturais e dos contextos em que situam as interações sociais.

As emoções tiveram papel fundamental na compreensão das dinâmicas internas sobre a exposição e o ocultamento da bissexualidade. Nas cenas relatadas,

o campo afetivo surge de diferentes maneiras de acordo com o enquadramento das situações realizadas pelos entrevistados. No entanto, contribuiu para examinar de que forma as tramas narradas possibilitaram a compreensão das especificidades do armário de pessoas bissexuais, cujas fronteiras entre a exposição e segredo, ambas relacionadas ao apagamento social, são direcionadas tanto para o campo da heterossexualidade quanto da homossexualidade. Os relatos onde as emoções emergiram possibilitam compreender os efeitos das categorias de acusações para os jovens, a forma como interpretaram a dinâmica interpessoal e suas respostas afetivas em momentos chaves onde a interpelação sobre a bissexualidade se tornou relevante.

## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. A Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In LUTZ, C. A., ABU-LUGHOD, L. *Language and the politics of emotion*. Cambridge, University Press, 1990. p. 1-23.

ANGELIDES, S. *A history of bisexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

ARMSTRONG, Elizabeth. *Traitors to the cause? Understanding the lesbian/gay "bisexuality debates"*. In: bisexual politics: theories, queries & visions (ed. Naomi Tucker). Binghamton, NY: Harrington Park Press, 1995.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DOLZANI, M. *As formas eróticas em Simmel*. In: Revista Intratextos, 2013, vol. 4, nº1, p. 180-193.

DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

GAGNON, J. H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GARBER, M. *Vice-Versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOFFMAN, E. *Comportamentos em Lugares Públicos: nota sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

\_\_\_\_\_. Footing. In: BRANCA, T. R.; Pedro M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis, Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GOULD, D. Rock the boat, don't rock the boat, baby: ambivalence and the emergence of militant AIDS activism. In: GOODWIN, J.; JAPER, J.; e POLLETTA, F.

(orgs.) *Passionate politics: emotions and social movements*. Chicago and London: Chicago University Press, 2001.

HOCHSCHILD, A. R. Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: COELHO, M. C. (org.) *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LAGO, R. F. Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? In: HEILBORN, M. L. (org.) *Sexualidade: um olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo, gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, D. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEWIS, S. E. “*Não é uma fase*”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LOURO, G. L. Uma política pós-identitária para a educação. In: *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LUTZ, C. A. *Unnatural Emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de “Eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.) (1998) *Sociolinguística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 159pp

ROSALDO, Michelle. *Toward an anthropology of self and feeling*. In: SHWEDER, R.; LEVINE, R (Ed.) *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*. Cambridge: Cambridge university press, 1984.

RUBIN, G. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SEDGWICK, E. K. 2007. "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu*, Campinas. Jan.-jun. 2007. Nº 28, 19-54.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SPARGO, T. Foucault e a teoria Queer. In: *Foucault e a teoria Queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós seculares*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

STORR, M. Editor's introduction. In: STORR, M. (org) *Bisexuality: a critical reader*. New York: Routledge, 1999.

TUCKER, N. Introduction. In: TUCKER, N. (org.) *Bisexual politics: theories, queries & visions*. Binghamton: Harrington park press, 1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

UDIS-KESSLER, A. Identity/politics: a history of the bisexual movement. In: TUCKER, N. (org) *Bisexual politics: theories, queries & visions*. Binghamton: Harrington park press, 1995.